



Anderson Batista Monteiro

**Os sacramentos como continuação dos atos de
Cristo na Igreja**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana

Rio de Janeiro
Março de 2017



Anderson Batista Monteiro

**Os sacramentos como continuação dos atos de
Cristo na Igreja**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
Departamento de Teologia
PUC-Rio

Prof. Nelson Francelino Ferreira
Diocese de Valença

Prof^a. Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de março de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Anderson Batista Monteiro

Graduou-se em Filosofia na PUC-Rio em 2010 e em Teologia no ISTARJ em 2013. Ordenado sacerdote em 2014, pertence ao clero da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Monteiro, Anderson Batista

Os sacramentos como continuação dos atos de Cristo na Igreja / Anderson Batista Monteiro; orientador: Luiz Fernando Ribeiro Santana. – 2017.

101 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Sagrada escritura. 3. Profetas. 4. Sacramento. 5. Padres da Igreja. 6. Concílio Vaticano II. I. Santana, Luiz Fernando Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

Ao meu orientador Professor Luiz Fernando Ribeiro Santana pelo estímulo constante e pelo acompanhamento paciente em todas as etapas deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ser realizado.

À minha família pelo alicerce seguro, pela torcida e pelo incentivo.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUC-Rio pelos ensinamentos e pela ajuda.

A todos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Santa Cruz e da Paróquia Imaculada Conceição em Botafogo, nas pessoas do padre Jorge Pereira Bispo e do cônego Marcos William Bernardo, pelos trabalhos realizados e pela fraternidade sacerdotal.

Aos meus amigos de perto e de longe que me estimularam e ajudaram.

Resumo

Monteiro, Anderson Batista; Santana, Luiz Fernando Ribeiro. **Os sacramentos como continuação dos atos de Cristo na Igreja**. Rio de Janeiro, 2017. 101 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir do diálogo promovido pelo Movimento Litúrgico e pelo Concílio Vaticano II, entre a exegese, a patrística e a teologia dogmática, tem sido possível redescobrir um conceito mais bíblico, eclesial e profético dos sacramentos celebrados pela Igreja. Os sacramentos, à luz do pensamento conciliar, têm sido abordados pela teologia como atos do próprio Cristo, que se prolongam na vida de sua Igreja. O fio condutor de nossa pesquisa é a relação profunda que existe entre a teologia das ações simbólicas dos profetas e as de Jesus, as quais se prolongam nas celebrações litúrgicas da comunidade cristã e no testemunho vivencial dos batizados. Por meio dessas celebrações, os que creem são inseridos na vida do Ressuscitado e chamados a prolongar em suas vidas as palavras e ações de Cristo. Desse modo, os fiéis tomam consciência de exercerem o ministério profético que lhes foi confiado no batismo. A compreensão dos sacramentos como ações proféticas é capaz de revelar à própria Igreja a missão profética que é chamada a exercer no mundo de hoje, bem como a sua condição de sacramento de Cristo em prol da salvação de todos os homens.

Palavras-chave

Sagrada Escritura; profetas; sacramento; Padres da Igreja; Concílio Vaticano II.

Abstract

Monteiro, Anderson Batista; Santana, Luiz Fernando Ribeiro (Advisor). **The sacraments as a continuation of the acts of Christ in the Church**. Rio de Janeiro, 2017. 101 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

It has been possible to rediscover a more biblical, ecclesial and prophetic concept of the sacraments celebrated by the Church through the dialogue promoted by the Liturgical Movement and the Second Vatican Council, between exegesis, patristics and dogmatic theology. The sacraments, in light of the conciliar thought, have been approached by theology as acts of Christ himself, and they have continued in the life of his Church. The guiding thread of our research is the deep relationship that exists between the theology of prophets symbolic actions and those of Jesus, which are extended to the liturgical celebrations of the Christian community and in the lived witness of the baptized. Through these celebrations, those who believe are inserted into the life of the Risen One and they are called to prolong in their own lives the words and actions of Christ. In this way, the ones who have faith become aware of exercising the prophetic ministry entrusted to them by baptism. The understanding of the sacraments as prophetic actions is able to revealing to the Church the prophetic mission that it is called to practice in the world of today, as well as its condition as the sacrament of Christ for the salvation of all men.

Keyword

Holy Scripture; prophets; sacrament; Fathers of the Church; Vatican Council II.

Sumário

1. Introdução	8
2. A teologia bíblica das ações simbólicas	13
2.1 Profecia e ação simbólica em Israel.....	13
2.2 As ações simbólicas no profetismo bíblico	19
2.3 A natureza profética do ministério de Jesus.....	28
3. As ações proféticas de Cristo prolongadas na Igreja das origens.....	37
3.1 O testemunho profético na comunidade primitiva	37
3.2 As ações proféticas dos mártires da Igreja.....	45
3.3 O testemunho litúrgico-profético nos Padres da Igreja.....	54
4. A missão profético-litúrgica da Igreja hoje.....	63
4.1 Aspectos da teologia sacramental no Concílio Vaticano II	63
4.2 A missão profética do cristão à luz da teologia conciliar	71
4.3 Os atos proféticos de Jesus prolongados nos atos da Igreja	77
5. Conclusão	88
6. Referências bibliográficas	93

1 Introdução

O Concílio Vaticano II pode ser considerado um dos maiores eventos eclesial e teológico do século XX. Ainda hoje, os documentos publicados pelo Concílio continuam sendo objeto de estudo por parte de inúmeros teólogos. Além do que, o próprio Magistério da Igreja prossegue aprofundando e redescobrimdo as intuições contidas nos textos conciliares, com o intuito de aplicar as orientações que ali permanecem sempre vivas; é dessa forma que se dá um perene *aggiornamento* do mistério da Igreja. Estamos ainda celebrando os cinquenta anos de encerramento do Concílio Vaticano II. Essa fase pós-conciliar, tem sido marcada por uma produção teológica bastante fecunda e promissora, porque tem procurado mergulhar nos fundamentos e na essência do legado conciliar. Nos campos da eclesiologia, da liturgia e da teologia dos sacramentos isso transparece com evidência.

Os movimentos bíblico, patrístico, litúrgico, pastoral e ecumênico que eclodiram no cenário eclesial na primeira metade do século XX foi um fator preponderante para que pudéssemos ter o acontecimento do Concílio Vaticano II. Ele outra coisa não é senão um fruto amadurecido do longo e desafiante fermentar das descobertas e iniciativas do Movimento Litúrgico.

Essa corrente de vida banhou de vitalidade a Igreja do século passado. Brotou e rapidamente se estendeu pelo continente europeu e depois para outros lugares, gerando entre os cristãos estupor e esperança. A magnitude desse Movimento se deu pelo fato de ele se ancorar, do começo ao fim, nas fontes da Sagrada Escritura e da teologia dos Padres da Igreja, o que o propiciou redescobrir o mistério da Igreja e a sua vocação de celebrar e testemunhar o mistério pascal de Cristo. Daqui deriva a importância capital da espiritualidade litúrgico-sacramental e da missão da Igreja diante no mundo de hoje.

Nesse panorama de renovação é de nosso interesse destacar o contributo do Movimento Litúrgico, do Vaticano II e da teologia pós-conciliar no que concerne a uma renovada e autêntica compreensão e celebração dos sacramentos da Igreja.

É sabido que no primeiro milênio da vida da Igreja, os termos *mysterion* e *sacramentum* eram usados para indicar as várias ações rituais que envolviam o mistério do culto cristão, tais como a presença de Cristo entre os seus, a Igreja, a Sagrada Escritura, o Ano Litúrgico em suas etapas celebrativas (domingo,

quaresma, páscoa, natal etc.). Foi somente a partir do século XII (e, sobretudo, com o Concílio de Trento), que o conceito de “sacramento” foi delimitado, passando a indicar apenas os sete sacramentos da Igreja.

Essa rígida delimitação empobreceu bastante a compreensão dos sinais sacramentais como celebração do *mystérion*, isto é, segundo a concepção paulina, como celebração do plano divino da salvação projetado por Deus, já antes da criação do mundo plenamente realizado por Cristo. Dessa forma pensa a Revelação e a teologia dos Padres da Igreja. Para vislumbrar um pouco da riqueza de *mystérion* e *sacramentum*, fonte da vida cristã dos primeiros séculos, julgamos oportuno nos reportar à teologia litúrgico-sacramental do Concílio Vaticano II; de forma eloqüente e profunda ela é capaz de expressar aquilo que aqui não conseguiríamos desenvolver. Ela é fundamental para a proposta sacramental de nossa Dissertação: “Deus, que ‘quer salvar e fazer chegar ao conhecimento da verdade todos os homens’ (1Tm 2,4), ‘havendo outrora falado muitas vezes e de muitos modos aos pais pelos profetas’ (Hb 1,1), quando veio a plenitude dos tempos, enviou seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para evangelizar os pobres, curar os contritos de coração [...]. Esta obra da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a, Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por este mistério, Cristo, ‘morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, recuperou a nossa vida’. Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (SC 5).

Com o avanço das pesquisas que tem ocorrido na esfera da teologia dos sacramentos tem sido possível encontrar os fundamentos do mistério sacramental, em si mesmo e no âmbito vital da celebração litúrgica. Sempre que celebrados, os sacramentos manifestam a sua realidade através de palavras e atos. Isso significa que, ao mesmo tempo que foram instituídos por Cristo e entregues à Igreja, eles estão em plena linha de continuidade com a missão dos profetas de Israel e de Jesus. Convém recordar ainda um outro pensamento do Vaticano II, que tão bem sintetiza a continuidade que existe entre aquela que foi a missão de Cristo e a da Igreja hoje, sobretudo no que se refere aos sacramentos como ações que prolongam no “hoje” da comunidade cristã o mistério da salvação: “Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também ele enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para

pregarem o Evangelho a toda criatura [...], mas também para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica” (SC 6).

Os sacramentos, portanto, são atos proféticos da Igreja e têm sua origem nos ‘*ôt* proféticos da profecia veterotestamentária e, sobretudo, nos sinais (*semeíon*) que acompanharam o ministério messiânico de Jesus de Nazaré, o qual “Deus ungiu com Espírito Santo e poder; ele passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele” (At 10,38).

Nossa Dissertação se propõe a identificar os atos sacramentais celebrados “na” e “pela” Igreja no húmus da revelação bíblica, a saber, na atividade dos profetas de Israel e nos atos e nas palavras de Jesus, segundo os relatos evangélicos. Esses atos e palavras se tornam vivos, atuais e operantes na vida e missão da Igreja. Sobre isso nos fala muito bem o Catecismo da Igreja Católica: “Como ‘forças que saem’ do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante, ações do Espírito Santo em operação em seu corpo que é a Igreja, os sacramentos são as ‘obras de Deus’ na nova e eterna Aliança” (n. 1116).

No primeiro capítulo, apresentaremos as principais referências bíblicas das ações simbólicas dos profetas de Israel e dos atos proféticos de Jesus. Cientes da profundidade e extensão dessa questão nos dois testamentos, fomos constrangidos a fazer um recorte e selecionar aqueles testemunhos que, segundo o nosso parecer, melhor expressavam a nossa proposta temática. Certamente uma difícil, mas necessária, escolha. O fato é que, à luz da revelação bíblica, a missão dos profetas nos auxiliam a compreender a missão profética que Deus destinava a todo o seu povo. Na “plenitude dos tempos”, Jesus se apresenta como aquele sobre o qual paira o Espírito do Senhor, dinamismo de vida, que o capacitaria a realizar a obra de Deus por palavras e gestos.

No capítulo seguinte, procuraremos mostrar que o profetismo do antigo Israel e o ministério profético de Jesus se prolongam na comunidade dos cristãos. Na força do Espírito, que os havia constituído como corpo de Cristo, eles se viam numa linha de continuidade com as ações do Ressuscitado, sempre presente em sua Igreja, mormente quando ela se reunia para o culto a ser prestado a Deus por meio dos sacramentos. A missão dos cristãos brotava da consciência de serem continuadores da obra de Cristo no mundo; aliás, o próprio Senhor lhes assegurava isto: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome

do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estarei convosco todos os dias, até a consumação dos tempos” (Mt 28,20).

Nos primeiros séculos da Igreja, a missão profética dos batizados encontra uma vivíssima expressão nos mártires, que, por gestos e palavras, testemunharam o Ressuscitado e o amor de Deus por todos os homens; e o fizeram com a entrega da própria vida. No relato dos martírios documentados, sobretudo, nos II e III séculos, podemos perceber que o testemunho profético dos fiéis, em geral, estava vinculado à celebração litúrgica. No momento do martírio, os cristãos falavam e agiam como estivessem reproduzindo os atos litúrgicos que costumavam celebrar, de modo particular na Eucaristia. Isso mostra como era visceral e profunda a relação que para eles existia entre celebrar os mistérios de Cristo, viver desses mistérios celebrados e morrer em total sintonia com eles; inclusive na alegria de serem considerados dignos de tal morte. Celebração e vida era, para eles, uma única realidade.

A partir dos séculos IV e V, época áurea da teologia e catequese dos Padres da Igreja, nos encontramos com uma necessidade de formulação dos ritos litúrgico-sacramentais, já em atividade na Igreja, com a finalidade de se gerar naqueles que desejavam se tornar cristãos uma clara consciência daquilo que iriam assumir. É o tempo das catequeses mistagógicas, expressão florescente de uma Igreja que se sabia na missão de ser testemunha do Evangelho e continuadora das palavras e dos gestos de Jesus. A comunidade cristã dessa época sabia que nos atos sacramentais da Igreja residiam a fonte do ser e do agir cristão; afinal de contas, segundo o pensamento de então, os sinais sacramentais, tesouro confiado aos batizados, reproduziam e atualizavam as ações de Jesus na história e no mundo. De tal modo isso é fundamental que podemos falar em um profetismo sacramental na teologia e práxis catequético-pastoral dos Padres da Igreja.

O capítulo terceiro de nossa pesquisa contempla alguns aspectos relevantes da teologia sacramental proposta pelo Concílio Vaticano II. Este Concílio epocal gerou na Igreja uma profunda consciência de sua identidade e missão no mundo. A teologia conciliar buscou nas fontes bíblicas e patrísticas as motivações para sua renovação interior. Não é de se estranhar como a doutrina e teologia do Vaticano II sejam tecidas fundamentalmente a partir de uma teologia bíblica com um forte respaldo patrístico.

Os padres conciliares redescobrem o caráter profético da Igreja e, por sua vez, do cristão. O profetismo daqueles que creem em Cristo será capaz de anunciar ao mundo de hoje a salvação destinada a todos os homens. Será uma mensagem anunciada por palavras e, sobretudo, pelo testemunho concreto dos membros do corpo de Cristo.

2 A teologia bíblica das ações simbólicas

2.1 Profecia e ação simbólica em Israel

A profecia em Israel, descrita nos livros do Antigo Testamento, encontra antecedentes nas culturas de outros povos antigos. O fenômeno profético também existia em regiões do Antigo Oriente como Egito, Mesopotâmia, Mari e Canaã¹. O desejo de conhecer os acontecimentos futuros e, de alguma maneira, dominá-los atraía o interesse pelo profetismo. Por meio de procedimentos mânticos, técnicas para alcançar o acesso às divindades, esses povos acreditavam que, de alguma forma, tal conhecimento poderia ser útil para a tomada de decisões e que os deuses poderiam transmitir a informação desejada².

O mais próximo da realidade profética israelita é o profetismo praticado na cidade de Mari³. Entre diversas semelhanças, podemos destacar que a revelação em Mari não é fruto de deduções instrumentalizadas, mas fruto da comunicação divina à homens que anunciam a profecia ao seu rei⁴. Da mesma maneira, o profetismo israelita não se utiliza de nenhuma técnica instrumentalizada. A profecia em Israel está centrada na revelação de Deus, o qual toma a iniciativa de comunicar sua mensagem aos homens, por meio de visões e palavras. O profeta depende unicamente de Deus que se comunica diretamente aos homens.

Em Israel, a vocação do profeta nasce no contexto de um povo, ele é chamado por Deus para orientar seus irmãos no caminho da fé e da obediência ao Senhor. Ao

¹ Cf. ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas*. v. I. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 26.

² Os procedimentos mânticos consistiam, por exemplo, na observação de elementos da natureza, tal como a posição da lua em relação ao sol e a das estrelas. O mesmo se verificava com os fenômenos atmosféricos, como a cor das nuvens e sua semelhança com outros objetos que poderiam ser considerados como sinais reveladores do divino. Também eram utilizados para desvendar o futuro: a observação de animais, da forma da fumaça dos sacrifícios, do movimento da água e da sorte tirada com pequenas pedras, bastões ou varetas. Outra forma para se adquirir o conhecimento desejado era o contato com as divindades através da comunicação com os mortos. Entre os povos antigos, com efeito, existia a crença de que os defuntos teriam poderes sobrenaturais de conhecimento.

³ Mari, cidade-estado da Babilônia, está à margem ocidental do rio Eufrates. Em 1933 descobre-se o palácio real com vinte e cinco mil tabuinhas de argila da época do rei Zimri-Lim (1779-1757 a.C.). Cerca de cinquenta desses escritos referem-se a figuras e oráculos proféticos.

⁴ Cf. SICRE DIAZ, J. L. *Profetismo em Israel. O profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 225.

chamar alguém para a missão profética, Deus age com total liberdade, uma vez que chama a quem quer, como e quando quer. Ele não leva em conta a condição social, a profissão, o grau de cultura, a idade e nem o sexo daquele que chama⁵. É no cotidiano dos homens que Deus chama alguém para a missão de comunicar sua Palavra. Com isso, a vida do profeta é o “local” do encontro com o Senhor. A vocação daquele que é eleito, em geral, está contextualizada numa experiência divina, que marca profundamente a sua existência e exige dedicação de toda a vida a serviço de Deus. A vida do profeta é marcada por uma experiência ininterrupta de Deus nos mais diversos aspectos de sua vida: “Deus não irrompe na vida deles somente no princípio. Vão descobrindo a Deus dia por dia, e assim se completa essa imagem inesgotável do Santo ou da Glória de Deus”⁶.

No centro da profecia está a Palavra divina que é revelada ao profeta, e deve ser comunicada com fidelidade ao seu destinatário. A profecia proclamada não se refere a fatos desconexos com o seu tempo; o profeta sempre anuncia a partir de sua experiência de fé, de sua própria vida, com palavras ou com ações. De tal forma, o profeta participa da mensagem que anuncia, ele próprio torna-se um sinal profético: sua vida é profundamente marcada pelo falar e agir de Deus. Ezequiel, por exemplo, “come” o rolo da Palavra, para, em seguida, transmiti-la ao povo (cf. Ez 3,1-4). Isaías, por sua vez, tem seus lábios tocados por Deus com uma brasa acesa, sinal do recebimento do dom da profecia e do chamado a acolher e anunciar a Palavra (cf. Is 6,6-7). Esses são apenas alguns exemplos de ações simbólicas que mostram a relação existente entre o profeta e a Palavra que ele anuncia.

Os profetas de Israel viviam em uma profunda relação com a Palavra de Deus. De tal maneira que a mensagem do profeta passa a estar ligada e subordinada à pessoa e ao nome de Deus. Por isso, os livros proféticos aparecem sob o nome de uma pessoa individual. Eles fazem parte de uma herança literária na qual as mensagens destinadas ao povo de Israel aparecem sob o nome de uma pessoa, que assume a responsabilidade daquilo que anuncia.

⁵ Podemos indicar os chamados de Moisés que era pastor de ovelhas, Amós era vaqueiro, Isaías pertencia à nobreza de Jerusalém e Ezequiel era de família sacerdotal. Além disso, apesar da maioria dos profetas terem sido homens, não faltaram mulheres a receber o ministério profético, por exemplo, Débora (Jz 4,4-7), Miriam (Ex 15,20) e Holda (2Rs 22,14-20) (cf. BALLARINI, T. – BRESSAN, G. *O profetismo bíblico. Uma interpretação ao profetismo e profetas em geral*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 33-34).

⁶ SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 119.

Deus se dirige a um indivíduo de forma exclusiva e inédita em Israel, fazendo deste indivíduo o arauto duma revelação única. Este homem não era substituível, e a palavra que lhe era confiada não podia ser transmitida alhures; ele era o único a conhecê-la e o único responsável por sua transmissão conscienciosa⁷.

O profeta é o homem a quem Deus dirigiu sua Palavra e que, por isso, tornou-se seu autêntico porta-voz. Ele assume a mensagem divina como sua e a transmite aos seus destinatários. Ele não é somente o homem da Palavra, mas o “homem-palavra”, que “com” e “na” própria vida realiza o anúncio dos desígnios de Deus.

Em relação ao vocábulo “palavra”, devemos destacar a diferença do valor semântico que possui na língua grega (*logos*) e na língua hebraica (*dabar*). Enquanto a mentalidade grega entende “palavra” como uma representação abstrata, na língua hebraica designa um princípio ativo que realiza o que indica, ou seja, possui um conteúdo dinâmico de que tudo aquilo que o *dabar* de Deus anuncia é criado, é realizado. Compreende-se assim, a força criadora da Palavra divina e o seu significado no relato bíblico, nele a Palavra não apenas anuncia os acontecimentos da salvação, mas também os concretiza.

O povo de Deus, destinatário da Palavra profética, deve reconhecer no profeta a mensagem do próprio Deus. Se não houver essa identificação a mensagem cairá em descrédito, pois o mensageiro deve ser reconhecido como boca de Deus e sua Palavra, recebida pelos ouvintes. Esse reconhecimento provoca uma relação de dependência entre a Palavra divina e a pessoa do profeta. Com efeito, a profecia não é uma mensagem exterior, indiferente à vida do profeta, ela entra em sua vida e a determina⁸. A vida do profeta torna-se um anúncio profético, ele profetiza em sua própria “carne”: através da morte de sua esposa que não foi lamentada (cf. Ez 24,16s) ou por meio do amor que não lhe é atribuído (cf. Os 2,4), por exemplo⁹.

Na história de Israel são identificados como profetas não apenas os autores inscritos na relação dos livros proféticos, mas todos aqueles que se identificam com um ou outro atributo das figuras proféticas. Abraão é profeta por interceder pelo povo pecador, como fez Jeremias (cf. Jr 18,20) e Amós (cf. Am 7,2.5) – por essa

⁷ VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. v. II. São Paulo: ASTE: 1974, p. 77.

⁸ Cf. LIMA, M. L. C. *Mensageiros de Deus. Os profetas e profecias no antigo Israel*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : São Paulo: Reflexão, 2012, p. 20-21.

⁹ Usaremos em nossa pesquisa a versão da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

semelhança, ele recebe o nome de profeta (cf. Gn 20,7)¹⁰. Aarão é profeta por ser porta-voz de Moisés e por ter sido escolhido por Deus para essa missão (cf. Ex 7,1). Miriam é chamada de profetisa. Após a passagem pelo Mar Vermelho, ela proclama as maravilhas do Senhor através de um inédito feito profético – toma o pandeiro em suas mãos e se põe a dançar para anunciar a vitória do Senhor (cf. Ex 15,20) – mostra a relação que existe entre profetismo e música. Por sua vez, Samuel mostra-se como profeta na medida em que escutou a voz do Senhor e aceitou o chamado a transmitir suas palavras (cf. 1Sm 3,19)¹¹.

Moisés, de forma particular, será considerado um grande profeta e um mediador entre Deus e os homens; será ainda chamado “servo do Senhor” (cf. Dt 34,5). Obediente à voz de Deus, ele não só é modelo de profeta, como também, ocupa um lugar especial entre os demais profetas, afinal Deus falava com ele face a face, como um homem fala com outro homem (cf. Ex 33,11). No livro de Oséias, Moisés é descrito como o intermediário para a libertação de Israel do Egito (cf. Os 12,14). Ali ele aparece não apenas como um “homem da Palavra”, mas também como um “homem da ação”: caminha à frente do seu povo, apontando o caminho rumo à Terra Prometida. R. Scott reconhece Moisés “como um homem que conhecia a presença e a vontade moral de Deus como uma experiência intensa, que discernia seus desafios nos eventos e situações correntes, e que declarava que Javé exigia obediência e lealdade”¹².

Outros dois personagens importantes para a profecia antiga são Elias e Eliseu. O primeiro é citado no livro de Malaquias como aquele que irá anteceder o “dia do Senhor” (Ml 4,5) e é associado à figura de Moisés, portanto, reconhecido também como um profeta. É oportuno notar alguns pontos em comum entre a experiência profética vivida por Elias e Moisés: como Moisés, Elias recebeu uma revelação no monte Horeb (cf. 1Rs 19,9-19; Ex 33,18-23). Assim como Moisés, Elias também não possui um túmulo em lugar conhecido (cf. 2Rs 2,1-13; Dt 34,5-6).

Em outras referências do profeta Elias nos textos bíblicos, ele é apresentado como aquele que virá outra vez para o julgamento e a para a vinda do Messias: “Eis

¹⁰ O título de profeta para Abraão é de caráter honorífico, isto é, desprovido de valor em relação a história da profecia em Israel.

¹¹ Além desses, são mencionados nos livros históricos como profetas: Débora (cf. Jz 4, 4-5), Natan (cf. 2Sm 7, 1-2), Miqueias (cf. 2Rs 22), Jonas (cf. 2Rs 14,25), Elias e Eliseu, que veremos mais a frente, e a profetisa Hulda (cf. 2Rs 22,14).

¹² SCOTT, R. *Os profetas de Israel. Nossos contemporâneos*. São Paulo: ASTE, 1968, p. 70.

que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível”. (Ml 3,23). No Novo Testamento, Elias é equiparado à figura de João Batista. O próprio Jesus reconhece em João o cumprimento da expectativa do povo em relação ao retorno do profeta (cf. Lc 1,17).

Eliseu, por sua vez, é discípulo de Elias. Diferente de seu mestre, Eliseu não viveu isolado, mas se uniu a uma comunidade de profetas, com os quais conviveu e desenvolveu seu ministério¹³. Ele é apresentado como um taumaturgo que supera Elias em número de milagres e que realizou prodígios entre os mais pobres e necessitados. Como um “homem-ação” envolveu-se também em questões políticas, como a influência que exerceu em Damasco para o reinado de Hazael (cf. 2Rs 8,7-15): “Eliseu considerou-se precisamente como órgão da proteção e da sobrevivência de Israel – do verdadeiro Israel, o único que tinha direito à existência diante de Deus”¹⁴.

No século VIII a.C. surge um novo fenômeno para a profecia em Israel: a conservação por escrito da mensagem profética. O profeta Amós é o primeiro a deixar o registro de seu anúncio. Ele ou seus discípulos foram os que deram início à prática de preservar por escrito o conteúdo dos oráculos de Iahweh. Da mesma época, encontra-se também a redação de Oséias, de Isaías, e de Miquéias. Conhecido como o século de ouro da profecia em Israel. Os mensageiros dessa época destacavam os aspectos sociais, políticos e religiosos. E após um período de silêncio, a profecia será retomada no final do século VII por Jeremias, Sofonias, Naum, Habacuc e Ezequiel, na Babilônia, além de outros profetas após o exílio babilônico.

O registro escrito da profecia marca uma nova época para o profetismo israelita. Além da propagação do oráculo, J. L. Sicre Diaz acredita que a transcrição das profecias em Israel foi motivada pelo conteúdo do anúncio dos profetas. As palavras enunciadas marcaram intensamente os seus ouvintes, estes receberam algo novo que não poderia ser esquecido. A novidade rompe as estruturas institucionais, já apodrecidas. Um anúncio diferente dos realizados pelos profetas anteriores que

¹³ Cf. VIRGULIN, S. “Elías-Eliseo”. In: ROSSANO, P. et al. (orgs.). *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Paulinas, 1990, p. 495.

¹⁴ VON RAD, G. *op. cit.* p. 32.

defendiam que os erros poderiam ser solucionados conservando a mesma estrutura¹⁵.

A mensagem profética é confiada ao profeta para guardá-la, escrevê-la e transmiti-la (cf. Is 8,16; 30,8 e Hab 2,2). Outra finalidade do texto escrito é a proclamação posterior do anúncio para outras pessoas (cf. Is 8, 16-20; Jr 51, 59-64; Hab 2,2). Alguns dos escritos foram documentados na mesma época do ministério do profeta, as profecias eram reunidas por seus discípulos e seguidores para a conservação da mensagem. Eles incluíram também textos biográficos sobre o profeta, reelaboraram alguns dos oráculos e até mesmo acrescentaram outros oráculos, havendo, assim, um espaço de tempo entre a forma oral e a forma escrita.

Para a transmissão da mensagem, além da palavra, o profeta se utiliza de sinais, chamados de “ações simbólicas”; por meio delas Deus se utiliza inúmeras vezes para falar ao seu povo. Na Sagrada Escritura, o termo “sinal”, *’ôt* no hebraico e *semeïon* no grego, aparece por cerca de oitenta vezes no Antigo Testamento e setenta vezes no Novo Testamento¹⁶. Este termo indica uma pedagogia dos sinais, de Deus que age constantemente no meio do seu povo. As ações simbólicas realizadas pelos profetas no Antigo Testamento trazem em si uma capacidade de atrair a atenção dos destinatários da mensagem, de forma mais expressiva do que a própria palavra. Por essas ações Deus revela seu plano de salvação.

G. Von Rad reconhece a dificuldade em compreender o valor desses sinais como revelação divina. Foi preciso um longo tempo para que os exegetas reconhecessem o valor significativo dos sinais proféticos. As ações realizadas pelos profetas não eram simplesmente uma ilustração pedagógica da pregação, mas representavam um ato verdadeiramente profético, por meio delas, os profetas comunicavam a mensagem divina. Esta realidade assemelha-se de certa forma ao valor do sinal entre as antigas culturas. Nelas, o sinal realça a realidade, cumpre uma função criadora e muitas vezes exerce um papel mais importante do que a

¹⁵ Acerca desse pensamento conferir em SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 242: “No século VIII ocorre um fenômeno novo dentro da profecia de Israel: o aparecimento de profetas que deixam sua obra por escrito. Por isso são conhecidos como “profetas escritores”, ainda que o termo não seja muito adequado. (...) Se a mensagem dos profetas a partir de Amós se conservou por escrito, foi porque a palavra deles causou profunda impressão nos ouvintes. Haviam ouvido algo de novo, totalmente diverso do que precedia, algo que não podia ser esquecido. Esta novidade consistiria na rejeição do ‘reformismo’ para dar lugar à ‘ruptura total’ com as estruturas vigentes”.

¹⁶ Cf. RENGSTORF, K. “Semeion”. In: KITTEL, G. – FRIEDRICH, G. (orgs.). *Grande lessico del Nuovo Testamento*. v. XII. Brescia: Paideia, 1979, p. 38.90.

própria palavra. Na celebração do rito sagrado nessas culturas, o sinal era independente da palavra, existia a palavra solene e o sinal solene. Entretanto, os sinais realizados pelos profetas impressionaram não pelo ato em si, mas pelo seu significado. Em Israel, por intermédio dos profetas, era o próprio Senhor que agia no sinal realizado¹⁷.

Através dos sinais proféticos, a palavra era comunicada: Deus falava, agia e se revelava na história. Por meio da linguagem de atos simbólicos realizados pelos profetas, Deus convidava os homens a pautar sua vida de acordo com sua Palavra e preceitos. Por meio da linguagem visível, Deus provoca uma reação para cada ação.

D. Sartori classifica os sinais proféticos em quatro categorias:

Os sinais da criação (que culminam no homem, criado à imagem e semelhança de Deus: Gn 1,26), os sinais-acontecimentos (que culminam para o AT no êxodo e para o NT na encarnação), os sinais-pessoas (chegando até à própria pessoa de Cristo, homem-Deus), os sinais-rituais (que culminam na celebração pascal e no seu cumprimento na última ceia)¹⁸.

Os *'ôt* ou *semeïon* têm um lugar de destaque na teologia bíblica dos profetas. O sinal profético mostra que a revelação se fez através de acontecimentos e palavras. Torna-se visível a história do mundo conduzida por Deus. Os sinais bíblicos do Antigo Testamento, as maravilhas salvíficas do Pai realizadas no meio do povo escolhido indicam a salvação definitiva que virá.

2.2 As ações simbólicas no profetismo bíblico

A metodologia presente nas ações simbólicas realizadas pelos profetas era conhecida pelo povo de Israel, que teve na sua história inúmeros sinais reveladores da presença de Deus, que suscitavam no homem a fé. Pela palavra e por atos concretos, o Senhor estava presente no meio de seu povo. À luz da Sagrada Escritura vemos que, desde a criação do mundo, a palavra se torna ato e assume

¹⁷ Sobre as ações realizadas pelos profetas de Israel verificar em VON RAD, G. *op. cit.* p. 94: “Nos sinais, é o próprio Javé que age por intermédio do profeta. O sinal era uma figura criadora do que iria acontecer. A realidade deveria vir sem demora. A imagem apresentada pelo profeta já põe o acontecimento em marcha”.

¹⁸ SARTORE, D. “Sinal-símbolo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 1144.

uma potência de criação. No relato do primeiro capítulo do livro de Gênesis, os luzeiros do firmamento que separam o dia e a noite são os sinais para as festas e os dias do ano (cf. Gn 1,14)¹⁹. No 'ót da criação tudo é criado pela palavra de Deus. No princípio nada existia, a terra era vazia e disforme, o mundo visível foi formado como sinal concreto da Palavra; ao ser anunciada, ela cria o que foi dito.

No Pentateuco estão presentes os primeiros sinais bíblicos da aliança. O povo de Deus, por sua vez, interpreta os acontecimentos salvíficos e a revelação divina através dos sinais visíveis presentes na história do homem. No Antigo Testamento, para cada aliança feita havia um sinal correspondente: com Noé, o arco-íris (cf. Gn 9,8-17), com Abraão, a circuncisão (cf. Gn 17,2-11); com Moisés, o sábado (cf. Ex 31,12-17).

Outro sinal que se destaca no Pentateuco é o da eleição divina. Deus chama Abraão pelo nome e a partir dele abençoa toda a terra (cf. Gn 12,3). C. Rocchetta afirma que a “eleição bíblica é obra divina que não depende das circunstâncias humanas ou daquilo que o homem pode fazer por si só, mas essencialmente do amor gratuito de Deus, que vai ao encontro da humanidade para salvá-la”²⁰. A eleição é um sinal, pois indica um acontecimento no futuro. Por isso, o chamado de Abraão não se trata apenas do chamado de uma única pessoa, mas sim da vocação de todo Israel, que se alargará posteriormente a todos os povos. “Um dia, Deus estenderá sua eleição a todas as nações da terra, delas fazendo um só povo (cf. Is 55,3-5; 56; 60,3-9; 66, 18-21; Sl 87). Israel foi escolhido tendo em vista uma eleição mais ampla: a de todos os homens (cf. Is 48,12-14; 51,16)”²¹.

Ainda, no Pentateuco, são descritos outros sinais fundamentais para a experiência de fé do povo de Deus. No livro do Êxodo vemos o sofrimento de todo Israel que vivia no Egito nas mãos do Faraó (cf. Ex 1,8-14) e a resposta de Deus que ouve o clamor de seu povo e intervém a seu favor (cf. Ex 3,7-14). Através de Moisés, por meio de sinais e prodígios (por exemplo: as dez pragas e a passagem do anjo exterminador), o Senhor realiza a libertação de seus eleitos (cf. Ex 12,37-42). O êxodo tornou-se o grande sinal salvífico de Deus na história de Israel. Após a libertação do Egito, caminhando no deserto, o Senhor caminha com seu povo e se dá a conhecer através de sinais – o maná, a coluna de nuvem e a coluna de fogo.

¹⁹ Cf. RENGSTORF, K. *op. cit.* p. 45.

²⁰ ROCCHETTA, C. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 91.

²¹ Idem, p. 91-92.

No exílio da Babilônia, o povo de Deus é conduzido à mesma experiência de libertação. Para C. Rocchetta, o exílio é um sinal, um *'ôt* para a conversão do povo eleito. Como no êxodo, o exílio na Babilônia significa um tempo de mudança e de encontro com Deus. E a memória do exílio representará a renovação da experiência da liberdade que indica uma realidade mais profunda a ser realizada nos tempos futuros.

No sinal do exílio, mesmo que não seja assim identificado nas Sagradas Escrituras, o exílio na Babilônia é um sinal para a conversão do povo. Assim, acreditava o profeta Isaías que via o êxodo que conduziria os israelitas da Babilônia para Jerusalém renovaria o primeiro êxodo (cf. Is 40,3; 43,16-21; 44,25; 48,21; 51,50; 52,12). (...) E a libertação da escravidão na Babilônia implicaria na libertação mais profunda: a libertação do pecado e das suas consequências (Is 40,2). É nesse contexto que o profeta desenvolve a teologia do “servo” que Javé suscitará para libertar o seu povo (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11; 52,13-53,12), de cujo pecado tomará o fardo (Is 53,5-12; Sl 130) e cuja salvação se estenderá aos extremos confins da terra²².

Ao longo da história da salvação, os sinais assumem uma forma profética. Além de indicar a ação divina, eles passam a anunciar o futuro do povo eleito, que será a redenção da humanidade. Deus, que falou por meio dos profetas, também age por meio deles. Nas ações simbólicas “é o próprio Javé que age por intermédio dos profetas”²³. Essas ações estranhas e incompreensíveis são sinais concretos da ação de Deus. Entre os profetas, o sinal recebe uma força do agir de Deus sobre o seu escolhido. “Eles têm por finalidade proclamar, por meio de gestos ou sinais visíveis, a mensagem profética transmitida geralmente por palavras”²⁴. Seleccionamos em nossa pesquisa algumas das ações simbólicas realizadas pelos profetas a partir do trabalho do biblista José Luís Sicre Diaz.

No livro do profeta Isaías destacamos três narrações de ações simbólicas. Em Is 7,3, o profeta leva seu filho *Sear-Iasub* (que significa “um resto voltará”) para acompanhá-lo na entrevista com o rei Acaz. Estranha-se o fato, do profeta ir acompanhado do filho de cinco ou seis anos de idade para uma audiência com rei. Entretanto, a presença da criança quer anunciar algo. O nome “um resto voltará” é ambíguo e pode ser interpretado no sentido militar (um resto voltará da guerra), como uma ameaça de um castigo ao reino em que poucos retornarão da batalha;

²² Idem, p. 100.

²³ VON RAD, G. *op. cit.* p. 94.

²⁴ AMSLER, S. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 29.

ou em sentido religioso (um resto se converterá a Deus) que traz uma esperança de que apesar de toda tragédia que passam, haverá salvação²⁵.

Em Is 8,1-4.18 é relatado o nome simbólico que o profeta dá ao seu segundo filho: “pronto para o saque, preparado para o butim” – antes mesmo dele nascer. Diante da guerra siro-efraimita contra Judá, o nascimento deste menino é uma ação simbólica que profetiza que os assírios saquearão a Síria e a Efraimita. O nascimento do novo filho de Isaías é um oráculo de confiança e fé no Senhor, Damasco e Samaria serão destruídas antes que a criança comece a falar. De fato, na vida do profeta “o humano e o íntimo assume, sob a mão de Deus, a dignidade de oráculo da salvação”²⁶.

O terceiro *’ôt* profético no livro de Isaías é realizado quando o profeta caminha descalço e nu durante três anos em Is 20,1-4. É um sinal de que o Egito e Cuch (Etiópia) cairiam diante da Assíria e os prisioneiros seriam levados nus. A ação simbólica tinha o propósito de mostrar a insensatez do povo de Judá em confiar na ajuda do Egito²⁷.

Ainda no livro de Isaías, mesmo não sendo descrito como um ato profético, não podemos deixar de fazer referência ao sinal messiânico profetizado pelo profeta ao rei (cf. Is 7,10-15). Sob a ameaça da Síria e de Efraim contra Acaz, Isaías profetiza um sinal de que uma jovem dará à luz a um filho chamado Emanuel – “Deus conosco”. Segundo J. Collins, “o nascimento de uma criança é talvez o símbolo de esperança mais universal e duradoura para a raça humana”²⁸. A esperança de que o próprio Deus estará presente na história e reinará definitivamente sobre todo o mundo.

Outro profeta importante no âmbito das ações simbólicas é Oséias. Toda sua mensagem é marcada na perspectiva histórico-salvífica, seu matrimônio é compreendido à luz da história da salvação. YHWH é o Deus de Israel, entretanto, Israel o abandona como uma mulher infiel que busca outros amantes. O profeta vive essa mesma realidade em seu matrimônio. Sua existência torna-se uma ação simbólica e uma eloquente mensagem capaz de revelar o amor misericordioso de Deus para com seu povo infiel. O anúncio do profeta tem por objetivo promover a

²⁵ Cf. SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 160.

²⁶ ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 153.

²⁷ Cf. COLLINS, J. “Isaías”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *Comentário Bíblico*. v. II. São Paulo: Loyola, 2008, p. 24.

²⁸ Idem, p. 19.

conversão de Israel e suscitar a justiça e o perdão no lugar do pecado e da infidelidade.

O livro de Oséias, a partir da ótica do perdão, estabelece uma ligação simbólica da vida do profeta com a história de salvação. Os nomes alegóricos dados aos seus filhos expressam a identidade dos filhos de Israel e a consequência de seus pecados diante do relacionamento com Deus: “Jezrael” (representa o fim da realeza), “Sem piedade” (indica o fim da misericórdia) e “Não povo meu” (significa o fim da aliança). E o seu casamento com uma prostituta, Gomer, expressa a destruição da relação entre Javé e seu povo²⁹.

Através do acolhimento da sua esposa adúltera (cf. Os 3,1-3) que pela lei seria condenada à morte, o profeta demonstra a relação de Deus perante a traição de seu povo. O ato de amor de Oséias manifesta aos homens o amor que Deus tem por Israel. “O gesto de Oséias expressaria, melhor do que mil palavras, o que expôs o poema de 2,4s: que a única solução para o problema do casamento entre Oséias e Gomer (entre Deus e Israel) não está na astúcia, nem no espírito de vingança, mas no amor e no perdão”³⁰.

No *’ôt* do perdão, do acolhimento e da misericórdia no matrimônio de Oséias, Deus expressa o seu amor para com Israel, amor absoluto e fiel diante da infidelidade de seu povo.

O ministério profético de Jeremias é outro exemplo em que a vida do profeta torna-se um sinal profético. Para G. Boggio, Jeremias encarna a palavra em sua existência a fim de que Deus comunique integralmente sua mensagem ao seu povo.

O profeta compreendeu que era necessário tornar tangível o julgamento de Deus sobre os acontecimentos humanos, através daquilo que podemos denominar encarnação da palavra. Ele ofereceu a sua própria existência, para que Deus pudesse falar por meio dela a um povo demasiadamente distraído e imerso nos interesses materiais³¹.

²⁹ A respeito da relação entre a vida do profeta Oséias com a história salvífica conferir em VON RAD, G. *op. cit.* p. 133: “Toda a pregação de Oséias se baseia na história da salvação. Poder-se-ia quase dizer que, quando argumentava, só se sente seguro quando pode se apoiar na história. Javé é o Deus de Israel ‘a partir do Egito’ (Os 12,10; 13,4); Javé conduziu Israel pelo profeta Moisés (Os 12,14). Esta história das origens de Israel era o tempo em que Javé podia manifestar todo seu amor, onde ele o ‘atraía com cordas humanas, com laços de amor’ (Os 11,4). Que triste contraste oferece o tempo presente! Israel abandonou Javé como uma mulher infiel que corre atrás de seu amante. Oséias representou simbolicamente no seu próprio matrimônio esta destruição fundamental da relação entre Javé e Israel, e anunciou, dando nomes simbólicos às crianças nascidas de seu casamento, que Javé estava irado e que se afastava de seu povo”.

³⁰ SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 162.

³¹ BOGGIO, G. *Jeremias, o testemunho de um mártir*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 77.

Dentre as ações simbólicas realizadas no ministério de Jeremias, destacamos por primeira aquela do cinto de linho (cf. Jr 13,1-11). O profeta deixa o cinto na fenda do rochedo, perto do rio Eufrates. Ao retornar, o encontra desgastado e estragado pela umidade do rio. Através desta ação, Deus repete suas ameaças a Israel por estar seguindo deuses pagãos. Da mesma forma que o cinto de linho se estragou e não serve mais, assim também ficará o povo que transgrediu as leis do Senhor. Este fato desperta a curiosidade de todos que se questionam o porquê da ação. A ida do profeta ao Eufrates significa que para lá serão deportados os judeus, que se desgastarão como o cinto do profeta³².

Em Jr 16,1-9, Jeremias é o próprio sinal; ele mesmo é o anúncio vivo da Palavra de Deus que chama o seu povo à conversão. Sua missão lhe exige renúncias radicais, que por serem normais na rotina de qualquer pessoa, chamam a atenção do povo. Nessa perícopa, Jeremias teve de renunciar ao matrimônio e à família, e até mesmo de chorar nos funerais. Esses eram os sinais dos castigos que Judá e Jerusalém sofrerão por abandonar a aliança divina. A vida do profeta é modelada em um oráculo³³. Ele é chamado a viver como um sinal que indica que os dias da alegria do povo de Israel irão desaparecer.

Alonso Schökel destaca o amor e a compaixão de Deus por seu povo nos atos simbólicos do profeta Jeremias. O profeta vive as renúncias por amor a Deus. Ele também ama profundamente o povo ao qual deve anunciar a Palavra do Senhor. Em prol desse povo, o profeta assume, na própria carne, o sinal divino.

Deus se distancia de seu povo, e o profeta mostrará isso distanciando-se por sua vez. No fundo, Deus se distancia por amor, para a salvação, e no fundo, o profeta redobrará seu amor pelo seu povo. Não conhecemos profeta que com tanta paixão tenha amado o seu povo: no fundo, não na superfície. As renúncias que lhe foram impostas lhe servirão para abraçar a todos no seu amor e na sua compaixão³⁴.

Jeremias, ainda, atira uma bilha de barro no chão (cf. 19,1-2a.10-11a) e impacta os presentes de uma maneira mais expressiva do que um oráculo anunciado apenas por palavras. A ação é precedida por um implacável sermão contra Judá e Jerusalém, ela denuncia a idolatria e ameaça com a destruição total. Ao fim do

³² Cf. ELLIS, P. “Jeremias”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *op. cit.* p. 52.

³³ ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 509.

³⁴ *Idem*, p. 510.

sermão, o profeta lança sua bilha no chão, quebrando-a em pedacinhos. Como quem quer indicar a destruição da cidade e da nação como um vaso quebrado, impossível de ser consertado³⁵.

Com a mesma intenção de impressionar os que veem o ato profético, Jeremias recebe a ordem de procurar cordas e canzís (uma espécie de jugo) e colocá-los em seu pescoço (cf. 27,1-3.12b) para indicar que Israel haverá de inclinar-se ao jugo do rei da Babilônia. “Jeremias não apoiava a Babilônia por questão de simpatia particular, mas apenas porque via nela a realização de um plano divino, contra o qual era inútil opor-se (cf. 27,5-11)”³⁶. Por este sinal, o profeta, adverte que somente os povos que se submeterem a Nabucodonosor escaparão à deportação (cf. Jr 27,1ss). O ato de tomar sobre si o jugo convida os ouvintes a tomarem uma decisão que acarretará uma consequência de felicidade ou de desgraça³⁷.

Um outro ato simbólico do profeta Jeremias é o da compra de um terreno (cf. 32,7-15). Jeremias compra o campo de seu primo, Hanameel, que não tinha mais valor algum. Era tempo de cerco e os bens perdiam todo o valor por não ter garantias de futuro. Essa compra, contrária à lógica humana, e adquire um bem em um país sem perspectiva. Entretanto, este ato é uma profecia de restauração. O profeta confia em Deus que, apesar de toda destruição, quer ver seu povo habitando na terra que lhe é de direito³⁸.

Outro profeta importante para o nosso argumento é Ezequiel (o qual tem uma predileção pelas ações simbólicas, das quais destacamos apenas algumas). No início do livro do profeta Ezequiel (cf. 4,1-5,17) são descritos os atos simbólicos que antecederam o cerco de Jerusalém. Primeiro, o profeta pega um tijolo e nele desenha uma cidade. Sobre esta tabuinha de argila utilizada em construções na Babilônia, o profeta observa firmemente o que desenhou e em seguida a cidade é sitiada. Na segunda ação (cf. 4,4-8), Ezequiel, ao dormir, se deita por alguns dias voltado para o lado esquerdo (em direção ao norte), e depois se deita voltado para lado direito (em direção ao sul) em uma quantidade diferente dos dias em que se voltou ao norte. Este ato indicará o número de anos que Judá e Israel devem passar no exílio³⁹.

³⁵ Cf. ELLIS, P. *op. cit.* p. 54.

³⁶ BOGGIO, G. *op. cit.* p. 51.

³⁷ Cf. VON RAD, G. *op. cit.* p. 96.

³⁸ Cf. ELLIS, P. *op. cit.* p. 58.

³⁹ Cf. CRAVEN, T. “Ezequiel”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *op. cit.* p. 71.

Como consequência de uma cidade sitiada, a terceira ação expressa o racionamento de alimento e água (cf. 4,9-17). O profeta só tem para o seu sustento pequenas quantidades de mantimento e de água. E Deus diz a Ezequiel que os grãos devem ser cozidos sobre excrementos humanos. Entretanto, de acordo com a lei levítica tudo o que é puro deve ser separado do impuro (neste caso, o esterco é um material impuro), sem essa separação, caracteriza-se um ato de impureza⁴⁰. E o profeta repela o pedido de Deus. Contudo, este é um ato profético, pois o que “acontece durante o cerco é apenas o começo daquilo que o exílio imporá aos israelitas, os quais não poderão manter a diferença entre o sacro e o profano”⁴¹.

O quarto ato simbólico, do início do livro de Ezequiel, representa a morte e as privações que o povo sofrerá nas mãos do inimigo. O profeta raspa os pelos da cabeça e da barba e divide-os em três porções (cf. 5,1-17). Uma parte é queimada, outra é lançada no ar e cortada com a espada, e a terceira é espalhada ao vento. Este ato simboliza o desastre que acontecerá na cidade sitiada.

Outro ato simbólico realizado por Ezequiel foi uma caminhada para o deserto (cf. 12,1-16). Esta marcha é o sinal para que o povo se arrependa de suas faltas e de sua rebeldia. Ezequiel arruma a bagagem como se fosse um exilado e sai à noite por um buraco na parede que fez com as próprias mãos. “A interpretação é destinada aos exilados para que não depositem esperança na cidade santa nem em um breve fim do exílio”⁴². Em seguida, o profeta deve comer seu alimento tomado de medo e pavor (cf. 12,17-20), como sinal do pânico que tomará conta dos habitantes de Jerusalém quando a cidade for cercada.

Destacamos ainda, o momento em que o profeta gemeu e retorceu-se em um sinal profético que expressava a tristeza pelo sofrimento que se aproximava de seu povo (cf. 21,11-12). Tal ato despertou nos presentes o interesse de saber qual era o significado e colocaram-se dispostos a ouvir a mensagem do profeta⁴³. Em seguida, Ezequiel recebe a ordem de traçar um mapa indicando dois caminhos para sair da Babilônia, um em direção a Rabá e outro com destino em Jerusalém. Esse era o sinal de que o rei da Babilônia decidiria por um dos dois caminhos para iniciar a sua dominação (21,23-28)⁴⁴.

⁴⁰ No Oriente o excremento de boi seco era utilizado como combustível. (Cf. Idem, p. 71).

⁴¹ ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas*. v. II. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 716.

⁴² CRAVEN, T. *op. cit.* p. 73.

⁴³ Cf. SICRE DIAZ, J. L. *op. cit.* p. 168.

⁴⁴ Cf. CRAVEN, T. *op. cit.* p. 77.

Um dos atos mais trágicos vivido pelos profetas do Antigo Testamento acontece com Ezequiel: Deus não lhe permite viver o luto após a morte de sua esposa (cf. 24,15-24). Uma atitude desse tipo, incomum e contrária às normas da época, provoca nas pessoas o seguinte questionamento: “Porventura não nos explicarás o que significam estas coisas?” (24,19). E o profeta anuncia que logo o povo perderá o templo, e seus filhos serão mortos pelo fio da espada e não haverá lamento nem lágrimas.

O último ato profético escolhido para nossa reflexão sobre as ações simbólicas realizadas pelo profeta Ezequiel diz respeito a uma mensagem de salvação. O profeta anuncia a união dos reinos do Norte e o do Sul, separados após a morte de Salomão. Em uma vara está escrito Judá e na outra José, e em um gesto simbólico, o profeta junta duas varas para demonstrar o propósito de Deus de reunir os dois povos (37,15-28). Com isso, profetiza que povo será unido outra vez em torno de um único rei, e ali Deus habitará e realizará com eles uma aliança eterna⁴⁵.

À luz de tudo o que até aqui verificamos, compreendemos o profeta como o sinal personificado de Deus. Na sua vida visualizamos o cumprimento da vontade divina no homem. A presença de Deus é visibilizada na vida íntima do profeta por meio das ações simbólicas. O profeta torna-se testemunha de Deus na própria humanidade, como Jeremias e Ezequiel, em que a vida e a pregação são inseparáveis. A existência do profeta é um “*’ôt vivo*” da ação Deus, a vocação é um sinal profético, pois ao aceitar o chamado divino, sua vida estará para sempre a serviço do Senhor⁴⁶.

Os *’ôt* proféticos realizam a vontade do próprio Deus na história do homem, eles manifestam a presença do Senhor que age para julgar e salvar o mundo. Os atos proféticos revelam quem é Deus e como ele conduz a sua obra de salvação neste mundo, indicam uma realidade concreta e não uma ideia ou um conceito fictício.

O fio condutor de todos os *’ôt* do Antigo Testamento é a aliança que Deus faz com os homens: “os profetas não só retomam frequentemente a ideia da aliança, nem apenas fazem ações externas, mas se tornam, eles mesmos, sinais personificados da aliança de Deus”⁴⁷. Desde o primeiro *’ôt*, na criação, Deus tem

⁴⁵ Cf. Idem, p. 83.

⁴⁶ Cf. VON RAD, G. *op. cit.* p. 57.

⁴⁷ Cf. GUIMARÃES, P. B. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos. Um contributo ao conceito dogmático de sacramento à luz da exegese contemporânea.* Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1998, p. 91-92.

em vista a sua aliança com os homens. E mesmo após a humanidade ser ferida pelo pecado e ter rompido a aliança inicial, Deus não desiste, pelos profetas anuncia o grande 'ót da eterna aliança (cf. Ez 37,15-28). Os sinais realizados pelos profetas do Antigo Testamento têm o objetivo de proclamar e realizar a salvação de Deus na plenitude dos tempos, no cumprimento das profecias.

2.3

A natureza profética do ministério de Jesus

Jesus foi um profeta poderoso que anunciou o Reino de Deus por meio de obras e palavras (cf. Lc 24,19). Durante o seu ministério, realizou inúmeras ações que recordaram o modo de atuar dos profetas de Israel⁴⁸. Os atos de Cristo resgataram a possibilidade de Deus se comunicar aos homens, perdido no desaparecimento dos profetas bíblicos. Essas ações presentes na vida de Jesus foram reconhecidas como atos proféticos que anunciavam a salvação.

Nas semelhanças entre as ações dos profetas e de Jesus, reconhecemos o ministério profético de Cristo, que veio para proclamar e realizar a Palavra do Pai. Jesus é o 'ót do Pai, o sinal de que Deus está presente no mundo. Por isso, os atos de Cristo são atos de Deus e possuem a força divina de salvação⁴⁹.

O ministério público de Jesus é inaugurado com a ação profética do batismo no Jordão. Cristo encontra-se com João Batista no deserto e pede para ser batizado para que se cumpra a justiça divina (cf. Mt 3,14s). Como João anunciava um batismo para conversão dos pecados, o pedido de Jesus não lhe fazia sentido, já que o profeta sabia que Cristo era o Messias. Entretanto, aquele ato de Jesus era uma ação profética de justiça.

Nas águas do Jordão, Cristo inaugura a justiça salvífica de Deus. Unindo-se aos injustos, ele os convida a praticar a justiça e crer no ingresso futuro no Reino dos Céus⁵⁰. Ser batizado significa acolher a vontade divina e aceitar do dom de

⁴⁸ Cf. ESPINEL, J. *La cena del Señor. Acción profética*. Madri: PPC Edicabi, 1976, p. 19.

⁴⁹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 20.

⁵⁰ Cf. DUQUOC, C. *Cristologia. Ensaio Dogmático*. v. I. São Paulo: Loyola, 1977, p. 44. Sobre este tema conferir também em SCHILLEBEECKX, E. *Jesus. A história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 132: “Como ato profético, em que Jesus se submete ao batismo de João, seu batismo é uma confirmação da apostasia de Israel, e ao mesmo tempo da sua conversão e, portanto, de sua salvação”.

Deus. No Jordão, os penitentes confessavam os seus pecados e buscavam o perdão de Deus. Jesus, colocando-se ao lado dos pecadores, se une a eles tomando sobre si o peso de toda culpa do pecado dos homens. Ele inicia o seu ministério como uma antecipação de sua cruz em que leva consigo os pecados dos homens⁵¹.

Jesus, unindo os injustos em seu gesto salvífico, convida-os a se sentir solidários com ele, a praticar a justiça e a crer no início real de sua inclusão futura no Reino de Deus. Em outras palavras, Jesus realiza no Jordão um ato mais criador que figurativo, no sentido de que faz mais que apontar para um evento salvífico futuro; o seu *’ôt* seria para os pecadores presentes uma experiência atual da justiça divina que é verdadeiramente definitiva ou escatológica, pois já na história o Servo de Deus, o Bem-amado por Deus, inclina-se sobre os abatidos⁵².

Após o batismo no Jordão, Jesus inicia o anúncio da Boa Nova por toda Galileia. Na sinagoga em Nazaré, Jesus proclama o oráculo de Is 61,1-2 e acrescenta dizendo: “hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Lc 4,21). O “hoje” representa o cumprimento de toda a profecia de Israel. Pela unção do Espírito, Jesus inaugura a era messiânica com a Boa Nova da libertação.

Toda a atividade evangelizadora de Jesus acontece sob a ação do Espírito Santo, ele é consagrado com a unção do Espírito para levar a Boa Nova aos pobres (cf. Lc 4,18). O ungido do Senhor, em virtude da ação do Espírito Santo, se dedicará aos que mais sofrem em seu ministério profético, levando a eles a esperança do cumprimento pleno das profecias. No *’ôt* de Nazaré, “Jesus se identifica com o servo justo que se dedica à realização da esperança messiânica por meio de uma missão cumprida no poder do Espírito Santo e endereçada aos pobres, aos prisioneiros, aos cegos e aos oprimidos”⁵³.

Para a realização do anúncio da Boa Nova, Jesus convoca doze homens para segui-lo. No início de seu ministério na Galileia “chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele” (Mc 3,13s). Ao formar o grupo dos doze, Jesus retoma algumas tradições do Antigo Testamento: chama a cada um por seu nome, como a vocação profética, a qual Deus chama o profeta pelo nome, e decide-se por doze, o mesmo número das antigas tribos de

⁵¹ Cf. RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré. Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 33.

⁵² ROSATO, P. *Introdução à teologia dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 55.

⁵³ Idem, p. 62.

Israel, representarão a formação do novo povo de Deus⁵⁴. A convocação dos apóstolos é um ato simbólico que indica a restauração das doze tribos de Israel. O grupo representativo do novo povo de Deus é reunido com a missão de permanecer com Jesus e participar da tarefa de propagar a Boa Nova do Evangelho.

No centro de todo Evangelho está o anúncio do Reino de Deus. “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15), anunciava Jesus. Por trás de suas palavras e seus gestos existe o convite à conversão. É dessa mesma forma, que o anúncio de Jesus Cristo irá aproximar o homem de Deus e de seu próximo, gerando uma comunhão que expressa a totalidade da experiência de salvação.

As curas e os exorcismos realizados constituem o centro da missão evangelizadora do Filho de Deus, são os sinais da realização do Reino dos Céus⁵⁵. A cura revela a salvação integral que Cristo oferece ao mundo, não se limita a enfermidade corporal, mas diz respeito à pessoa toda, corpo e alma. H. Mottu afirma que Cristo se revela como o Salvador em ação, veio para buscar e salvar os que estavam perdidos. Os milagres de cura são interpretados pelos evangelhos como sinais do cumprimento da era messiânica anunciada pelos profetas⁵⁶.

A ação de curar os enfermos é uma resposta de Deus à dor dos homens. Os Evangelhos não mostram um Messias onipotente e triunfante. Jesus não é o Messias da maneira que era esperado, mas sim, um que sofre e que toma para si as dores da humanidade. O significado das curas realizadas por ele revela a identidade do novo Messias. Cristo é a imagem de Deus, que veio restituir todas as coisas aos homens feridos pelo pecado.

Intimamente relacionado com as curas de Jesus, os exorcismos também são sinais da instauração do Reino dos Céus. Os demônios representam a origem dos males físicos do mundo, das desgraças e das doenças. Jesus ao expulsar os

⁵⁴ Referente a formação do novo povo de Deus averiguar em RATZINGER, J. *op. cit.* p. 154: “O evangelista retoma a terminologia do Antigo Testamento para a instituição no sacerdócio (cf. 1Rs 12,31; 13,33) e assim caracteriza o ministério apostólico como um serviço sacerdotal. Que, no entanto, os escolhidos sejam nomeados cada um pelo seu nome, liga-os aos profetas de Israel, que Deus chama pelo nome, de tal modo que o serviço apostólico aparece como a combinação da missão profética com a missão sacerdotal. ‘Ele fez doze’: doze era o número simbólico de Israel, o número dos filhos de Jacó. Deles vieram as doze tribos de Israel, das quais, no entanto, depois do exílio, só restou a tribo de Judá. Então o número doze é um retorno às origens de Israel, mas ao mesmo tempo uma imagem da esperança: Israel será restabelecido, as doze tribos serão de novo reunidas”.

⁵⁵ THEISSEN, G. – MERZ, A. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 305.

⁵⁶ Cf. MOTTU, H. *Il gesto e la parola*. Magnano: Qiqajon, 2007, p 137-139.

demônios revela o projeto de salvação de Deus ao mundo, onde o mal não tem poder. “Os exorcismos davam-lhe (ou confirmavam) a consciência de estar no limiar de um novo mundo, em que o mal é definitivamente vencido”⁵⁷.

No anúncio do Reino, Jesus faz uma opção preferencial pelos pobres e pecadores, que eram excluídos da sociedade e considerados como impuros. Jesus manifesta sua escolha por meio de suas ações, de modo especial nas refeições. Por diversas vezes, o ato de “comer junto” indica um gesto de acolhida no Reino dos Céus. Cristo torna-se sinal do amor de Deus cada vez que decide comer com os pecadores, ele rompe com os padrões culturais e religiosos de seu tempo para comunicar a misericórdia divina. A presença de Jesus entre os pecadores era uma ocasião de reconciliação com Deus e um convite para todos os pobres participarem do banquete messiânico.

Outra ação profética relacionada ao banquete do Reino é o sinal da multiplicação dos pães (cf. Jo 6,1s). Jesus recorda o gesto do profeta Eliseu que alimentou cem homens com vinte pães de cevada (cf. 2Rs 4,42-44) e do maná que caiu no deserto para alimentar o povo que caminhava rumo à terra prometida, (cf. Ex 16,4-15). O milagre da multiplicação dos pães receberá uma nova compreensão na última ceia. Os discípulos descobrirão que esta “ceia” no deserto era a prefiguração da última ceia de Jesus, a qual “o próprio Deus se torna solidário com o povo sem guia, comendo o mesmo pão, distribuído como sinal de uma existência entregue até a morte”⁵⁸.

Na multiplicação dos pães, encontramos o *’ôt* da generosidade de Deus, através de seu Filho entregue aos homens para que não morram, mas tenham a vida eterna. Este gesto de Jesus revela sua profunda identidade messiânica: Ele reúne os dispersos e abandonados, é o verdadeiro pastor que dá vida a seu rebanho e suscita a esperança de um povo oprimido que o seguia por ver os sinais que realizava.

Outro aspecto importante no anúncio do Reino de Deus é o sinal do sábado. Inúmeras vezes, Jesus realiza atividades no dia de sábado, sobretudo curando os enfermos. Sendo o dia do descanso obrigatório, segundo a lei judaica, Jesus era repreendido por não respeitar o descanso sagrado. Mesmo assim, ele não se intimidava. De fato, Cristo é o Senhor do sábado, o único que pode libertar o homem

⁵⁷ THEISSEN, G. – MERZ, A. *op. cit.* p. 317.

⁵⁸ FABRIS, R. “O evangelho de Marcos”. BARBAGLIO, G. – FABRIS, R. – MAGGIONI, B. (orgs.). *Os Evangelhos*. v. I. São Paulo: Loyola, 2002, p. 493.

do fardo que carrega - o pecado; e deseja dar o verdadeiro repouso que é a libertação de toda a culpa (cf. Mt 11,29s).

Além disso, o sábado também é o sinal escatológico do Reino. Para os judeus, o dia do Senhor, o *shabat*, é o sinal do repouso vindouro da vida eterna. Por isso, cantam o salmo 92 como o “cântico para o dia de sábado”, nele o salmista anuncia as grandes maravilhas de Deus na vida dos justos e a ruína dos ímpios. J. Espinel afirma que com Cristo, o sábado torna-se também *’ôt* da vida futura, da misericórdia e do poder de Deus que vence todos os males do homem⁵⁹.

Durante o ministério de Jesus na Galileia, após realizar pela primeira vez o anúncio de sua Paixão (cf. Mc 8,31ss), os evangelistas narram a transfiguração do Senhor. Jesus levou consigo Pedro, Tiago e João para uma alta montanha. Ali diante deles Cristo se transfigurou, sua veste ficou branca como a luz e seu rosto resplandecia como o sol (cf. Mt 17,2). Apareceram também Moisés e Elias que falavam com Jesus sobre o êxodo que deveria acontecer em Jerusalém (cf. Lc 9,31).

Na transfiguração acontece o diálogo de Jesus com o Pai. A luz que é vista pelos discípulos manifesta o sinal da glória de Deus no seu Filho. Da mesma forma que a glória de Deus se manifestou de maneira visível no rosto de Moisés, após a teofania no Sinai (cf. Ex 34,29.35), também no rosto de Cristo se vê a glória do Pai. O apóstolo João foi um dos escolhidos para testemunhar a transfiguração do Senhor, mas não o registra em seu relato, ele compreende que toda a vida de Jesus e todos os seus atos são sinais da glória de Deus⁶⁰. Assim, João escreve o evangelho a partir desta ótica: “nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto do Pai” (Jo 1,14).

A transfiguração do Senhor é o *’ôt* glória de Deus revelada aos discípulos. Depois de Jesus ter anunciado aos apóstolos que, para segui-lo, era preciso renunciar a si mesmo e tomar sua cruz, no monte, ele “abre os olhos” dos três apóstolos, a fim de que enxergassem onde os levaria o caminho que estavam seguindo junto de Cristo - à glória de Deus. O tema do diálogo com Elias e Moisés era a cruz, o êxodo de Jesus em Jerusalém, a passagem da paixão à glória da ressurreição. Por isso, o *’ôt* da transfiguração é o sinal da glória do ressuscitado, que haveria de passar pelo êxodo da cruz para alcançar a libertação do povo de Deus.

⁵⁹ Cf. ESPINEL, J. *op. cit.* p. 34.

⁶⁰ Cf. DUQUOC, C. *op. cit.* p. 84.

Para J. Espinel, as ações proféticas de Jesus nos conduzem em uma direção: revelar o Reino dos Céus. Todas as ações simbólicas realizadas por Cristo nos direcionam para a última ceia do Mestre com seus discípulos⁶¹. A ceia do Senhor é a última ação simbólica de Jesus, é a síntese de toda a sua vida que culminará na sua morte e ressurreição. Os 'ót proféticos de Jesus encontram sua realização plena no 'ót da última ceia, que se prolongará na vida e nas ações da comunidade eclesial.

A ação de Jesus ao purificar o templo de Jerusalém precede a ceia no cenáculo. No templo, Cristo fica irado com comércio organizado de cambistas e vendedores de animais para o sacrifício. E anuncia a destruição do templo, o centro da vida religiosa que estava relacionada à benção e à prosperidade. É uma ação simbólica de crítica ao culto judaico de seu tempo que tornou a celebração da Páscoa um grande comércio. O templo perdeu o seu objetivo de ser um local exclusivo ao culto, era a casa de Deus, que se tornou um grande mercado de venda de animais para o sacrifício.

O evangelho de João narra essa ação no início do livro, com o objetivo de ser um sinal da missão redentora de Cristo. É o único a mencionar o uso de um chicote de cordas por Jesus, esse objeto indica uma antiga tradição que costumava representar o Messias com um açoite na mão para castigar toda má ação⁶². Em João, o gesto de Jesus de usar um chicote para expulsar os vendedores do templo é um sinal messiânico para banir os vícios e os atos perversos. Ao purificar o templo, Jesus denuncia um culto que se distanciou da sua finalidade de expiação dos pecados para servir à injustiça e à opressão do pobre. O templo já não era mais a casa de Deus, mas um mercado, o culto se converteu em um pretexto para o lucro.

A ação simbólica de “purificar o templo” é interpretada pelas palavras de Cristo que anuncia a destruição do templo e o seu reerguimento em três dias. Os dirigentes judeus compreendiam o templo apenas como um edifício de pedras, porém Jesus se referia ao templo como o lugar da presença de Deus, a tenda erguida no deserto, sede da glória de Deus. H. Mottu afirma que a humanidade de Jesus é o lugar da manifestação de Deus entre os homens. Cristo se referia ao seu corpo que na ressurreição toma o lugar do templo e manifesta a presença de Deus entre os

⁶¹ Este pensamento de J. Espinel é desenvolvido por P. B. Guimarães - Cf. GUIMARÃES, P. B. *op. cit.* p. 269.

⁶² Cf. MATEOS, J. *O evangelho de São João. Análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 151.

homens. O novo templo deve cumprir seu objetivo universal, ser uma casa de oração para todos os povos (cf. Jo 2,17; Is 56,7)⁶³.

Em seguida, Jesus realiza o ato profético da última ceia, o culto corrompido que era realizado no templo será substituído na recordação dos gestos memoriais desta ceia, numa antecipação do comer e beber do Reino de Deus. O primeiro gesto de Cristo na ceia é o de lavar os pés de seus discípulos – um sinal de purificação. Tendo em vista que uma semana antes da festa da Páscoa os judeus passavam por ritos de purificação, Jesus e seus discípulos não os realizam, e o substitui pela lavagem dos pés que assume o lugar dos ritos de purificação como uma pureza completa⁶⁴.

Ao lavar os pés de seus discípulos, Jesus surpreende a todos por realizar um gesto que deveria ser feito por um escravo⁶⁵. Ele o faz para revelar diante de todos que ele é o servidor, o servo do Senhor, que toma a livre iniciativa de amar “até o fim” (Jo 13,1)⁶⁶. O próprio Deus vai ao encontro dos homens para servi-los e os eleva a si. O lava-pés é *ôl* profético da humildade que indica acolhimento e serviço, como Jesus o fez em todo seu ministério.

Após ter lavado os pés de seus discípulos, Jesus, durante a ceia, partiu o pão e o distribuiu como de costume. J. Espinel esclarece que este ato não era em si uma ação extraordinária, entretanto, ao dizer junto: “Isto é o meu corpo” (Mt 26,26), chamou a atenção dos que estavam presentes. A fórmula tradicional da celebração do *Haggadah* diz: “este é o pão da miséria”, referindo-se à saída de Israel do Egito e o comer do pão sem fermento⁶⁷. No lugar destas palavras, Jesus muda a fórmula ao entregar o pão, dizendo que era seu corpo. Com o vinho, Jesus também pronuncia palavras inesperadas e entrega o cálice aos seus discípulos dizendo: “Isto é o meu sangue” (Mt 26,28). A entrega do pão e do vinho é uma ação profética. O pão da miséria, sinal da libertação do Egito, é entregue como o corpo de Cristo, alimento para a vida eterna, a verdadeira liberdade de Deus⁶⁸. A entrega do cálice se constitui

⁶³ Cf. MOTTU, H. *op. cit.* 149-150.

⁶⁴ Cf. THEISSEN, G. – MERZ, A. *op. cit.* p. 462.

⁶⁵ Cf. MOTTU, H. *op. cit.* p. 155.

⁶⁶ Cf. ESPINEL, J. *op. cit.* p. 98.

⁶⁷ *Haggadah* é a celebração da páscoa judaica, a qual acredita-se que Jesus estava realizando com seus discípulos.

⁶⁸ Cf. ESPINEL, J. *op. cit.* p.115-116; “O pão e o vinho tornaram-se o sinal da sua pessoa (corpo e sangue) que estava para ser entregue à morte. Os discípulos, pois, comungaram nesta morte comendo e bebendo, e dela derivou a salvação escatológica participada a eles” (BARBAGLIO, G. “O evangelho de Mateus”. In: BARBAGLIO, G. – FABRIS, R. – MAGGIONI, B. *op. cit.* p. 384).

no sacrifício da nova aliança. Um sacrifício agradável a Deus porque é fruto da misericórdia. Toda a existência de Jesus teve a finalidade de realizar a nova aliança. Com o ato profético da última ceia, o pão e o vinho tornaram-se sinal de sua pessoa e da nova e eterna aliança.

No 'ót profético da última ceia, nos gestos de entrega do pão e do vinho, Cristo antecipa a sua morte iminente que será concretizada no calvário. Na cruz, Jesus se entrega em favor de toda a humanidade. A sua morte deve ser compreendida a partir de sua vida, isto é, uma total entrega de si. A Bíblia não descreve a cruz como um ato de injustiça dos homens ou como consequência de um julgamento controverso. Pelo contrário, ela apresenta a cruz como a radicalidade do amor que se entrega sem reservas⁶⁹.

A cruz de Cristo é o sinal da presença misericordiosa de Deus que perdoa, reconcilia e dá a paz ao pecador. No alto do madeiro, Jesus pede ao Pai o perdão por que o entregaram a morte: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34)⁷⁰. Por meio da misericórdia divina, o homem injusto se torna justo, o morto recebe a vida. Inclinando a cabeça, Jesus entrega o seu espírito. A cruz é o ato profético por excelência, Jesus reconcilia os homens pelo sangue derramado na cruz.

No primeiro dia da semana (cf. Jo 20,1), Jesus ressuscita dos mortos, e este dia é o recomeço de toda a criação. Jesus vence a morte e ressuscita. Mostra os sinais de seu amor: as mãos e o lado abertos pela lança. “Com a ressurreição de Jesus deu-se início ao mundo novo, no qual se projeta toda a realidade do universo até o retorno glorioso do Senhor, retorno que virá realizar a síntese total em Cristo”⁷¹.

Deus se revela definitivamente ao mundo: a sua glória é manifesta aos homens na ressurreição de seu Filho. Na páscoa, a promessa da salvação foi concretizada, tudo se plenifica e eterniza, o poder do amor é mais forte do que o poder da morte⁷². Jesus ressuscitado é a expressão máxima da salvação do Pai.

Todas as ações de Jesus foram veículos para a transmissão da mensagem divina na história, do seu nascimento até o ato supremo de sua doação na cruz. As

⁶⁹ Cf. RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 209.

⁷⁰ Cf. RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011, p. 188.

⁷¹ ARENAS, O. *Jesus, epifania do amor do Pai*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 419.

⁷² Cf. RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 228.

ações proféticas de Cristo revelam o mistério salvífico de Deus Pai que é realizado plenamente na sua ressurreição.

Cristo é profeta escatológico do Reino, em suas ações não só o anuncia, mas o torna presente em sua pessoa. As ações de Jesus se convertem em sinais reveladores e símbolos participativos do reino. Ele “anuncia a chegada do *eschaton* e faz com que os seus discípulos participem ativamente deste último dom oferecido e pregustem das alegrias do banquete escatológico do reino”⁷³.

⁷³ GUIMARÃES, P. B. *op. cit.* p. 244.

3

As ações proféticas de Cristo prolongadas na Igreja das origens

3.1

O testemunho profético na comunidade primitiva

As primeiras ações da Igreja são narradas no livro dos Atos dos Apóstolos. Essa obra descreve a coragem profética da comunidade primitiva diante as autoridades judaicas, que proibiam os discípulos de anunciar Jesus Cristo. Além disso, a comunidade distinguia-se pela vivência do amor mútuo e pela busca da justiça do Reino de Deus. Os cristãos repetiam as ações proféticas de Cristo e como os profetas de Israel, eles tornavam a própria vida uma mensagem profética.

Os membros da comunidade dos primeiros fiéis são considerados os novos profetas. Eles fazem ressoar a voz do Ressuscitado, e assim participam do ministério profético de Cristo, a Palavra eterna do Pai que não tem fim. Como o Pai enviou Cristo ao mundo, este envia os apóstolos para continuar o anúncio profético da salvação. Outrora, os profetas do Antigo Testamento anunciavam a expectativa de salvação, todavia, os novos profetas proclamam a “Palavra que se fez carne”, o evento da salvação presente no anúncio. De tal modo, afirmam os padres conciliares:

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra de salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica⁷⁴.

O evento salvífico de Cristo é prolongado na história por meio dos apóstolos que realizam o que anunciam: a salvação. Isso se deve por meio dos sacramentos, que nos gestos rituais unidos à palavra, repetem os atos proféticos de Cristo. Através da repetição desses atos, a profecia permanece no mundo, sendo o tempo da Igreja

⁷⁴ CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia”. In: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 6. Doravante nos referiremos a este documento pela sigla “SC”.

a continuação do tempo de Cristo. Não há nada a ser acrescentado à mensagem profética, entretanto, comunica-se agora a profecia de Jesus ao mundo⁷⁵.

Para G. Bonneau, o livro dos Atos dos Apóstolos apresenta um cristianismo profético⁷⁶. Em seu primeiro capítulo, o autor narra a promessa de Jesus aos seus discípulos e, em seguida, escreve sobre o dia de Pentecostes, quando o Pai envia o Espírito Santo aos que estavam reunidos no cenáculo. O sopro do Espírito Criador traz um novo começo à história da humanidade. Destarte, aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos, agora é o princípio dinâmico que gera vida sobre todo o mundo.

O Espírito que Jesus recebeu do Pai, agora é derramado sobre todo o mundo. É ele que irá prolongar na história a obra salvífica realizada por Cristo⁷⁷. Por isso, de forma contínua, o Espírito profético presente na missão de Jesus é o mesmo que estará presente na Igreja. Além disso, o *óti* de Nazaré é repetido em Pentecostes; a união que Cristo se referia na sinagoga (cf. Lc 4,16-19), agora é realizada no cenáculo sobre os apóstolos.

O discurso inaugural de Pedro é o discurso de Jesus na sinagoga nazarena: “O Espírito do Senhor está sobre nós” (cf. At 2,16). O Espírito que ungiu Cristo para anunciar profeticamente a Boa Nova, no dia de “Pentecostes aplica à comunidade cristã a obra profética de Jesus”⁷⁸. Nesse sentido, Pedro retoma as palavras do profeta Joel (cf. Jl 3,1-5) e o mesmo Espírito que falava pelos profetas de Israel, agora fala por meio dos discípulos. Sobre isso, Lina Boff percebe que a “ação transformadora do Espírito torna-se externamente uma nova capacidade de comunicação, que é uma experiência profética que se identifica com o anúncio inspirado não só de Pedro, mas de todos os missionários que vêm depois dele (cf. At 19,6; 21,9)”⁷⁹.

⁷⁵ Cf. COMBLIN, J. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 84.

⁷⁶ Cf. BONNEAU, G. *Profetismo e instituição no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 130.

⁷⁷ Acerca desta questão conferir em CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 2014, p. 53: “Nessa manhã de Pentecostes, o Espírito Santo acaba de dar à luz virginalmente o Corpo de Cristo, tecido em nossa humanidade: a Igreja. O Espírito que procede do Pai acaba de ser derramado pelo Cordeiro imolado; a liturgia eterna irrompe no nosso mundo e surge uma nova criação”.

⁷⁸ BONNEAU, G. *op. cit.* p. 141.

⁷⁹ BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas – Atos*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 109.

Por meio do dom do Espírito Santo todo o povo de Deus será um povo de profetas⁸⁰. Os discípulos, à luz do passado, percebem os sinais do tempo presente e já vislumbram o futuro escatológico da realização dos planos de Deus. Transformados pelo Espírito, os membros de toda a Igreja podem experimentar na própria vida, a ação de Deus como uma Boa Nova. Enquanto no Antigo Testamento, o Espírito era dado aos reis, aos profetas e aos sacerdotes, isto é, para aqueles que tinham a missão de conduzir a comunidade; em Pentecostes, o Espírito é dado a todos, sem distinção de sexo, idade e raça. Cada cristão, repleto do Espírito Santo, está apto a anunciar o Evangelho. Assim sendo, a missão evangelizadora não é apenas confiada ao grupo dos doze, mas é entregue a todo o povo de Deus.

Nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos é apresentado um modelo de comunidade cristã que será exemplo para as demais comunidades que irão surgindo com a ação missionária dos apóstolos. A vida profética da Igreja primitiva é apresentada pelo modo em que se estruturam as comunidades que, segundo os Atos, são organizadas a partir da vivência da Palavra de Deus, da comunhão fraterna e da oração⁸¹. Apresentamos, a seguir, esta estrutura como o modo profético de viver dos primeiros cristãos, a partir dos atos de Cristo.

A comunidade primitiva era perseverante na escuta e na vivência da Palavra de Deus. O “ensinamento dos apóstolos”, como é chamado no texto bíblico, refere-se às recordações daquilo que a comunidade apostólica viveu junto de Jesus e que eram narradas para todos. H. Holstein afirma que estas lembranças, trata-se de um “esboço” dos Evangelhos (cf. At 10,37-43)⁸². Desse modo, o anúncio da Palavra é um ato permanente na vida da Igreja desde sua origem.

A perseverança na Palavra vivida pelos primeiros cristãos acontece de modo semelhante aos profetas do Antigo Testamento que viviam segundo os critérios da Palavra de Deus. Y. Congar afirma que o antigo profetismo continua na comunidade apostólica através do aprofundamento das Sagradas Escrituras e dos

⁸⁰ Cf. FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 81. A dimensão profética da comunidade cristã é enfatizada nos Atos dos Apóstolos por duas vezes no evento de Pentecostes. Lucas afirma que os membros da comunidade recebem o Espírito e tornam-se profetas (cf. BONNEAU, G. *op. cit.* p. 134).

⁸¹ O livro dos Atos do Apóstolos apresenta a comunidade primitiva fundamentada no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42). R. Fabris sintetiza esta estrutura em três características: a escuta da palavra, a comunhão fraterna e as orações (cf. FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. p. 112).

⁸² Cf. HOLSTEIN, H. *A experiência do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 22.

mistérios divinos⁸³. Pela ação do Espírito Santo, a Palavra de Deus permanece no mundo por meio dos apóstolos (cf. Jo 16,13). Por isso, os cristãos assumem a Palavra na própria vida e podem anunciá-la a todos os povos e assim, a Igreja torna-se uma comunidade de profetas por obra do mesmo Espírito⁸⁴.

A Igreja primitiva era a continuidade do ministério profético de Cristo e foi testemunha de inúmeros sinais de Deus pelo anúncio da Palavra. A cura do paralítico em At 3,11-16 exemplifica de que forma isso permanecia na vida da Igreja⁸⁵. O anúncio da Palavra e da ressurreição do Senhor transformava a vida daqueles que acreditavam na Palavra anunciada pelos apóstolos e abraçavam a fé em Jesus Cristo.

A pregação dos apóstolos não é uma teoria nem uma ideologia, mas é a própria pessoa de Jesus Cristo que continua a agir pela Igreja. Diante disso, o conhecimento da Palavra de Deus exige uma resposta pessoal, que implica na conversão do fiel. A comunidade cristã nutre um desejo de mudança de vida, à luz dos ensinamentos de Jesus Cristo. A conversão nada mais é do que a ruptura com o pecado e com a escravidão realizada por Cristo na Cruz, ruptura essa que irá conduzir o homem para uma vida nova.

Outra característica da comunidade descrita no início dos Atos dos Apóstolos é o modo como se relacionam. A comunhão fraterna é um aspecto marcante na comunidade que representa a forma visível da liberdade desejada por Deus ao seu povo. Pela ressurreição de Cristo, o cristão é liberto do egoísmo, e passa a se relacionar de um novo modo com o próximo, a partir da lei do amor⁸⁶. De modo concreto, a comunidade manifesta a sua nova vida no âmbito social e econômico pela distribuição dos bens individuais.

O autor dos Atos dos Apóstolos descreve que na comunidade cristã “todos os fiéis, unidos, tinham tudo em comum” (At 2,44). Esta partilha dos bens não é descrita como uma obrigação, mas como uma livre doação feita de acordo com as possibilidades de cada fiel. Esta ação sintetiza, no plano econômico, a unidade dos corações dos fiéis que “vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam o

⁸³ Y. Congar recorda a perícopes de Ef 2,20–3,5 para fundamentar a relação entre a Palavra de Deus e o profetismo pós-Pentecostes (cf. CONGAR, Y. *A palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 84).

⁸⁴ BONNEAU, G. *op. cit.* p. 174.

⁸⁵ Cf. KURTZ, W. “Atos dos Apóstolos”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs). *Comentário bíblico*. v. III. São Paulo: Loyola, 2008, p. 152.

⁸⁶ Cf. FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*, p.114; KURTZ, W. *op. cit.* p. 152.

preço entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2,45). Além disso, “não havia entre eles indigente algum, porquanto os que possuíam terras ou casas, as vendiam e levavam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; e se distribuía a cada um segundo a sua necessidade” (At 4,34s). A comunidade primitiva era motivada a agir desse modo pela fé no Cristo Senhor. Testemunhava a pobreza de Cristo com a própria pobreza. Esta é a característica daquele que segue o Filho de Deus que não tem onde repousar a cabeça (cf. Mt 8,20) em vista do Reino dos Céus (cf. Mt 5,3).

Para H. Holstein, a comunhão fraterna é a principal característica da Igreja primitiva. A partilha dos bens é fruto da exigência do amor entre os fiéis⁸⁷. É também, a consequência da solidariedade entre os irmãos, de modo que todos tivessem o necessário para viver. Com isso, na comunidade, os fiéis desejavam uma sociedade em que não existisse a miséria, um ideal profético da Igreja nascente de cumprir a promessa relativa ao desaparecimento do pobre: “Em teu meio não haverá nenhum pobre” (Dt 15,4)⁸⁸. O ideal cristão do amor ao próximo não suporta a discriminação social e econômica. A “pobreza” vista como a privação de bens é extinta entre os fiéis. A participação de todos nos bens em comum “é a libertação da posse obsessiva e idolátrica”⁸⁹. A comunhão fraterna é local onde encontramos os exemplos de santidade, sofrimento, oração e fraternidade.

A terceira característica da comunidade primitiva é a perseverança na oração e na fração do pão⁹⁰. A oração pessoal e comunitária recebe um destaque fundamental na vida das primeiras comunidades de cristãos. Estar em oração é viver perseverante na presença de Deus, nas diversas situações da vida. Em comunidade, os cristãos se reuniam para a fração do pão e também para as celebrações do batismo dos novos membros da Igreja. Desse modo, Lucas relata a vivência sacramental da Igreja primitiva no livro dos Atos dos Apóstolos.

O batismo é citado logo no início do livro dos Atos, quando Pedro é questionado sobre o que deve ser feito para aderir ao seguimento de Cristo, ele responde: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus

⁸⁷ Cf. HOLSTEIN, H. *op. cit.* p. 25.

⁸⁸ Cf. DUPONT, J. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974, p. 511.

⁸⁹ FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*, p. 115.

⁹⁰ Cf. CASALEGNO, A. *Ler os atos dos Apóstolos. Estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, p. 133.

Cristo” (At 2,38). O batismo é apresentado ali como o primeiro passo na adesão ao Cristo, sendo realizado após a escuta da palavra e a ação do Espírito no fiel⁹¹. O ‘ôl do batismo no Jordão e o pedido de Cristo de que todos os povos fossem batizados permaneciam vivos nos corações dos apóstolos.

Na comunidade primitiva, o batismo significa um novo tempo na vida do homem. O rito batismal não se tratava apenas de um banho, mas sobretudo de uma mudança interior. É um ato de fé em Jesus Cristo, de quem deseja o perdão dos pecados e pede para ingressar no discipulado de Cristo. A novidade deste batismo, diferente do realizado por João, é a “adesão a Jesus, à comunidade cristã e sobretudo à experiência do Espírito”⁹².

O batismo introduz o fiel na vida de Jesus, na sua morte e ressurreição, para obter o perdão dos pecados e ingressar no novo povo de Deus. É um rito externo que traduz uma realidade interior: a conversão para a fé e o desejo de ingressar na comunidade⁹³. Aceitar ser batizado e acolher Cristo na própria vida significa cumprir por inteiro toda a mensagem evangélica – é o sinal da fé em Jesus concretizada no sacramento. Por este ato, o fiel é inserido no mistério pascal de Cristo e passa a fazer parte do povo messiânico, ele participa também do múnus profético, régio e sacerdotal do Filho de Deus. Já batizado, prolonga na vida, nos seus atos, as ações de Cristo, e assim, deve dar testemunho da sua fé em todos os momentos⁹⁴.

A Igreja apostólica foi desenvolvendo um modo próprio de expressar a vida de fé a partir das ações de Jesus Cristo. A formação das primitivas expressões litúrgicas cristãs nasceu a partir dos rituais próprios do povo judeu. Os cristãos deram continuidade a uma vida de oração radicada nos textos do Antigo Testamento, nos salmos e cânticos bíblicos⁹⁵. Observamos, sobretudo, nos momentos mais difíceis da Igreja primitiva como as orações surgem

⁹¹ O rito de imersão na água realizado por João Batista indicava uma decisão de mudança de vida, à espera do juízo escatológico de Deus. O mesmo banho batismal era realizado também pelos judeus do século I, com o objetivo de receber no judaísmo os pagãos que se convertiam e aceitavam o único Deus (cf. CASPANI, P. *Renascença da água e do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 45-48).

⁹² FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. p. 120.

⁹³ Cf. HOLSTEIN, H. *op. cit.* p. 125.

⁹⁴ Cf. NOCENT, A. “Os três sacramentos de iniciação cristã”. In: NOCENT, A. et al. (orgs.). *Os sacramentos*. Teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, p. 20.

⁹⁵ Cf. NEUNHEUSER, B. *História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 39.

espontaneamente na boca dos apóstolos. Quando Pedro e João foram ameaçados pelos membros do sinédrio a sofrerem punição caso continuassem “a ensinar no nome de Jesus”, uniram-se à Igreja e se colocaram em oração, recitando os salmos (cf. At 4,23-31)⁹⁶.

A vivência religiosa da comunidade dos fiéis no primeiro século se estendia à participação ao templo e à sinagoga. Os fiéis de origem judaica mantiveram alguns hábitos religiosos provenientes do judaísmo. Ademais, reuniam-se nas casas para partir o pão, ato comum nas refeições judaicas e também na celebração do *shabat*. Com o gesto de partir o pão, presente no rito judaico, os cristãos celebravam a memória de Cristo. O interesse dos apóstolos em repetir as ações de Jesus não retratava uma mera recordação, mas era a resposta ao mandamento de Cristo: “Fazei isto em memória de mim” (cf. 1Cor 11,24)⁹⁷. Os discípulos perceberam que na noite da última ceia, Jesus não realizou uma ceia como as outras. Contudo, ele entregava a sua vida com um gesto de amor.

O gesto simbólico lembrava o de Jesus no dia da multiplicação dos pães e na noite da última ceia. A fração, mencionada nos dois episódios pelos evangelistas, é como que o sinal do amor do Senhor que se dá a todos e a cada um daqueles que ele chama “seus amigos” (Jo 15,14), como distribuía à multidão o pão que anunciava a eucaristia (Jo 6). Esta fração se realiza num clima de eucaristia; como na Ceia (cf. Mc 14,22s), a “benção é pronunciada” no momento de partir o pão e de começar a circular o cálice⁹⁸.

A benção de Jesus sobre o pão e o cálice com vinho foi além do que prescrevia o rito judaico. O pão nas mãos de Cristo torna-se o sinal do seu sofrimento, que culminaria com sua morte para a libertação de toda a humanidade⁹⁹. E o vinho no cálice torna-se a expressão da nova aliança selada pelo seu sangue. Na fração do pão, celebrada pela Igreja, por meio de gestos rituais, expressava-se de modo oportuno o ato profético de Cristo na última ceia, na qual anunciou o sacrifício de

⁹⁶ J. G. TARRUEL afirma que o saltério é a “expressão de fé da oração do povo de Israel” (TARRUEL, J. G. “Salmos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. *op. cit.* p. 1095). Assim encontramos na seguinte perícopa dos Atos dos Apóstolos a oração do Salmo 2: “Soberano Senhor, foste tu que fizeste o céu, a terra, o mar, e tudo o que neles existe; foste tu que falaste pelo Espírito Santo, pela boca de nosso pai Davi, teu servo: ‘Porque esta arrogância entre as nações e estes vãos projetos entre os povos? Os reis da terra apresentaram-se e os governantes se coligaram de comum acordo contra o Senhor, e contra o seu Ungido’” (At 4, 24-26).

⁹⁷ MARSILI, S. *Teologia da celebração da Eucaristia*. In: MARSILI, S. (org.). *A Eucaristia. Teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 10.

⁹⁸ HOLSTEIN, H. *op. cit.* p. 23-24.

⁹⁹ No ritual do *seder* pascal o pão ázimo é apresentado como o pão da aflição significando os sofrimentos dos hebreus. (Cf. MARSILI, S. *op. cit.* p. 167).

si mesmo em favor da humanidade. A Igreja reconheceu a ação salvífica e deu “à ceia o sentido de esperança, como penhor da vida e de inauguração do Reino de Deus”¹⁰⁰.

No relato dos Atos dos Apóstolos, Lucas descreve uma única ceia eucarística que aconteceu na cidade de Trôade (cf. At 20,7-12) e nesta reunião, associa a fração do pão com a memória da ressurreição do Senhor. Era o primeiro dia da semana quando Paulo estava reunido com a comunidade para a fração do pão. Enquanto o apóstolo falava aos fiéis, um adolescente chamado Êutico adormeceu sentado junto à janela e caiu do terceiro andar. Paulo desceu e, ao encontrá-lo, viu que o jovem tinha perdido a vida. Imediatamente, abraça o rapaz e se assegura de que estava vivo. Para R. Fabris, a intenção do autor em unir numa única perícopa a ceia do Senhor e a ressurreição do rapaz é de anunciar que Jesus ressuscitado é a fonte da vida e está presente na palavra do Apóstolo e na fração do pão¹⁰¹. Desse modo, a ceia do Senhor é apresentada como o sinal da ressurreição de cada fiel, que vence a morte e vive eternamente¹⁰².

Além do batismo e da Eucaristia, é importante ressaltar outros atos proféticos realizados por Cristo e que foram prolongados no testemunho litúrgico da comunidade cristã. O cuidado aos enfermos não era ignorado, da mesma forma que Jesus tinha “predileção” pelos doentes e pelos mais necessitados, a comunidade apostólica os ungia e lhes dava todo o auxílio necessário (cf. Tg 5,13-16).

O agir reconciliador de Jesus Cristo para com os pecadores e os distantes de Deus também era reproduzido na comunidade dos fiéis. Os apóstolos, que receberam o “poder” da remissão dos pecados, outorgado por Jesus, anunciavam a conversão e o perdão das culpas (cf. At 3,19.26; 10,43). S. Marsili reconhece uma forma ritual de penitência na Igreja apostólica que consiste na remissão das faltas antecedida por uma “confissão explícita dos pecados”, seguida de uma oração

¹⁰⁰ FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*, p. 123.

¹⁰¹ Cf. *Ibidem*.

¹⁰² Além do vínculo descrito por R. Fabris entre a celebração da Ceia do Senhor e a Ressurreição de Jesus, é de nosso interesse expor que nesta perícopa, Paulo reproduz os atos dos profetas do Antigo Testamento e de Jesus. Da mesma forma que Elias ressuscita o filho da viúva de Sarepta (1Rs 17,8-24), Eliseu ressuscita o filho da Sunamita (2Rs 4,35) e Jesus que durante seu ministério público devolveu a vida a filha de Jairo (Lc 8,40-56), ao filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e a seu amigo Lázaro (Jo 11,17-44). O apóstolo Paulo, na celebração do dia do Senhor, ressuscita o jovem, como um sinal profético de sua missão que está vinculada ao ministério dos profetas de Israel e de Jesus.

específica (cf. Tg 5,15s) e da “imposição das mãos”. Todo o ritual se realiza “em nome/pelo poder de Cristo”¹⁰³.

A missão de anunciar o Evangelho não é encerrada com a comunidade apostólica que foi escolhida diretamente por Cristo. Por meio da imposição de mãos e da oração, os apóstolos conferem serviços e funções públicas em favor da comunidade (cf. At 6,17; 2Tm 1,6), de modo que assim não se interrompe a propagação do evangelho. Impor as mãos sobre o próximo é um gesto bíblico que demonstra uma ação espiritual: implora a cura, transmite uma função e invoca o dom do Espírito Santo.

Os atos proféticos de Cristo não foram esquecidos pela Igreja. Esses, por sua vez, foram prolongados na história por meio dos apóstolos e de toda a comunidade cristã. Pelo Espírito Santo, os homens e as mulheres tornam-se profetas e profetisas; testemunham a fé no Ressuscitado e vivem de acordo com o projeto de Deus para a humanidade. Com palavras e ações, os homens levaram a salvação conquistada por Jesus a todo o mundo. Por esses sinais proféticos, a Igreja realiza o “anúncio” e o “acontecimento” da obra de salvação.

3.2

As ações proféticas dos mártires da Igreja

Após o período apostólico, a Igreja é marcada pelo testemunho profético dos mártires. Desde o ano 64, com a perseguição de Nero, até o ano 313, em que Constantino autorizou a liberdade do culto, os cristãos sofreram com a tortura e com o martírio¹⁰⁴. Durante os três primeiros séculos da Igreja, a perseguição foi promovida pelo Império Romano que se preocupava com o crescimento do número de adeptos ao cristianismo e o considerava como uma superstição “perniciosa”¹⁰⁵.

A perseguição aos cristãos foi motivada por fatores políticos e religiosos, pois acreditava-se que eles ameaçavam, dentre outras coisas, a hegemonia do Império. Os cristãos se recusavam a participar de cerimônias religiosas promovidas pelos romanos, como também não aceitavam o culto ao imperador, tais atitudes contribuíram para a

¹⁰³ Cf. MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 402-403.

¹⁰⁴ Cf. ALVAREZ GOMEZ, J. *Historia de la Iglesia. Edad Antigua*. Madri: BAC, 2001, p. 89.

¹⁰⁵ Cf. STOCKMEIER, P. – BAUER, J. *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 31.

fragmentação social do Império Romano. Para D. Grings, as autoridades romanas interpretavam o anúncio evangélico como um novo estatuto que os cristãos teriam recebido de Deus, e isto representaria um desrespeito e uma desobediência às leis do Império¹⁰⁶.

Mesmo durante o tempo da perseguição aos cristãos, inúmeras pessoas aderiam ao cristianismo por todo o mundo conhecido, da Ásia à costa mediterrânea da Espanha, além das fronteiras do Império Romano. Dessa forma, a Igreja dava seus primeiros passos em meio ao sofrimento¹⁰⁷. “A perseguição não provocava uma destruição da comunidade cristã, ao contrário, favorecia sua difusão”¹⁰⁸. O sangue derramado pela morte de tantos homens e mulheres em favor de Cristo tornava-se semente de novos cristãos¹⁰⁹.

Os mártires dos primeiros tempos exerceram um papel específico na missão evangelizadora da Igreja, cujo testemunho é transmitido até hoje. Para J. Comblin, os cristãos martirizados desempenharam uma missão profética em dois sentidos: levando o Evangelho aos pagãos e confirmando os cristãos na fé¹¹⁰. Na tentativa de desanimar a adesão ao cristianismo, os governadores romanos exaltavam a pena capital, contudo, os cristãos aproveitaram a prisão e o processo jurídico para propagar a fé em Cristo, seja por discursos durante as defesas ou pela simples profissão de fé, como aquela pronunciada pelos mártires africanos: “Eu sou cristão”¹¹¹. “Desde o mais célebre até o mais obscuro, todos deram provas perante a morte de uma firmeza de ânimo e de uma serenidade que, independente da adesão à sua fé, suscitaram muitas vezes a maior admiração”¹¹².

O relato do sofrimento dos mártires foi conservado nas obras de alguns Padres da Igreja e, sobretudo, nas “Atas dos Mártires” que consistem no relato do

¹⁰⁶ Cf. GRINGS, D. *Dialética da Política. História Dialética do Cristianismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994, p. 46.

¹⁰⁷ Cf. PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 26.

¹⁰⁸ SUSINI, M. *Il martírio Cristiano esperienza di incontro com Cristo. Testimonianze dei primi ter secoli*. Bologna: Edizione dehoniane, 2002, p. 21.

¹⁰⁹ “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos” (TERTULIANO. “Apologético”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 208. Por compilar as principais obras dos Santos Padres relativas a temas litúrgicos, este volume será muito usado em nosso trabalho. Passaremos a usar a sigla “AL” para indicá-lo após a menção do autor e da obra patrística consultados).

¹¹⁰ Cf. COMBLIN, J. *op. cit.* p. 98.

¹¹¹ DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988, p. 187.

¹¹² Idem, p. 186.

processo jurídico e da narração da condenação dos cristãos à morte. Nesses escritos, descobrimos a vida de autênticos profetas, que revelam a dimensão profética do martírio no testemunho e na fidelidade à Palavra de Deus. Como Cristo, modelo de profeta, entregou a sua vida pela salvação dos homens, inúmeros cristãos deram a vida em favor do anúncio do Evangelho. Eles assumem na própria carne a paixão do Senhor, isto é, o martírio como sinal do próprio Cristo. Dessa maneira, os cristãos participavam do *ôti* supremo da cruz do Senhor e o prolongavam no testemunho profético da Igreja. Daniel-Rops afirma que “o relato das perseguições constitui uma das páginas mais grandiosas da história do cristianismo, aquela que, misticamente liga com o laço mais estreito a experiência da alma cristã à de Jesus, seu modelo”¹¹³.

As Atas dos Mártires impressionam pela riqueza de imagens simbólicas. Os gestos litúrgicos, presentes na vida cristã, são retratados nos momentos derradeiros desses homens e mulheres. O culto que prestavam a Deus estava intimamente ligado ao seu agir, de modo que o ato litúrgico era estendido na própria vida¹¹⁴. O momento do martírio assemelha-se, por vezes, a uma celebração litúrgica, a qual a oblação se torna o próprio mártir. Os elementos litúrgicos presentes nas “Atas dos Mártires” indicam que os atos proféticos de Cristo estavam presentes na experiência celebrativa dos fiéis nos primeiros séculos da Igreja, como podemos ver a seguir.

Nas Atas de São Filipe de Heracléia, durante a perseguição de Diocleciano, é relatada a ordem do governante da cidade, Baso, de destruir o templo e queimar os livros sagrados. Os soldados arrancaram toda a decoração do teto do templo e lançaram tudo em uma enorme fogueira, inclusive todas as cópias da Sagrada Escritura que foram encontradas¹¹⁵. De fato, a Sagrada Escritura ocupava um lugar especial na vida dos fiéis. Esta predileção é visível no modo em que os cristãos conservavam o livro sagrado e o conservavam em um lugar especial. A. Molinero

¹¹³ Idem, p. 155.

¹¹⁴ Até o século IV, não existia uma liturgia formal e comum à toda Igreja. Os sacramentários foram escritos com o passar do tempo a partir da experiência das diversas liturgias existentes. Contudo, descobrimos a vida litúrgica da Igreja dos primeiros séculos através dos atos sacramentais descritos nas “Atas dos Mártires”. Adalberto Franqueza apresenta os atos litúrgicos realizados pelos mártires no processo condenatório e durante o próprio martírio (cf. FRANQUEZA, A. “O Testemunho Litúrgico nas Atas dos Mártires”. In: *Liturgia e Vida* 197 (1986), p. 5-18).

¹¹⁵ “Martírio de San Felipe”. In: RUIZ BUENO, D. (org.). *Actas de los mártires*. Madrid: BAC, 2003, p. 1062. Esta obra reúne os principais relatos do martírio dos cristãos entre o século I e III, para citá-la usaremos a sigla “AM”.

recorda o cuidado com que bispos e padres mantinham em guardar os *Codices sacri* (presumidamente o Antigo e Novo Testamento)¹¹⁶.

Outro gesto de amor à Palavra de Deus aconteceu no martírio do bispo São Félix de Tibuica. Ao ser ordenado pelo juiz a entregar os Livros para serem queimados, declarou: “Antes preferiria que me queimassem a mim, vivo, em vez das Escrituras divinas, porque convém mais obedecer a Deus que aos homens”¹¹⁷. E na cidade de Catânia, por exemplo, o diácono Euplo foi executado com o Evangelho amarrado no pescoço, por ter sido surpreendido lendo-o aos fiéis¹¹⁸. Durante toda a vida, os cristãos conservavam a Palavra de Deus plasmada em seus corações e durante o martírio não seria diferente. Tertuliano afirmava que a Palavra de Deus é o alimento da fé, onde se alcança a esperança e fortalece a confiança no Senhor¹¹⁹.

Os atos litúrgicos que os cristãos celebravam estavam de tal modo enraizados em suas vidas que era normal serem repetidos no momento de aflição final. Como no martírio de São Cipriano, o bispo de Cartago, que antes de entrar no tribunal em que foi condenado, avistou uma poltrona coberta por um manto. Em sua época, a cátedra, símbolo do ministério episcopal, era coberta por uma colcha. E assim, o diácono Poncio narra que Cipriano sentou-se, “a fim de que nem mesmo sob o golpe do martírio, deixasse de gozar as honras episcopais”¹²⁰. Este gesto tão singelo revela o que tantas vezes Cipriano fez diante da comunidade. De fato, foi o povo que escolheu Cipriano para ser bispo e, como fiel sucessor dos apóstolos, ele deu testemunho até o fim da fidelidade ao seu ministério, como Cristo deu a vida pelo seu rebanho¹²¹. F. Figueiredo reconhece que “os cristãos viam nos mártires um profeta. Suas últimas palavras eram atentamente escutadas: Deus falava por eles ao povo cristão. Assim, ao decidir ser martirizado em Cartago, Cipriano coloca o ato supremo de seu episcopado”¹²².

¹¹⁶ Cf. MOLINERO, A. *Las otras liturgias occidentales*. Bilbao: EGA, 1992, p. 25.

¹¹⁷ “Martírio de San Felix”. In: AM, p. 961.

¹¹⁸ “Martírio de San Euplo”. In: AM, p. 1055.

¹¹⁹ TERTULIANO. *op. cit.* p. 206.

¹²⁰ “Vida y martírio de San Cipriano”. In: AM, p. 746.

¹²¹ Este gesto de Cipriano pode ser visto como um *’ôt* profético no mesmo molde que era realizado pelos profetas de Israel. Assim como, o Senhor pediu a Jeremias que lançasse uma bilha de barro no chão, chamando a atenção de todos os presentes para o anúncio de um oráculo, assim também, Cipriano quer afirmar que nem mesmo o martírio pode afastá-lo de seu ministério episcopal, e que entrega a própria vida pelo seu rebanho.

¹²² Cf. FIGUEIDEDO, F. *Curso de teologia patrística*. v. II. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 59.

Outros gestos habituais das celebrações são repetidos de forma espontânea durante o processo condenatório nas “Atas dos Mártires”. O relato de São Frutuoso, bispo de Tarragona, recorda os gestos de uma celebração pontifical¹²³. O martírio é descrito da mesma maneira que se descreve um culto litúrgico e o seu conteúdo é próprio do que ocorre em um pontifical, com a presença dos diáconos que assistem e acompanham o bispo nas celebrações. São Frutuoso é conduzido ao cárcere, acompanhado de seus diáconos. Na prisão, o bispo permanecia confiante e alegre em vista da coroa do Senhor que receberia, e orava ininterruptamente.

São Frutuoso exerce o seu ministério episcopal na prisão, batizando o catecúmeno Rogaciano. Numa sexta-feira, dia que se recorda a paixão do Senhor, São Frutuoso foi levado diante do presidente Emiliano e confessou ser cristão dizendo: “Eu adoro um só Deus, que fez o céu e a terra, o mar e tudo o que neles contém”¹²⁴. E o mesmo fizeram os diáconos. Com isso, eles foram condenados a serem queimados vivos¹²⁵. No instante do martírio, quando as chamas queimaram os laços que amarravam os mártires, “lembrando-se eles da oração divina e de seu costume comum, cheios de alegria, de joelhos dobrados, certos da ressurreição, fixos na figura do troféu do Senhor, permaneceram suplicando ao Senhor até o momento em que juntos, exalaram suas almas”¹²⁶.

A oração presente no testemunho do mártir São Frutuoso revela-nos o valor da oração para a Igreja dos mártires¹²⁷. Por diversas vezes, Jesus afirmava a necessidade

¹²³ Cf. FRANQUEZA, A. *op. cit.* p. 8.

¹²⁴ “Martírio de San Frutuoso”. In: AM, p. 789.

¹²⁵ O martírio de São Frutuoso destaca a presença do sinal litúrgico do tempo. A condenação e a morte do mártir acontecem em uma sexta-feira, o dia que a Igreja recorda da Paixão de Jesus. Podemos vislumbrar neste martírio a presença de um sinal sacramental, o ‘*ô*t do Tempo. O tempo na Liturgia está inserido na celebração do Ano Litúrgico, em que encontramos a presença do próprio Cristo e de seus atos salvíficos nas celebrações litúrgicas. Sobre o Ano Litúrgico e os atos de Cristo podemos encontrar mais informações nos seguintes trabalhos: BERGAMINI, A. “Ano litúrgico”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 58-63; AUGÉ, M. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p. 299-362; MARTÍN, J. *A Liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 235-248; MARSILI, S. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*, p. 483-628.

¹²⁶ “Martírio de San Frutuoso”. In: AM, p. 792.

¹²⁷ A oração é o sinal (*ô*t) do relacionamento entre uma pessoa e o próprio Deus. Por meio da oração nos comunicamos com o Senhor. J. Castellano afirma que “toda a Bíblia, AT e NT, é, por excelência, o livro de oração. Desde o primeiro ato criador de Deus no Gênesis até o último clamor orante da Esposa no Apocalipse, desenrola-se na Bíblia um diálogo feito de Palavras e de obras de Deus e de respostas do homem, que, como a própria revelação e a história da salvação, já é autêntica em sentido amplo” (CASTELLANO, J. “Oração e Liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 815). A oração dos mártires consiste nesta resposta ao amor de Deus, como o profeta Isaías que respondeu ao chamado do Senhor enquanto orava no templo (cf. Is 6,4), como o profeta Jeremias

de orar e dava o exemplo aos seus discípulos. Daniel-Rops recorda que através da oração, Jesus se preparava para os principais acontecimentos de seu ministério; “na oração encontrara repouso e força, e através da oração unira-se muitas vezes a seu Pai. Por isso, a oração é para o verdadeiro cristão uma escolta permanente que o acompanha ao longo de toda a vida, ou, por outras palavras, é a existência inteira que, consagrada a Deus, é oração: a vida deve transformar-se numa oração perpétua”¹²⁸.

As orações que eram ditas durante as celebrações litúrgicas também eram pronunciadas pelos mártires. Naquele momento, eles se uniam a cruz de Cristo e se entregavam também como uma perfeita oferenda. São Policarpo ao ser levado à prisão pede uma hora para entregar-se à oração e a faz intercedendo por “todos, conhecidos e desconhecidos, bons e maus e, especialmente, todos os católicos que se congregam em cada lugar da Igreja”¹²⁹. Policarpo recorda-se de rezar por todos, como é feito durante a celebração da Eucaristia. “O caráter litúrgico desta morte é um fato evidentemente se destaca. O bispo de Esmirna, na oração que pronuncia, na atmosfera de sua morte, consagra como uma última eucaristia, ele aparece como a hóstia da consagração”¹³⁰. E na pira, no momento de sua morte, enuncia uma solene ação de graças, como que uma primitiva prece eucarística:

Deus dos anjos, Deus dos arcanjos, nossa ressurreição, perdão do pecado, governador de todos os elementos e de todo o lugar, protetor de toda a linhagem dos justos que vivem em tua presença, eu te bendigo e te sirvo por me haver tido como digno de receber minha parte e a coroa do martírio, princípio do cálice, por meio de Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo, a fim de que, cumprindo o sacrifício deste dia, receba as promessas de tua verdade. Por isso eu te bendigo em todas as coisas e me glorio, por meio de Jesus Cristo, eterno e onipotente Pontífice. Pelo qual a Ti, com o mesmo Espírito Santo, seja a glória, agora e no futuro, pelos séculos dos séculos. Amém.¹³¹

M. Susini afirma que o martírio de Policarpo representa uma imitação perfeita da páscoa do Senhor. Como os profetas do Antigo Testamento que reproduziam na

que se relacionava com Deus (cf. Jr 14,7-15,21), e ainda o próprio Cristo que realizou o seu ministério, de obras e palavras, em comunhão com o Pai.

¹²⁸ DANIEL-ROPS, H. *op. cit.* p. 218.

¹²⁹ “Martírio de San Policarpo”. In: AM, p. 270.

¹³⁰ BOUYER, L. – DATTRINO, L. *La spiritualità dei Padri*. Bologna: Edizioni dehoniane, 1998, p. 53.

¹³¹ “Martírio de San Policarpo”. In. AM, p. 275.

própria vida o relacionamento de Deus com Israel¹³². O mártir não só recorda as palavras ou os gestos de Cristo, mas participa misticamente da paixão do Senhor¹³³.

Para a Igreja dos mártires, o ato por excelência da páscoa do Senhor é a celebração da Eucaristia. Por meio dela, os cristãos dos primeiros séculos, mesmo colocando suas vidas em risco, não deixavam de celebrá-la. Por isso, não se compreendia que um cristão se ausentasse da celebração eucarística, a fonte e o ponto mais alto de toda vida cristã¹³⁴.

Justamente por participarem da ceia do Senhor, cerca de cinquenta cristãos foram martirizados em Abitínia no ano de 304. Os cristãos estavam reunidos na casa de um deles, Octávio Félix, para celebrar “segundo o costume”, os mistérios do Senhor. Surpreendidos pelos magistrados da colônia foram conduzidos ao fórum e depois enviados a Cartago. Durante o trajeto, não deixaram de entoar cânticos ao Senhor com fervor e alegria. Diante do pró-cônsul de Cartago, Anulino, não omitiram a fé em Cristo. O mártir Telica dizia enquanto era cruelmente torturado: “Somos cristãos, por isso temos nos reunido”. “Sim, assisti à reunião e celebrei os Mistérios do Senhor, porque sou cristã”, respondia a mártir Vitória. “Celebramos devotamente os Mistérios do Senhor porque esta celebração não pode ser interrompida”, respondia o sacerdote Saturnino. E Emérito responde as acusações afirmando: “Para nós, não é possível viver sem celebrar o Mistério do Senhor”¹³⁵.

As respostas dos mártires manifestam o que a Eucaristia significava para cada um. Eles estão convencidos de que não se é cristão sem a Eucaristia. A participação consciente na celebração do Corpo e Sangue de Jesus fazia com que eles expusessem a própria vida. A celebração da Eucaristia é muito mais do que uma simples reunião ou um culto desconexo da vida, ela faz parte do ser cristão. Mesmo expostos a toda espécie de tormento não deixavam de celebrar a Ceia do Senhor. Os mártires da

¹³² A vida do profeta Oséias foi uma reprodução do amor de Deus para com o seu povo. No matrimônio com uma prostituta, Oséias profetiza a misericórdia de Deus diante da infidelidade de Israel.

¹³³ SUSINI, M. *op. cit.* p. 85.

¹³⁴ Esta mesma concepção, da Eucaristia como o centro da vida da Igreja, aparece na teologia do Concílio Vaticano II e nas obras de vários teólogos pós-conciliares. Cf. SC 10; LG 26; ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002; MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: MARSILI, S. (org.). *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 37-190.

¹³⁵ Cf. “Martirio de los Santos Saturnino, Dativo y otros muchos mártires”. In: AM, p. 975-982.

Eucaristia são autênticos profetas que levam até o fim a confissão da fé que professavam¹³⁶.

Dentre os atos litúrgicos descritos durante os martírios, encontramos alguns elementos presentes no rito da Eucaristia. Antes do martírio de Montano, Lúcio e companheiros, a mártir Cuartilosia teve uma visão¹³⁷. Ela descreve que viu um jovem apresentando-lhe cálices cheios de leite e deu de beber a todos os presentes. No dia seguinte, a visão da mártir é realizada e foi entregue aos mártires os cálices de leite pelas mãos de Luciano¹³⁸. Nos primeiros séculos, os fiéis, após terem sido batizados, participavam da Eucaristia pela primeira vez, e recebiam após a comunhão um pouco de leite. O leite era utilizado como a síntese dos sacramentos da iniciação cristã, pelos quais os cristãos recebem a nova vida e tomam posse da terra em que corre leite e mel¹³⁹.

Na ata do martírio das santas Felicidade e Perpétua também aparece o leite como sinal da iniciação cristã. Antes do martírio, Perpétua tem a visão de um pastor que ordenhava as ovelhas e lhe diz: “Sejas bem vinda, filha”. “Chamou-me e do queijo – leite, que tirava me deu um pouco, e eu o recebi com as mãos juntas e comi”¹⁴⁰. M. Susini esclarece que o pedaço de queijo entregue à Perpétua simbolizava a Eucaristia, era um encorajamento diante do martírio. Jesus é o pastor que ordenhava as ovelhas, o bom pastor dos Evangelhos¹⁴¹.

Os gestos litúrgicos também sobressaem nas atas do martírio. Gestos como o de estender as mãos, comum nas celebrações e orações comunitárias, estão presentes

¹³⁶ A vida dos mártires corresponde ao testemunho dos profetas do Antigo Testamento. Da mesma maneira que os profetas de Israel dedicavam toda a vida para o anúncio da Palavra do Senhor, os mártires também entregavam a própria existência em nome da fé em Cristo. A missão dos mártires assemelha-se com a vida do profeta Jeremias que sofreu pelo anúncio da Palavra de Deus. Sobre este “martírio” dos profetas podemos ler: BOGGIO, G. *op. cit.* e MELLO, A. *La passione dei profeti*. Magnano: Qiqajon, 2000, p. 51-62.103-116.

¹³⁷ O relato do martírio de Montano, Lúcio e companheiros e das Santas Perpétua e Felicidade manifesta a intenção do redator em relacionar as visões dos mártires com o exercício de um ministério profético (cf. SAXER, V. “Martírio”. In: BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 898).

¹³⁸ “Martírio de los santos Montano, Lucio y compañeros”. In: AM, p. 808s.

¹³⁹ O simbolismo do leite é citado com frequência na antiguidade cristã, juntamente com o mel, baseados nas referências bíblicas em 1Cor 3,2 e 1Pd 2,2. Tertuliano e São Jerônimo também se referem ao gesto de misturar leite e mel (cf. TERTULIANO. “Contra Marcião”. In: AL, p. 232; JERÔNIMO. “Comentário ao profeta Isaías”. In: AL, p. 775).

¹⁴⁰ “Martírio de las Santas Perpetua y Felicidad y de sus compañeros”. In: AM, p. 419ss.

¹⁴¹ SUSINI, M. *op. cit.* p. 108.

nos relatos. Clemente de Alexandria orientava que a oração deve ser realizada com a cabeça levantada e de braços erguidos para o céu¹⁴².

Este sinal de oração a Deus é relatado no martírio de São Frutuoso e seus diáconos, que antes de expirarem, estenderam as mãos, “segundo o costume”. Também, no sacrifício de São Filipe, após sua morte foi encontrado o seu cadáver com as mãos estendidas como a posição de quem estava em oração¹⁴³. Este gesto foi retratado nas pinturas das catacumbas e representa a atitude orante de toda Igreja.

Tertuliano irá afirmar que as mãos estendidas significam e reproduzem o gesto sacrificial de Cristo¹⁴⁴. Era tão comum e tão arraigado o costume de orar com as mãos estendidas que Tertuliano disse que também as aves “estendem as asas, em forma de cruz, dizendo alguma coisa que se assemelha a uma oração”¹⁴⁵. Esta atitude de estender as mãos na oração prepara os cristãos para sofrer qualquer suplício.

A posição do corpo também está vinculada ao modo de orar da comunidade e desempenhou um papel importante na liturgia. Estar voltado na direção do oriente era um gesto comum de oração. No martírio de Piônio e Metródoro quando cravados no tronco “dirigiram seus olhos para o Oriente”¹⁴⁶. O Oriente é Cristo, “*Oriens ex alto*, o lugar donde procede a luz que desperta os homens que dormem nas trevas, e também a direção de Jerusalém terrestre”¹⁴⁷. Este costume que surgiu no século II foi conservado até os nossos dias, na tradição em relação à orientação das igrejas e na celebração da missa *ad Orientem*¹⁴⁸. Daniel-Rops afirma que:

Se os primitivos cristãos conheciam e proclamavam a eficácia da oração e dos sacramentos, conheciam melhor do que nós o seu significado, a sua intenção simbólica e mística. A seus olhos, orar era conversar com Jesus vivo, como haviam conversado os discípulos de Emaús e como cada um conversaria, no dia de amanhã, com Cristo na glória. Comungar era sentar-se à mesa da última Ceia, cujos pormenores eram todos familiares, e ao mesmo tempo tomar parte na Ceia eterna, que se iria celebrar no dia de amanhã¹⁴⁹.

Ainda relacionado aos gestos litúrgicos, encontramos o ato de saudação da paz nas atas. Já próximo à consumação do martírio, Perpétua e Felicidade, juntas aos

¹⁴² Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA. “Stromata VII”. In: AL, p. 195.

¹⁴³ Cf. “Martírio de San Felipe”. In: AM, p. 1083.

¹⁴⁴ Cf. TERTULIANO. “A oração”. In: AL, p. 218.

¹⁴⁵ Idem, p. 220.

¹⁴⁶ “Martírio de San Pionio”. In: AM, p. 638.

¹⁴⁷ DANIEL-ROPS, H. *op. cit.* p. 218.

¹⁴⁸ Cf. CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. “Livro II”. In: AL, p. 473.

¹⁴⁹ DANIEL-ROPS, H. *op. cit.* p. 220.

outros mártires, foram conduzidas ao anfiteatro para morrerem ao fio da espada. Antes de entregarem suas vidas, Perpétua e Felicidade, de pé, beijaram-se mutuamente com os demais mártires, “a fim de consumir o martírio com o rito solene da paz”¹⁵⁰. Era o mesmo ato que faziam antes de receber o Corpo e o Sangue de Cristo. Mais do que um simples cumprimento de despedida, o ósculo representava a oferta do dom pascal, do dom da ressurreição, ofertado por Cristo aos discípulos reunidos no cenáculo. Era o beijo da ressurreição¹⁵¹.

O mesmo gesto de saudação da paz é apresentado no martírio dos santos Montano, Lúcio e companheiros. Um destes mártires, Flaviano, acompanhado de outros cristãos, saudou com a paz da Igreja cada um, confirmando na fé a todos os irmãos e exortando a viverem na unidade, na paz e na caridade¹⁵². O rito da paz na liturgia é rico de significado, não é um gesto sem sentido, mas é como um “sacramento”, ação visível que manifesta o perdão, a união e a fraternidade.

Um estudo sistemático e mais aprofundado das “Atas dos Mártires” permitirá encontrar ainda inúmeras semelhanças entre a liturgia e a vida da comunidade cristã. Os mártires dos primeiros séculos da Igreja foram verdadeiros profetas. Em um tempo de tanta perseguição e sofrimento, viveram a fidelidade ao Senhor até o fim da vida. Não temeram em anunciar o Evangelho e confessar a fé cristã.

Estes atos recordam as ações simbólicas realizadas pelos profetas de Israel. No Antigo Testamento, os profetas anunciavam com a própria vida a mensagem de Deus, e não fizeram diferente os mártires da Igreja que transmitiram o Evangelho prolongando dignamente os atos proféticos de Cristo. Desse modo, a existência dos mártires é uma Eucaristia ininterrupta, que acontece na realidade de sua vida, de sua oração e de seu martírio.

3.3

O testemunho litúrgico-profético nos Padres da Igreja

Os três primeiros séculos da Igreja foram marcados pelo testemunho profético dos mártires cristãos que anunciaram com a própria vida o Evangelho. Eles se

¹⁵⁰ “Martírio de las Santas Perpetua y Felicidad y de sus compañeros”. In: AM, p. 439.

¹⁵¹ É possível perceber no gesto da paz realizados pelos mártires como o *’ót* profético do intercâmbio do *shalom* do Pai. O martírio é o sinal da paz do reino messiânico profetizado pelos profetas do Antigo Testamento. O profeta era o homem que anunciava a paz para Jerusalém. Assim também, o martírio cristão é o sinal messiânico da paz na Jerusalém celeste.

¹⁵² Cf. “Martírio de los santos Montano, Lucio y compañeros”. In: AM, p. 821-822.

comprometeram de tal forma com que aquilo que acreditavam, que, diante do sofrimento, não renunciaram a fé e, por isso, foram julgados e condenados à pena de morte. Com a promulgação do Edito de Milão, no ano de 313, a Igreja viveu um novo tempo com o fim das perseguições. Houve uma adesão em massa ao cristianismo e fez-se necessário reformular o processo de ingresso à fé cristã, a fim de que os novos membros permanecessem fiéis aos ensinamentos de Cristo, promovendo, assim, uma vida cristã responsável e madura desde o início¹⁵³.

A nova condição da Igreja repercute diretamente no processo de iniciação cristã. Já no século I, encontramos no texto da Didaqué orientações para o ingresso de novos cristãos na Igreja¹⁵⁴. São Justino, no século II, descreve um rito litúrgico para a celebração do batismo e da Eucaristia¹⁵⁵. Mas, é no testemunho da “Tradição Apostólica” de Hipólito que esse itinerário para adesão à fé cristã assume uma forma mais elaborada¹⁵⁶.

No século IV, os Padres da Igreja começam a desenvolver uma teologia visando a transmissão da fé aos novos cristãos, com a intenção de possibilitar uma participação consciente do mistério de Cristo. Surge, então, as catequeses mistagógicas¹⁵⁷. E. Mazza afirma que a mistagogia é a teologia dos primeiros tempos¹⁵⁸. Por meio destas catequeses a pessoa é conduzida ao encontro do mistério de Deus, e orientada para a vivência de uma espiritualidade integrada na dimensão pessoal e comunitária.

¹⁵³ R. Balaguer afirma que com a oficialização do cristianismo surgiu inúmeras vantagens para quem ingressasse na nova religião do estado. Com isso, a quantidade passa a prevalecer sobre a qualidade, e a conversão necessária para o ingresso ao catecumenato, torna-se superficial e falsa. Eram motivos para que os pagãos simulassem a fé cristã: o desejo de se casar com uma cristã (que era impedidas de se casarem com homens pagãos) e a ambição política, com o batismo buscavam agradar o imperador cristão para receber as honrarias do império (cf. BALAGUER, R. *Catequesis y liturgia em los Padres. Interpelación a la catequesis de nuestros días*. Salamanca: Sígueme, 1988, p. 60).

¹⁵⁴ Os capítulos VII, IX e X da Didaqué apresentam questões litúrgicas referentes ao batismo e à celebração da Ceia do Senhor (cf. DIDAQUÉ. “Instrução do Senhor aos Gentios”. In: AL, p. 102-105).

¹⁵⁵ Justino na carta “Apologia I” expõe uma instrução sobre o rito do batismo e em seguida, descreve a Eucaristia (cf. JUSTINO. “Apologia I”. In: AL, p. 146-149).

¹⁵⁶ Hipólito de Roma descreve na “Tradição Apostólica” a tradição que recebeu na comunidade de Roma. Descreve os sacramentos da Eucaristia, do batismo e também da ordem. (cf. HIPÓLITO DE ROMA. “Tradição Apostólica”. In: AL, p. 244-253).

¹⁵⁷ A palavra “mistagogia” tem sua origem na união de dois termos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir, por isso nos indica uma catequese, ma qual o fiel é iniciado mistério de Cristo. Como exemplo de autores que elaboraram suas catequeses, podemos destacar: Ambrósio de Milão, de Cirilo de Jerusalém, de Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.

¹⁵⁸ Cf. MAZZA, E. *La Mistagogia Una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988, p. 5.

Uma catequese para a iniciação cristã tem por objetivo conscientizar a pessoa que deseja ser cristão, de que a ação do Messias é prolongada no mundo através da palavra e do gesto simbólico, e por eles realiza-se a salvação. I. Buyst afirma que o mistério da fé está presente na ação ritual por meio da narrativa e da interpretação dos fatos (liturgia da Palavra) e pelas ações simbólicas relacionadas com esses fatos (liturgia sacramental)¹⁵⁹. Atos como a imersão batismal, a unção com óleo, a profissão da fé, a imposição das mãos, entre outros, são ações repletas de significado que se tornam eventos portadores de salvação¹⁶⁰.

Podemos qualificar as ações acima descritas como atos (*'ôt*) litúrgico-proféticos. Estes atos são litúrgicos por comunicar o mistério divino e realizar a obra da salvação, torna atuais os atos proféticos de Cristo pela força do Espírito Santo, que dá vida e santidade à Igreja¹⁶¹. E eles, ao mesmo tempo, são atos proféticos, por anunciar a Boa Nova, denunciar o pecado, transformar a realidade pessoal do homem em sinais do Reino e estimular os cristãos a uma vida na justiça, no perdão e na doação ao próximo.

A teologia dos Padres da Igreja ensina que através dos sacramentos, os fiéis são configurados a Jesus na celebração dos mistérios de Cristo. Por meio de gestos e palavras, o neófito é conduzido à participação no mistério pascal de Jesus. Na celebração, os gestos se sobressaem e recordam as ações do próprio Senhor. Eles expressam a visibilidade da adesão à fé cristã por ações concretas na vida do homem. Na descrição destes atos, podemos identificar uma continuidade dos atos celebrativos da Igreja, desde a comunidade primitiva dos fiéis aos atos litúrgicos dos mártires. Além disso, vislumbramos a ação da Igreja, que por meio da mistagogia, compreende os sacramentos como a continuação do mistério de Cristo no mundo¹⁶². Para exemplificar a força litúrgico-profética dos sacramentos, apresentamos a seguir, a partir dos ritos de iniciação cristã, alguns gestos litúrgicos à luz da mistagogia patrística. É de nosso interesse enfatizar em nossa exposição, de forma particular, alguns gestos do ritual do batismo.

¹⁵⁹ Cf. BUYST, I. – SILVA, J. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 82-83.

¹⁶⁰ Cf. MAZZA, E. *op. cit.* p. 176-177.

¹⁶¹ Cf. GUIMARÃES, P. B. *op. cit.* p. 105-107.

¹⁶² O documento mais antigo que o descreve é a tradição Apostólica de Hipólito. E outro importante testemunho sobre as ações simbólicas da Igreja são as catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. De grande valor teológico, expressa a celebração dos sacramentos no Oriente. As catequese mistagógicas levam o fiel a compreender o sentido espiritual de toda a celebração.

Os ritos de iniciação cristã possuem inúmeros gestos e palavras que prolongam o mistério de Cristo de modo visível entre os homens e indicam o compromisso que o cristão deve assumir pela sua dignidade batismal de filho de Deus. Um dos ritos litúrgicos que antecedia a celebração do batismo e possuía um significado singular era o ato de se despojar das vestes. Esse ato acontecia no início da celebração e estava relacionado com o revestir-se de novas vestes no final da celebração, a fim de representar o abandono do “homem velho” e do pecado para assumir a nova condição batismal. A roupa branca, da qual o fiel se revestia, simbolizava que ele se revestiu com as vestes do homem novo, resgatado da morte por Cristo (cf. Gl 3,27)¹⁶³. Para Cirilo de Jerusalém, esta ação “é uma imagem do despojamento do homem velho com as suas obras. Tendo-vos despido, ficastes nus, imitando também nisso a Cristo nu na cruz”¹⁶⁴. E Teodoro de Mopsuéstia percebe neste ato o sinal da nova vida: “A partir do momento em que sobes da água, revestes-te com uma veste esplêndida: ela é o sinal do mundo radioso e esplêndido e dos seus costumes, onde te introduzem já as figuras”¹⁶⁵.

Outro ato profético da celebração de iniciação cristã é a unção com o óleo. Este rito é realizado em dois momentos, antes e após o batismo. O primeiro é a unção com o óleo dos catecúmenos e o segundo com o óleo do crisma. Ambos os momentos possuem uma importante simbologia. Cirilo, ao comentar sobre a unção com o óleo, primeiro descreve a própria substância que é utilizada, o óleo, fruto da oliveira, símbolo do próprio Jesus Cristo. Ser ungido é participar da riqueza de Cristo e ser liberto das forças do mal¹⁶⁶. A unção é acompanhada de orações e pedidos de intercessão aos santos e invocação de Deus.

Depois de vos terdes despídos, fostes ungidos com óleo do exorcismo, desde os cabelos do alto da cabeça até aos pés, e assim vos tornastes participantes da oliveira boa, Jesus Cristo. (...) Do mesmo modo que a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus, como se fosse chama impetuosa, queima e expulsa os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela oração, uma tal força, que não só purifica os vestígios dos pecados, queimando-os, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno¹⁶⁷.

¹⁶³ A vida nova está presente no anúncio profético de Jeremias que proclamava um oráculo de renovação para todo Israel. O profeta anunciava a nova aliança com seu povo, inscrita no coração de cada pessoa (cf. Jr 31,31-34).

¹⁶⁴ CIRILO DE JERUSALÉM. “Catequeses mistagógicas”. In: AL, p. 555.

¹⁶⁵ TEODORO DE MOPSUÉSTIA. “Homilias catequéticas”. In: AL, p. 798.

¹⁶⁶ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. *op. cit.* p. 555.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

Com a unção do óleo consagrado, o fiel participa da riqueza de Jesus como o sinal que o Pai ungiu Cristo. Logo após o batismo, os fiéis recebem a unção com o crisma. Como o Pai unge o Cristo no batismo, fomos ungidos por um homem, um sacerdote. A unção é o sinal do Espírito Santo, o *’ôt* de Nazaré acontece na vida de cada cristão e com o selo do Espírito também participa da autoridade de Cristo e pode afirmar: “O Espírito do Senhor está sobre mim” (cf. Lc 4,18). O mesmo Espírito Santo que ungiu a comunidade primitiva em Pentecostes, e estava junto de cada mártir que testemunhava a palavra de Deus, pela unção com o óleo realiza a mesma graça na vida de cada fiel cristão.

Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo o universo, o ungiu com o Espírito Santo, conforme diz Pedro: “Jesus de Nazaré, a quem Deus ungiu como o Espírito Santo”. E o profeta Davi exclamou: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; centro de retidão, o cetro de tua realeza. Amaste a justiça e por isso te ungiu Deus, teu Deus, com o óleo da alegria, mais que teus companheiros”. (...) Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo¹⁶⁸.

A celebração do batismo era precedida por uma explícita profissão de fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O ato da imersão na água recorda o batismo de João Batista às margens do Jordão. Tertuliano descreve sobre o simbolismo profético da água no Antigo Testamento relatando a travessia do povo liberto do mar Vermelho. Já no Novo Testamento, o Padre da Igreja apresenta todas as vezes que Cristo se refere à água: no batismo no Jordão, em Caná, com a Samaritana, sobre o copo de água dado ao próximo, quando descansa junto do poço de Jacó, ao caminhar sobre as águas, o lava-pés, Pilatos que lava as mãos, a água que sai do lado de Cristo ao ser transpassado pela espada do soldado¹⁶⁹.

Para Cirilo de Jerusalém, a água também recebe um novo significado. Esse sinal é o meio de mediação para a experiência sacramental do sepultamento e do novo nascimento. Na catequese mistagógica, Cirilo evoca referências bíblicas preñes de significado pascal: o êxodo e libertação do povo hebreu, a água que salva do dilúvio, o batismo de João e o batismo de Cristo¹⁷⁰.

¹⁶⁸ Idem, p. 557.

¹⁶⁹ Cf. TERTULIANO. “O Baptimo”. In: AL, p. 213.

¹⁷⁰ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. *op. cit.* p. 552.

O local do batismo também é descrito pelo bispo de Jerusalém. A piscina batismal é a imagem da sepultura de Jesus, o sinal de que pela imersão na água, a pessoa morre e nasce para a vida nova: “num mesmo instante, morrestes e nascestes, e aquela água de salvação tornou-se para vós, ao mesmo tempo, sepulcro e mãe”¹⁷¹. O ato de descer à pia batismal para ser batizado reproduz a morte e o sepultamento de Cristo. “Começastes por entrar no átrio do batistério. De pé, voltados para o Ocidente, escutastes com atenção. Recebestes a ordem de estender a mão e renunciastes a Satanás como se estivesse presente”¹⁷².

Da mesma maneira que a ação simbólica dos profetas de Israel era acompanhada de uma palavra, o ato profético do batismo também está junto de palavras: “Eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Não apenas o ministro, mas o eleito também proclama profeticamente a fé na Santíssima Trindade. As respostas das interrogações que lhe são feitas assumem esta força profética, por inserir na própria história a vida de Cristo. O cristão assume pelo batismo o compromisso de viver de acordo com o Evangelho e deve testemunhá-lo em todo tempo e lugar, pois está unido sacramentalmente a Cristo ressuscitado.

À luz da práxis e da teologia dos Padres podemos verificar que na celebração do batismo, o ato litúrgico-profético da imposição das mãos sobre o neófito recordam ações presentes no Antigo Testamento e na vida de Jesus como o sinal da transmissão da benção ou de um ofício¹⁷³. No ministério de Cristo, esse gesto torna-se também um sinal de cura e salvação para os enfermos e endemoniados. Na liturgia, a imposição das mãos tem um caráter pneumatológico¹⁷⁴. Esta ação é a figura da mão de Deus¹⁷⁵. R. Cantalamessa relaciona a imagem do toque da mão direita de Deus com o toque do Espírito Santo: “é o ‘lugar’ em que Deus se encontra com a criatura, em que a Trindade se projeta para fora de si mesma (*ad extra*); em que Deus ‘sai’ de si mesmo para comunicar ao mundo”¹⁷⁶. E acrescenta, por este título, que podemos “vislumbrar uma particular manifestação do Espírito

¹⁷¹ Idem, p. 555.

¹⁷² Idem, p. 552.

¹⁷³ Entre os seus significados bíblicos, o gesto de imposição das mãos expressa a benção de Deus (Gn 48,13-16) e a atribuição de uma função (Nm 27,18-20; At 13,9).

¹⁷⁴ Cf. CIBIEN, C. “Gestos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 510.

¹⁷⁵ Cf. TRIACCA, A. M. “Espírito Santo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. *op. cit.* p.365.

¹⁷⁶ CANTALAMESSA, R. *O canto do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 198.

carismático na história da salvação e na Igreja, aquela que consiste em operar ‘sinais e prodígios’”¹⁷⁷.

Outro ato profético de Cristo conservado pela Igreja dos Padres é o rito do “éfata”¹⁷⁸. Na “Tradição Apostólica”, Hipólito orienta que o bispo deve soprar no rosto do catecúmeno e depois traçar o sinal da cruz na fronte, nos ouvidos e no nariz. Na tradição cristã o sopro significa a força do Espírito de Deus (cf. Ez 37,9)¹⁷⁹. Jesus sopra sobre o surdo-mudo, a fim de lhe abrir os ouvidos e a boca para que possa escutar e falar (cf. Mc 7,31-37). Dessa mesma forma, quando o ministro sopra sobre o catecúmeno, segundo os Padres da Igreja, é o próprio Jesus que lhe abre os ouvidos e a boca para que ele pudesse compreender e escutar a Palavra¹⁸⁰.

Após a celebração dos ritos relacionados diretamente ao sacramento do batismo e da crisma, a iniciação cristã é concluída com a recepção da Eucaristia. Ambrósio de Milão, em suas catequeses mistagógicas, *De Sacramentis* e *De Mysteries*, destaca o significado da ceia eucarística, para que os iniciados na fé conheçam profundamente o mistério celebrado. O bispo de Milão expõe a natureza e a importância da recordação das palavras do Senhor durante a celebração do rito eucarístico. O ato de repetir as palavras de Cristo pronunciadas na última ceia faz com que o pão e o vinho se transformem em uma nova realidade.

Como é que o pão pode ser o Corpo de Cristo? Quais são as palavras com que se faz a consagração e de quem são essas palavras? São do Senhor Jesus. De fato, tudo o mais que se diz antes é dito pelo sacerdote: louva-se Deus, dirige-Lhe a oração, reza-se pelo povo, pelos reis, por todos os outros. Mas, quando se chega ao momento de fazer o venerável sacramento, o sacerdote já não se serve das suas próprias palavras, mas serve-se das palavras de Cristo. É, pois, a palavra de Cristo que produz este sacramento¹⁸¹.

Cirilo de Jerusalém reconhece a origem da Eucaristia na última ceia¹⁸². Além disso, ele afirma que através da participação no sacramento, o fiel se configura ao próprio Cristo. Na Eucaristia, Jesus participa concretamente do nosso ser, torna-se um conosco e, assim, tomamos parte do corpo de Cristo e participamos

¹⁷⁷ Idem, p. 202.

¹⁷⁸ Assim como o profeta Ezequiel sopra sobre os ossos secos e lhes devolve a vida (cf. Ez 37, 1-20), o ministro também sopra sobre o catecúmeno, como um ‘ót profético, que devolve a vida àquele que estava morto pelo pecado.

¹⁷⁹ Cf. NOCENT, A. *op. cit.* p. 38.

¹⁸⁰ Cf. AMBRÓSIO. “Os sacramentos”. In: AL p. 605.

¹⁸¹ AMBRÓSIO DE MILÃO. “Os Sacramentos”. In. AL p. 610.

¹⁸² Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. *op. cit.* p. 558.

da sua natureza divina. A celebração eucarística produz uma experiência plena de comunhão com o Senhor, transformando a vida de cada fiel. O bispo de Jerusalém afirma:

Com efeito, sob a forma de pão é o Corpo que te é dado, e, sob a forma de vinho, o Sangue; de tal maneira que, a receberes o Corpo e Sangue de Cristo, te transformes, com Ele, num só corpo e num só sangue. Deste modo, tendo assimilado em nossos membros o seu Corpo e o seu Sangue, tornamo-nos portadores de Cristo, como diz São Pedro, participantes da natureza divina¹⁸³.

Para J. Aldazábal, a Eucaristia deve ser compreendida de forma dinâmica, a fim de que não seja apenas as espécies eucarísticas a serem transformadas, mas também se realize uma mudança na vida de quem a celebra¹⁸⁴. A Eucaristia deve ser prolongada na vida do fiel. O mesmo deve compreender que o rito litúrgico não tem o fim em si mesmo, mas gera uma conversão na própria vida. Esta mudança consiste em assumir na própria carne a vida de Cristo.

João Crisóstomo desenvolve em sua teologia sobre a Eucaristia a relação dessa com os pobres e oferece uma importante contribuição sobre o vínculo entre liturgia e a práxis cristã. Para ele, a ceia do Senhor é uma refeição destinada aos mais necessitados, os membros mais elevados do Corpo de Cristo. A fração do pão é um gesto profético, sinal de partilha dos dons distribuídos por Deus. Dons que não são apenas espirituais, mas também são dádivas materiais que devem ser partilhados entre a comunidade, a fim de saciar os famintos.

A celebração eucarística é a um ato de uma entrega de si mesmo aos mais necessitados, pois de acordo com Crisóstomo, na assistência ao desprovido realiza-se o verdadeiro culto de louvor a Deus. Em uma de suas homilias, o Padre da Igreja comenta:

Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: “Isto é o meu corpo”, confirmando o fato com a sua palavra, também afirmou: “Viste-Me com fome e não Me destes de comer”; e ainda: “Na medida em que recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o recusastes”. No templo, o corpo de Cristo não precisa de mantos, massa de almas puras; mas na pessoa dos pobres, Ele precisa de todo o nosso cuidado¹⁸⁵.

¹⁸³ Idem, p. 559.

¹⁸⁴ Cf. ALDAZÁBAL, J. *op. cit.* p. 146.

¹⁸⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. “Homilia sobre São Mateus”. In: AL, p. 738.

Com essas palavras, João Crisóstomo não nega a sacralidade do culto e o desprezo pelas coisas a ele relacionado, ele age como o profeta Oséias que cansado de um culto vazio pela ausência da justiça, defende um culto que suscite atos de misericórdia: “porque é amor que eu quero e não sacrifícios” (Os 6,6). É necessário que a comunidade cristã tenha consciência da presença viva e real de Cristo nos membros do seu corpo que mais padecem. Assim, a participação na Eucaristia será realmente eficaz na vida do fiel, quando este estiver impregnado do amor e da misericórdia para com os pobres e indigentes. “Por conseguinte, enquanto adornas o templo, não esqueças o teu irmão que sofre, porque este templo é mais precioso que o outro”¹⁸⁶.

Além desses fatos serem coerentes na teologia dos Padres da Igreja, o documento “*Didascalia Apostolorum*” relata diversas orientações sobre a práxis litúrgica da Igreja que aplica a relação da celebração eucarística com os mais necessitados. A instrução orienta que o bispo deve suspender, por exemplo, a pregação para acolher pessoalmente o pobre que se aproxima da assembleia para acomodá-lo em algum lugar; caso não haja local disponível para ele, o bispo deve-lhe oferecer a cátedra episcopal na qual está sentado.

Se vier um pobre ou uma pobre, quer seja da comunidade ou estranho, e sobretudo se forem de idade avançada, e não houver lugar para eles, dá-lhes tu um lugar de todo o coração, ó bispo, mesmo que tenhas de te sentar no chão, para não fazeres acepção de pessoas diante dos homens e para que o teu ministério seja agradável diante de Deus¹⁸⁷.

No testemunho litúrgico-profético dos Padres da Igreja reconhecemos uma continuidade dos atos de Cristo na Igreja; as ações litúrgicas da comunidade cristã refletiam os atos proféticos de Cristo. Através da mistagogia, os Padres ensinavam aos que se preparavam para o batismo, o significado dos gestos rituais. Estes atos não se restringem apenas a celebração litúrgica, mas é estendido na vida de cada batizado de modo concreto na práxis cotidiana. Os atos litúrgico-proféticos não realizam uma liturgia fechada em si mesma, mas disponível ao próximo, de modo que a celebração litúrgica conduza o fiel à vida nova, a que se torna o “verdadeiro culto que agrada a Deus” (cf. Os 6,6; 8,11-12; Am 6,21-25).

¹⁸⁶ Idem, p. 739.

¹⁸⁷ DIDASCÁLIA DOS APÓSTOLOS. “Livro II”. In: AL, p. 266.

4

A missão profético-litúrgica da Igreja hoje

4.1

Aspectos da teologia sacramental no Concílio Vaticano II

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) proporcionou uma renovação teológica que gerou uma nova consciência sobre a missão e o ser da Igreja. O Papa João XXIII convocou o Concílio com a convicção de que era desejo do Espírito renovar a Igreja. Esta renovação surge como necessária diante dos desafios do tempo presente e das grandes transformações da sociedade moderna¹⁸⁸. Diferente dos concílios anteriores que trataram de diversas questões dogmáticas, o Vaticano II foi o primeiro a refletir sobre a Igreja de forma abrangente¹⁸⁹.

Para responder a essas novas questões foi necessário buscar as fontes do pensamento cristão. Desse modo, surgiu o movimento teológico de “retorno às fontes”: uma redescoberta da teologia bíblica e dos escritos dos Padres da Igreja. Os representantes deste movimento foram os seguintes teólogos: Henri de Lubac, Hans Urs Von Balthasar, Yves Congar, Karl Rahner, Hans Küng, Edward Schillebeeckx, Jean Daniélou, Joseph Ratzinger entre outros. Tais autores encontraram na revelação bíblica e na teologia patrística, os fundamentos da Igreja fundada por Cristo. O “retorno às fontes” permitiu realizar uma renovação eclesial a partir das ações de Jesus Cristo.

A renovação teológica proposta pelo Concílio foi possível pela interação entre a teologia bíblica, patrística e dogmática. Com o avanço das reflexões da Sagrada Escritura e a redescoberta dos textos dos Padres da Igreja, a teologia dogmática foi

¹⁸⁸ Acerca das mudanças ocorridas no período anterior ao Concílio Vaticano II conferir em TIHON, P. “A Igreja”. In: SESBOÛÉ, B. (org). *Os sinais da salvação. Séculos XII – XX*. v. 3. São Paulo: Loyola, 2005, p. 423: “O século XX viu operar-se na Igreja católica uma profunda modificação. O Concílio Vaticano II é de certa forma seu símbolo. Mas um símbolo, por si só, não permite medir a amplitude dos redirecionamentos ocorridos. O que continuou a se transformar, e de maneira acelerada, foi o conjunto da cultura e até a organização do planeta. Duas guerras mundiais, o nascimento, a expansão e a queda do marxismo, uma série de acontecimentos de alcance mundial marcaram de modo decisivo a consciência da humanidade. Acontecimentos simbolizados por alguns nomes: Auschwitz, Hiroshima, o Gulag. Mas houve também a conquista espacial, os avanços da biogenética, a tomada de consciência do problema ecológico”.

¹⁸⁹ Os concílios anteriores trataram dos mais diferentes temas: a divindade de Jesus, a divindade do Espírito Santo, a maternidade divina de Maria, o culto das imagens, reforma da Igreja, a infalibilidade papal etc. O Concílio Vaticano II foi o primeiro sínodo a tratar da relação entre a Igreja e o mundo e sua atividade pastoral (cf. ALMEIDA, A. *Lumen Gentium. A transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 15).

capaz de se reler de uma nova maneira. Assim, a Bíblia ressurgiu como fundamento de renovação para toda teologia e proporciona a união entre a dogmática e a exegese¹⁹⁰. Por sua vez, a teologia dos Padres da Igreja nos transmite o testemunho de uma nova e dinâmica forma de experiência de Deus de cunho trinitário-pneumático. E assim, por meio da perspectiva bíblico-patristica dos sacramentos, podemos retomar uma espiritualidade cristã do encontro com Deus a partir dos atos litúrgicos da Igreja.

O primeiro documento conciliar aborda a renovação da liturgia da Igreja. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* foi desenvolvida a partir da relação entre a teologia bíblica e patristica. Os padres conciliares apresentam a natureza da liturgia como parte da história da salvação, ela é a continuação e a síntese do desígnio salvífico de Deus para os homens. Nesse sentido, afirmam que a liturgia é a última etapa da “*historia salutis*”, o caminho histórico em que a salvação é comunicada aos homens¹⁹¹.

A história da salvação expressa o desígnio salvífico de Deus, realizado por atos e palavras. A. M. Triacca afirma que “a existência de uma história da salvação equivale a asseverar que a salvação se realiza mediante atos humanos livres e contingentes, com os quais o homem constrói a sua história, que é a história da salvação, por iniciativa e por auxílio de Deus”¹⁹². Os eventos e sinais do Antigo Testamento querem anunciar e preparar os eventos e sinais neotestamentários, de forma correspondente, complementar e contínua. Dessa forma, o que foi anunciado era promessa e profecia, e em Cristo torna-se realidade.

O relato contido na Sagrada Escritura não encerra a história salvífica, essa ultrapassa o tempo da revelação bíblica e se projeta na vida da Igreja. A liturgia será a continuação da história narrada na Bíblia. Em cada celebração litúrgica realiza-se o “hoje” perene da salvação no tempo e na vida da Igreja (cf. Lc 4,21). A liturgia é,

¹⁹⁰ Foi no pontificado de Pio XII, diante do amadurecimento teológico e das novas descobertas, que foi estimulada na Igreja uma renovação da teologia bíblica. O pontífice publicou em 1943 a Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, sob o impulso do movimento bíblico. Na encíclica, o Papa anima a comunidade cristã a retornar aos textos bíblicos, como o fundamento e princípio de vitalidade de toda a Igreja. A palavra de Deus está no centro da vida da igreja que gera “filhos para Deus” através da Palavra e do Sacramento. Sobre a relação entre a Sagrada Escritura e a celebração litúrgica conferir em TRIACCA, A. M. “Bíblia e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 135-151.

¹⁹¹ Cf. SC 5; MARSILI, S. *A liturgia, momento histórico da salvação*, p. 107-108.

¹⁹² TRIACCA, A. M. “Tempo e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 1165.

portanto, a comunicação da obra de salvação divina aos homens¹⁹³. Enquanto a Sagrada Escritura é o anúncio do projeto divino de salvação, a liturgia é a sua realização ritual.

Todos aqueles que, mediante a celebração litúrgica, entram em contato com a realidade do mistério de Cristo, permitindo-lhe, com oportunas disposições interiores (entre as quais, em primeiro lugar, a fé), que aja livremente neles, se vão tornando gradativamente conformes a esse mistério e entram, assim, na história da salvação cristologicamente definida¹⁹⁴.

C. Rocchetta afirma que “do princípio ao fim, a história da salvação é a história das sucessivas alianças de Deus com o homem”¹⁹⁵. A aliança de Deus com os homens constitui um fator essencial para a realização da *historia salutis*; ela é a ideia fundamental para a doutrina salvação¹⁹⁶. O Antigo e Novo Testamento são apresentados na tradição cristã como a Antiga e a Nova Aliança.

Além disso, verificamos que os relatos bíblicos apresentam para cada aliança que encontramos, nos relatos veterotestamentários, um sinal visível¹⁹⁷. No decorrer do plano de salvação, Deus sempre se manifestou concretamente aos homens, do *’ôt* da criação ao *’ôt* da nova criação (a encarnação do verbo) a aliança foi apresentada de modo visível. Os profetas de Israel anunciaram a promessa de uma aliança nova e definitiva, e, mesmo com a infidelidade do povo escolhido, a aliança sobrevive, porque Deus é fiel a si mesmo e às suas promessas (cf. Jr 31,31-34). Em Cristo, a espera de Israel chega ao fim. Na cruz entrega sua vida pela expiação dos pecados do mundo. Nesse sentido, ele é o sinal do servo sofredor anunciado pelo profeta Isaías (cf. Is 53,1-12). Jesus institui a nova e eterna aliança que “atinge sua plenitude e se desdobra na Igreja e na existência de cada crente, por meio dos sacramentos”¹⁹⁸.

No contexto da integração entre a exegese e a dogmática é possível relacionar as ações simbólicas dos profetas de Israel, os atos proféticos de Jesus e os

¹⁹³ Cf. JAVIER FLORES, J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 303.

¹⁹⁴ PISTOIA, A. “História da salvação”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 551.

¹⁹⁵ ROCCHETTA, C. *op. cit.* p. 105.

¹⁹⁶ GIBLET, J. – GRELOT, P. “Aliança”. In: LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 26.

¹⁹⁷ A aliança com Noé é sinalizada pelo arco-íris (Gn 9,1-17); no Sinai a aliança é realizada com a mediação de Moisés e através de ritual de sangue do sacrifício oferecido a Deus (Ex 19,1-34); em Siquém, a aliança é estendida também aos povos que se agregaram a Israel e é concluída escrevendo-se a lei de Deus em uma grande pedra (Js 24,25-27); o retorno do exílio é concebido como a renovação da aliança (Ne 9-10).

¹⁹⁸ ROCCHETTA, C. *op. cit.* p. 111.

sacramentos da Igreja como parte das etapas sucessivas da revelação da história da salvação. No Antigo Testamento, Deus envia seus profetas para anunciar uma nova e eterna aliança aos homens. As profecias em Israel tinham a capacidade de transformar o coração do homem. Com efeito, aquilo que os profetas anunciavam em nome de Deus, se realizava; a vontade divina se cumpria em favor de todo o povo. No Novo Testamento, Jesus é a presença profética do Pai, o ápice da profecia. Nele se cumpriu as promessas de Deus; em suas palavras e atos foi inaugurada a nova e eterna aliança. Todos os seus atos em prol dos pobres, pecadores e perdidos manifestavam a potência de sua missão profética. Do seu batismo no Jordão à sua morte no Calvário – transcorridos num contínuo suceder-se de ações simbólicas semelhantes às realizadas pelos profetas – Jesus comunicava a salvação aos homens.

No momento em que Cristo realiza a obra salvífica, por meio do mistério pascal, a Igreja manifesta-se como o sinal da nova eterna aliança, e assim, inaugura-se a última etapa da história da salvação. A antiga Páscoa de Israel alcança o seu cumprimento na morte e ressurreição de Jesus. Por isso, os padres conciliares afirmam que “do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja”¹⁹⁹. Sobre isso, S. Marsili afirma que:

No momento em que Cristo realiza a obra da salvação, nesse momento surge a Igreja, isto é, a salvação realizada na humanidade de Cristo torna-se pleno direito uma realidade para todos os homens, através dos sacramentos (água-sangue-espírito) que exatamente os constituem em verdadeira Igreja, isto é, em Corpo de Cristo (Igreja-mistério)²⁰⁰.

A *Sacrosanctum Concilium* apresenta ainda a liturgia como a continuação da obra de Jesus no mundo²⁰¹. Por ela, a aliança se desdobra no tempo e se atualiza

¹⁹⁹ Esta expressão é extraída da teologia dos padres da Igreja que afirma: “Tal como a mulher foi formada do lado de Adão que dormia, assim do lado do Senhor adormecido, isto é, que morria na Paixão, ao ser ferido com a lança, quando estava na cruz, brotaram os sacramentos com os quais formou a Igreja” (AGOSTINHO DE HIPONA. “Comentário aos Salmos”. In: AL, p. 909).

²⁰⁰ MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”, p. 110.

²⁰¹ Cf. SC 6: “Portanto, assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela Sua morte e ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica. Assim, pelo Batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com Ele mortos, em Ele sepultados, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção de Filhos, “pelo qual clamamos: Abba, Pai” (Rm 8,15), e assim se tornam os verdadeiros adoradores procurados pelo Pai. Da mesma forma, toda vez que comem a ceia do Senhor, anunciam-Lhe a morte até que venha. Por este motivo,

para cada homem nos sacramentos da fé. O mistério pascal de Cristo é realizado através dos ritos litúrgicos e alcança ao homem a mesma salvação concretizada em Cristo. Diante disso, a liturgia é a continuação da obra salvífica de Jesus, efetuada “não na abstração de fórmulas conceituais, mas na concreção de um acontecimento presente e operante”²⁰².

Por isso, a liturgia é reconhecida pela teologia conciliar como o exercício do sacerdócio de Cristo; toda sua vida, desde a encarnação até sua entrega na cruz, é entendida como um culto de glorificação do Pai e de santificação dos homens²⁰³. As ações simbólicas, os gestos proféticos e os sinais realizados por Jesus ao longo da sua vida terrena são agora eficazmente “re-presentados” por meio das ações litúrgicas de cada sacramento. Na celebração de cada ato litúrgico se prolongam os atos de Cristo (*óti*). Dessa maneira, por meio de sua Igreja, ele é “que nos ensina a verdade, que cura os enfermos, que consola os aflitos, que sofre, que morre; que, enfim, ressurge triunfante da morte; que, reinando na glória do céu, nos envia o Espírito Paráclito e vive sempre na sua Igreja”²⁰⁴.

Os sinais visíveis dos atos litúrgicos manifestam e atualizam a ação invisível da graça santificante veiculada pelos sacramentos. Assim, os acontecimentos da vida de Jesus tornam-se presentes pela liturgia, e os atos celebrativos são realizados pelo próprio Senhor²⁰⁵. O mistério de Cristo é comunicado aos homens por gestos e palavras. Da mesma forma que Deus se comunicou com o seu povo na revelação bíblica, continua a fazê-lo no Tempo da Igreja. São Leão Magno dizia: “O que na vida do nosso Redentor era visível passou para os ritos sacramentais”²⁰⁶.

O diálogo entre a teologia bíblica, a patrística e a dogmática possibilitou uma renovação do conceito de sacramento que já não correspondia com às necessidades

no próprio dia de Pentecostes, no qual a Igreja apareceu ao mundo, “os que receberam a palavra” de Pedro “foram batizados”. E “perseveravam na doutrina dos Apóstolos, na comunhão da fração do pão e nas orações, louvando a Deus e cativando a simpatia de todo o povo” (At 2,41-42.47). Nunca, depois disto a Igreja deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal: lendo “tudo quanto a Ele se referia em todas as Escrituras” (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual “se torna novamente presente a vitória e o triunfo de Sua morte” e, ao mesmo tempo, dando graças “a Deus pelo dom inefável” (2Cor 9,15) em Jesus Cristo, “para louvor de sua glória” (Ef 1,12), pela força do Espírito Santo”.

²⁰² JAVIER FLORES, J. *op. cit.* p. 252.

²⁰³ Cf. PIO XII. *Carta Encíclica Mediator Dei*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acesso em 22 de outubro de 2016.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ Cf. SC 7.

²⁰⁶ LEÃO MAGNO. “Sermões para a Ascensão”. In: AL, p. 1207.

do homem contemporâneo. O conceito de sacramento era entendido tão somente como um sinal eficaz da graça ou ainda como sinais visíveis da fé²⁰⁷. A partir de um olhar da exegese contemporânea, os sacramentos passam a ser compreendidos como a continuação das ações proféticas de Jesus, a partir do fio condutor que são os atos (*’ôt*) simbólicos criados pelo Pai, realizados pelo Filho e prolongados no Tempo da Igreja pelo Espírito Santo²⁰⁸.

Os padres conciliares afirmam que a eficácia da Palavra de Deus anunciada e celebrada pelos apóstolos leva a efeito, por meio dos sacramentos, a salvação do homem. Sobre esses atos estão fundamentados a vida litúrgica da Igreja. Os eventos de salvação realizados no Antigo Testamento são sinais anunciadores que se tornam plenos no Novo Testamento. A palavra anunciada pelos profetas torna-se “carne” na plenitude dos tempos e a salvação torna-se uma realidade concreta para todos os homens.

A teologia sacramental presente na *Sacrosanctum Concilium* também é desenvolvida na Constituição dogmática *Lumen Gentium*. A liturgia é, de fato, o ápice de toda a ação eclesial e a fonte de toda a sua virtude, e se desdobra nas atividades da Igreja²⁰⁹. Sobretudo, vista pela *Lumen Gentium* a partir da categoria de “povo de Deus”. Este conceito é fundamentalmente um termo bíblico e de uso frequente na teologia patrística. Durante séculos, ele foi bastante esquecido e prevaleceu a definição de Igreja como “sociedade perfeita”²¹⁰. O resgate do termo “povo de Deus” pelos padres conciliares permitiu uma nova percepção da Igreja.

²⁰⁷ Cf. BOROBIO, D. “Da celebração à teologia. Que é um sacramento?” In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 294.

²⁰⁸ Cf. GUIMARÃES, P. B. *op. cit.* p. 21.

²⁰⁹ Cf. SC 10. Sobre a espiritualidade que surge das ações litúrgicas conferir em NEUNHEUSER, B. “Espiritualidade litúrgica”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 382: “A ação sagrada, naturalmente celebrada de modo autêntico, deve prolongar-se por toda a vida cristã. (...) Trata-se daquela atitude que tem o seu fundamento na obra salvífica realizada por Cristo, tal como nos é comunicada pela fé ativa e pelos sacramentos da fé. (...) Na prática, isso significa tornar presente tal obra salvífica, para prolonga-la na vida cotidiana, vive-la exatamente aí, na esperança de chegar um dia, com o auxílio da graça de Deus, à consumação e à realização escatológica definitiva de tais mistérios no reino de Deus plenamente revelado”.

²¹⁰ A respeito da compreensão da Igreja como “sociedade perfeita” verificar em FORTE, B. *A Igreja. Ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 29: “A concepção visibilista da Igreja, predominante na teologia católica anterior ao Concílio Vaticano II, tinha levado a acentuar o aspecto hierárquico e piramidal da realidade eclesial. A Igreja era vista como uma instituição histórica auto-suficiente (*societas perfecta*), com leis, ritos e líderes próprios entre seus ordenados, em um rígido sistema de dependência, ao qual subjaz a multidão dos fiéis (*societas inaequalis, hierarchica*)”.

Por este termo é possível assimilar a Igreja como continuidade da Aliança e de Israel.

A intenção do Concílio é “mostrar o que é comum a todos os membros do povo de Deus, antes de qualquer distinção de ofício e de estado particular, considerando o plano da dignidade da existência cristã”²¹¹. Desse modo, a teologia conciliar assume a perspectiva de uma eclesiologia de comunhão, e afirma que a unidade da Igreja é superior a qualquer forma de distinção dos seus membros.

O texto bíblico mais importante para a compreensão da eclesiologia do povo de Deus encontra-se em 1Pd 2,9s²¹². Para W. Kasper essa perícopa, que é uma exortação batismal, “pressupõe a novidade da história da salvação cristã e do ato redentor de Jesus Cristo. Por meio deste, também os pagãos que se deixaram batizar se tornaram povo de Deus”²¹³. Assim sendo, o povo de Deus é reunido por Cristo e no sacramento do batismo é inserido no mistério pascal de Jesus (cf. 1Cor 12,13; Rm 6,3ss).

Diante da eclesiologia de comunhão, os padres conciliares prosseguiram apresentando o conceito do sacerdócio comum dos fiéis como uma forma de participação no sacerdócio de Cristo²¹⁴. Pelo batismo, o cristão consagra-se inteiramente a Deus e torna-se “participante das riquezas divinas e das responsabilidades que a consagração batismal implica”²¹⁵. Todos os batizados são chamados a se oferecer como “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12,1).

O exercício deste sacerdócio realiza-se na participação dos sacramentos da Igreja. Por eles, a vida do cristão deve sempre manifestar a presença e a atuação de Cristo na humanidade. Além disso, os batizados também exercem o sacerdócio comum no testemunho de vida, na sua relação pessoal com Deus, na vida matrimonial e familiar, no trabalho, no lazer, diante dos sofrimentos e também das

²¹¹ CONGAR, Y. “La Chiesa come popolo di Dio”. In: *Concilium* 1 (1965), p. 19-20.

²¹² “Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclamais as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa, vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1Pd 2,9s).

²¹³ KASPER, W. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012, p. 169.

²¹⁴ Cf. VITALI, D. “Il popolo di Dio”. In: NOCETI, S. – REPOLE, R. *Commentario al documenti del Vaticano II. Lumen gentium*. v. II. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2015, p. 164.

²¹⁵ FORTE, B. *op. cit.* p. 31.

alegrias. Ou seja, o batizado exerce o seu sacerdócio em todas as suas obras como um culto espiritual a Deus.

Assim, todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do corpo e da alma, se praticados no Espírito, e mesmo os incômodos da vida pacientemente suportados, tornam-se ‘hóstias espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo’ (1Pd 2,5), hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da Eucaristia. Assim também os leigos, como adoradores agindo santamente em toda parte, consagram a Deus o próprio mundo²¹⁶.

A *Lumen Gentium* destaca ainda a participação do povo de Deus no múnus profético de Cristo²¹⁷. Dessa maneira, percebemos que o conceito de “povo de Deus” realça a dignidade batismal dos fiéis. De modo que, o cristão tenha plena consciência de que pelos sacramentos do batismo e da crisma, ele é inserido na vida de Jesus. Na celebração do batismo, a pessoa é ungida com o óleo do crisma e torna-se participante do tríplice múnus de Cristo, como pronunciado no rito do batismo: “O Espírito Santo o consagre com este óleo, para que participem da missão do Cristo, sacerdote, profeta e rei”²¹⁸. Assim sendo, os sacramentos do batismo e da crisma configuram o fiel a Jesus, e na Eucaristia este processo se renova a cada celebração, unindo-o ao sacrifício do Senhor e à sua entrega ao Pai e aos homens. Por isso, afirma W. Kasper que todos os cristãos “devem dar testemunho do Evangelho, todos são conclamados à participação plena, consciente e ativa na celebração da Eucaristia, todos devem se sentir corresponsáveis pela Igreja”²¹⁹.

A teologia conciliar ao revisitar as fontes bíblicas e patrísticas da Igreja tornou possível uma renovação eclesial em todo o mundo. A partir da compreensão da liturgia como o prolongamento da obra da salvação realizada por Cristo, a celebração sacramental assume o seu lugar de importância na vida da Igreja e de cada fiel. Pelo batismo, o sacramento de ingresso na vida cristã, a pessoa torna-se

²¹⁶ CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja”. In: KLOPPENBURG, B. *op. cit.* n. 34 (de agora em diante nos referiremos a este documento pela sigla “LG”).

²¹⁷ LG 12: “O povo santo de Deus participa também do múnus profético de Cristo, pela difusão do seu testemunho vivo, sobretudo através de uma vida de fé e caridade, e pelo oferecimento a Deus do sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o Seu nome (cf. Hb 13,15)”. E também no parágrafo 31: “Estes fiéis pelo batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo.”

²¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. “Ritual do Batismo”. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Sacramentário*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 31.

²¹⁹ KASPER, W. *op. cit.* p. 262.

participante dos mistérios de Cristo, por este sacramento todos os fiéis participam do múnus sacerdotal, régio e profético de Cristo. Pelo ministério profético, todos os batizados se tornam responsáveis pelo anúncio do Evangelho. E desse modo, a missão profética da Igreja será o sinal e a presença de Cristo em todos os lugares, cumprindo, assim, a missão de prolongar os atos salvíficos de Deus na história.

4.2

A missão profética do cristão à luz da teologia conciliar

Após o Concílio Vaticano II, as reflexões sobre a teologia do sacerdócio comum dos fiéis tomaram ainda mais corpo. A participação dos fiéis no múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo continuou a atrair a atenção dos teólogos, de modo particular, no que se refere à missão evangelizadora da Igreja de anunciar o Reino de Deus. Ser missionário não é uma opção para o cristão, mas é algo inerente à sua natureza batismal. Diante disso, revela-se a vocação profética do cristão, que tem origem na participação do fiel na função profética de Cristo.

Para K. Rahner, o profeta, de acordo com a tradição cristã, é fruto da experiência do homem com Deus. O profeta, transmissor da Palavra divina, não se limita a ser alguém que prediz o futuro, todavia é aquele que foi enviado por Deus para comunicar os seus desígnios sobre o ser humano e o mundo. Ele anuncia a Palavra e interpreta os eventos históricos à luz da Verdade, de modo que sua mensagem reflete um conhecimento “divino”, fundamentado na revelação de Deus, acerca do destino do homem e do mundo²²⁰.

Y. Congar, por sua vez, compreende a função profética da Igreja como uma atividade suscitada pelo Espírito Santo. Através da profecia o homem conhece a Deus e faz com que outros também conheçam o Senhor. O termo “profeta” é utilizado, sobretudo, para indicar alguns fiéis que se destacam no anúncio do evangelho e pelo modo como se comprometem com a Palavra. Estes fiéis assumem o compromisso de anunciar a Palavra de vida que transforma por completo o ser humano. Y. Congar recorda os nomes de Martin Luther King, Theilhard, João XXIII, Hélder Câmara e tantos outros que “profetizaram” o Reino de Deus em suas realidades²²¹.

²²⁰ Cf. RAHNER, K. “Profetismo”. In: *Sacramentum Mundi*. v. I. Barcelona: Herder, 1985, p. 570.

²²¹ Cf. CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 87-88.

A missão primordial do profeta é comunicar a palavra de Deus aos seus irmãos. Dessa forma, J. Comblin entende que o profeta anuncia a mensagem divina com palavras e, principalmente, com o testemunho de sua vida. Ele apresenta o desdobramento da teologia do sacerdócio comum dos fiéis também a partir do testemunho dos profetas do Antigo Testamento, que não cessavam de denunciar as injustiças e as situações de pecado de seus contemporâneos. Eles não tinham medo de anunciar palavras de juízo que contrariavam os interesses de autoridades políticas e sociais. J. Comblin fala também de profetas e místicos que viveram no início da Igreja, na Idade Média e nos tempos atuais; eles se uniam na missão de denunciar a indiferença do cristão diante da miséria e da pobreza e dos oprimidos²²².

À luz da teologia sacramental e da participação do mistério de Cristo podemos afirmar que todo batizado é profeta. Sendo assim, ele assume esta missão não por si próprio, mas por estar unido à pessoa e à missão de Jesus Cristo. O conteúdo da mensagem profética concentra-se no anúncio de Cristo sobre o Reino de Deus: “Completo-se o tempo e aproxima-se o reino de Deus; convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). A mensagem do Reino é uma realidade performativa, isto é, envolve toda a vida humana e já realiza na pessoa de modo parcial e simultaneamente definitiva a salvação anunciada.

Conforme verificamos anteriormente, a *Lumen Gentium* evidencia a participação da Igreja na natureza da missão profética de Cristo: “O grande profeta que proclamou o Reino do Pai, quer pelo testemunho da vida, quer pela força da palavra, continuamente exerce seu múnus profético até à plena manifestação da glória”²²³. Assim, a profecia de Cristo não se extingue, mas permanece por sua ressurreição. E continua a ser nos dias de hoje o anúncio de salvação para a humanidade.

Com isso, a natureza teológica do profetismo cristão encontra suas raízes no mistério da redenção, no Cristo morto e ressuscitado para a salvação dos homens. Da mesma maneira que Jesus Cristo anunciou a Boa Nova, os fiéis têm a mesma missão de proclamar a todos o Evangelho que transforma as situações e as

²²² Acerca do profetismo cristão na teologia latino-americana conferir em COMBLIN, J. *op. cit.* p. 245: “O profeta é o cristão ou a cristã que recebe e acolhe a palavra de Deus, com a missão de comunicá-la aos irmãos e às irmãs. Essa Palavra não é um discurso feito de palavras humanas. Deus fala e o profeta expressa essa Palavras em palavras humanas. Elabora um discurso que procura traduzir a palavra de Deus. Deus não usa vocábulos, mas utiliza as palavras dos profetas. Aliás, o profeta fala, em primeiro lugar, pelo testemunho da sua vida”.

²²³ LG 35.

realidades presentes em nosso mundo. O testemunho de vida cristã é a consequência de quem experimentou pessoalmente o poder da Palavra de Deus, e agora a comunica a fim de testemunhar o Cristo que salva, redime e vivifica.

Firmou-se prioritariamente a concepção de que toda a Igreja, cada um dos fiéis, recebe, pelo batismo, o múnus profético (cf. LG 35). O cristão é, assim, deputado à edificação da Igreja, por sua relação com a palavra revelada de Deus, com a qual ele deve identificar-se, vivendo-a e anunciando-a. Mesmo que tais funções possam ficar mais visíveis num ou noutro cristão, todos são chamados a realizar, em dimensão sempre maior, este dom da profecia recebido no batismo²²⁴.

O testemunho dos mártires da Igreja dos primeiros séculos, conforme estudado anteriormente, por exemplo, é uma prova do exercício profético encarnado no homem; esses homens e mulheres de Deus não morriam condenados por seus atos, mas davam a própria vida como um anúncio profético de que a nossa existência não pertence a este mundo, mas à glória de Deus. O exercício da atividade profética é reconhecido pela coerência entre vida e fé.

Uma característica presente no agir profético dos apóstolos e mártires era o destemor no intrépido anúncio da Palavra de Deus. Impulsionados pelo Espírito Santo a continuar a obra missionária de Cristo, os membros da Igreja nascente reconheciam nesse testemunho o valor de uma autêntica vida cristã. Portanto, o Espírito Santo, que falou pelos profetas no Antigo Testamento e na missão profética de Jesus, não é extinto mas continua falando através dos discípulos de Cristo.

A missão que é realizada pelo testemunho cristão não é exclusividade dos apóstolos ou de seus sucessores (hierarquia), mas de todos os membros da Igreja. O testemunho manifesta a vida da graça, recebida pelos sacramentos da iniciação cristã e exercido no mundo por meio das virtudes teologais: fé, esperança e caridade. O testemunho implica a entrega da própria vida. O engajamento dos cristãos não são apenas sinais que atestam a veracidade do Reino de Deus, mas também instrumentos de sua realização no mundo. “A evangelização deve ser realizada através do testemunho pessoal e comunitário, que se expressará de forma especial no contexto do próprio compromisso temporal”²²⁵.

²²⁴ LIMA, M. L. C. *op. cit.* p. 28.

²²⁵ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Medellín”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM. Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, n. 7.13. Utilizaremos os documentos de conclusão das conferências da Igreja Latino-Americana para expor o desenvolvimento da teologia conciliar nosso continente.

Os fiéis recebem de Cristo o Espírito Santo para continuarem a obra de evangelização (cf. At 2,17-18). Eles são inseridos na vida da Trindade através dos sacramentos de iniciação cristã. Deus os capacita, por meio do Espírito, com dons e carismas para suprir as necessidades da missão evangelizadora da Igreja no mundo; esses dons não são apenas para a santificação pessoal, mas também para que os fiéis propaguem o Reino de Deus por todo o mundo.

O carisma está em estreita relação com o dom profético, pois são dons que pertencem a vida ordinária da Igreja. Os dons do Espírito possuem uma função dinâmica e ativa na história da salvação, e na Igreja-comunhão confia aos fiéis diversos ministérios que vitaliza a missão evangelizadora da Igreja²²⁶. Sendo assim, os carismas estão à serviço do povo de Deus e da comunhão entre os seus membros²²⁷. E os fiéis leigos exercem a corresponsabilidade na missão evangelizadora da Igreja em conjunto dos ministros ordenados.

A corresponsabilidade eclesial é um dos princípios da teologia conciliar. A presença de todos os fiéis na Igreja vai além da “participação” ou “colaboração com a hierarquia”, mas é um direito-dever de todos os batizados serem responsáveis pela missão evangelizadora da Igreja²²⁸. Pelo sacramento do batismo, o cristão é constituído profeta. Assim, todo povo de Deus é um povo profético, dotado de sentido da fé e da graça dos carismas. Da mesma forma que Jesus, o grande anunciador, realiza sua missão com a força da palavra e o testemunho de sua vida, assim também, o batizado deve realizar sua missão.

Na força da consagração messiânica do batismo, o Povo de Deus é enviado para servir ao crescimento do Reino nos demais povos. É enviado como povo profético que anuncia o Evangelho ou faz discernimento das vozes do Senhor no coração da história. Anuncia onde se manifesta a presença de seu Espírito. Denuncia onde opera o mistério da iniquidade, mediante fatos e estruturas que impedem participação mais

²²⁶ Uma importante contribuição acerca da ação do Espírito Santo na missão evangelizadora dos fiéis é escrita em JOÃO PAULO II. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 24: “Os carismas devem ser recebidos com gratidão: tanto da parte de quem os recebe, como da parte de todos na Igreja. Com efeito, eles são uma especial riqueza da graça para a vitalidade apostólica e para a santidade de todo o Corpo de Cristo: uma vez que sejam dons verdadeiramente provenientes do Espírito e se exerçam em plena conformidade com os autênticos impulsos do Espírito”.

²²⁷ Os bispos latino-americanos reunidos na Conferência de Medellín afirmam que a Igreja reúne por meio de seus membros a diversidade de carismas, serviços e funções como “obra do único e mesmo Espírito” (1Cor 12,11), de modo que todos os fiéis participam da obra realizada pela Igreja (cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Medellín”, n. 10.7).

²²⁸ Cf. FERNÁNDEZ CONDE, M. *La misión profética de los laicos del Concilio Vaticano II a nuestros días*. Roma: Editrice Pontificio Università Gregoriana, 2001, p. 49.

fraterna na construção da sociedade e no desfrutar dos bens que Deus criou para todos²²⁹.

Cristo nos ensina o verdadeiro profetismo, faz de sua vida e de sua palavra um caminho de redenção e de salvação para os homens. Ele é quem nos indica como devemos testemunhar o Evangelho. Jesus dava testemunho do Pai por meio de obras e palavras, assim, da mesma maneira, nós devemos ser testemunhas fiéis de sua ação no mundo.

O testemunho é fruto do compromisso de uma vida verdadeiramente cristã, em que o batizado aplica na sua vida os ensinamentos do Messias. “Os verdadeiros cristãos, unidos a Jesus, dão por seu turno este mesmo testemunho. Por suas obras, testificam o amor que o Pai tem para com os homens, o poder salvador com que Jesus liberta do pecado, e o amor neles infundido pelo Espírito que neles habita”²³⁰.

Através do testemunho pessoal, os cristãos manifestam ao mundo a condição de filhos do Pai, resgatados por Cristo e santificados pelo Espírito. Por esse testemunho, outros homens e mulheres conhecerão a salvação presente entre nós. A caridade profética e a vida de unidade entre os batizados serão os sinais do advento da salvação do mundo. O comprometimento pessoal e comunitário do anúncio do Evangelho suscita uma nova vida para toda humanidade²³¹. Mesmo diante das perseguições e de sofrimentos, a Igreja nunca deixou de lado sua missão profética de louvar e testemunhar o amor de Deus no mundo. Assim, nos dias de hoje, a vida de cada fiel, mesmo diante de todas as dificuldades, precisa ser o sinal da realização da vontade de Deus no mundo.

Ser profeta na Igreja hoje é assumir na própria carne os mistérios da vida de Cristo; aderir fielmente à proposta de Deus. Toda a vida do cristão com seus

²²⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Puebla”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *op. cit.* n. 267.

²³⁰ *Idem*, n. 968.

²³¹ Sobre o comprometimento do cristão de evangelizar o mundo, João Paulo II recorda que “a primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar. O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentais. Mas todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário. O testemunho evangélico, a que o mundo é mais sensível, é o da atenção às pessoas e o da caridade a favor dos pobres, dos mais pequenos, e dos que sofrem. A gratuidade deste relacionamento e destas ações, em profundo contraste com o egoísmo presente no homem, faz nascer questões precisas, que orientam para Deus e para o Evangelho. Também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem (JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 42).

pensamentos, ações e acontecimentos devem estar orientados ao projeto divino, a fim de neles manter viva a fé, independentemente de quais sejam as circunstâncias. Este encontro com os mistérios de Cristo, realizado nos sacramentos, é o encontro do homem com Deus, na vida e na história. Por isso, sacramento e existência humana estão intimamente interligados, não sendo possível separar um do outro.

A dimensão sacramental da vida cristã atualiza a promessa divina na existência do fiel e gera um apelo à conversão. Da celebração litúrgica surge o compromisso de uma vida cristã, isto é, a partir de uma opção radical pelo projeto de Deus. Cada discípulo de Cristo é chamado a agir em conformidade com o próprio Senhor, isso que o faz receber o nome de cristão. Pelo Filho, no Espírito Santo, o fiel realiza o desígnio de Deus Pai. Para A. Pistoia, a relação da pessoa com a Trindade é como um processo de “cristificação”, que busca viver orientado a criar uma humanidade nova em um mundo novo²³². Este processo é realizado a partir da fé e da participação no mistério pascal de Cristo, celebrado pela Igreja, de modo específico, nos sacramentos de iniciação cristã.

O Documento de Santo Domingo acentua o caráter humano de Cristo em relação à pessoa. A humanidade de Deus transforma a humanidade do homem, pois Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem²³³. A história, as opções, o ministério e o testemunho de Cristo estão todos voltados para o homem. As ações proféticas que Jesus realiza enaltecem a dignidade de cada pessoa.

Nesse sentido, a identificação com a pessoa de Jesus acontece no interior de cada homem: nos sentimentos, nas intenções, na forma de pensar e amar, e na compaixão diante a debilidade humana. O cristão se identifica com toda a vida de Cristo, inclusive com sua paixão, como um grão de trigo que cai na terra para dar frutos (cf. Jo 12,24). Como Cristo amou o homem até o fim e o salvou com seu sangue, assim os cristãos, resgatados pelo batismo para possuírem uma nova vida,

²³² Cf. PISTOIA, A. “Compromisso e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *op. cit.* p. 200.

²³³ Os bispos na Conferência de Santo Domingos seguem a teologia do Concílio Vaticano II a respeito do mistério do homem a partir de Cristo em CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Santo Domingo”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *op. cit.* n. 159: “Jesus ordenou a seus discípulos que distribuíssem o pão multiplicado à multidão necessitada, de modo que ‘todos comeram e ficaram saciados’ (cf. Mc 6,34-44). Curou os enfermos, passou a vida fazendo o bem (At 10,38). No final dos tempos, nos julgará no amor (cf. Mt 25). Jesus é o bom samaritano (Lc 10,25-37) que encarna a caridade e não só se comove, mas se transforma em ajuda eficaz. Sua ação é motivada pela dignidade de todo homem, cujo fundamento está em Jesus Cristo como Verbo criador (Jo 1,3), encarnado (cf. Jo 1,14)”.

unem-se a Jesus e assumem a missão de ir ao encontro de todos os homens a fim de que se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (cf. 1Tm 2,4).

Nas fontes sacramentais, a Igreja assume a sua missão profética no mundo de proclamar o “hoje” da salvação em Cristo. Os atos litúrgicos anunciam e tornam presente o Reino de Deus – eles atestam, portanto, a afirmação dos padres conciliares de que a liturgia é o ápice e fonte de toda a atividade da Igreja²³⁴. Diante de todas as outras ações da Igreja é na celebração litúrgica que o fiel encontra o ponto de partida para a construção de um mundo novo e também um ponto de chegada na concretização do reinado de Deus. O comprometimento ético do cristão tem as suas raízes nos eventos da história da salvação. Os atos sacramentais da Igreja são atos proféticos que realizam a memória do evento salvífico e tornam-se uma fonte de inspiração para o compromisso cristão.

4.3

Os atos proféticos de Jesus prolongados nos atos da Igreja

Os atos proféticos de Jesus são prolongados na história por meio da Igreja. Nela, estes atos manifestam ao mundo o próprio Salvador em obras e palavras. Tais ações impelem os homens a manifestar na própria vida os atos de Jesus. Como a origem dos sacramentos encontra-se nas ações proféticas de Cristo, conseqüentemente, os atos de cada membro da Igreja devem revelar a pessoa do Messias. Dessa forma, os sacramentos são atos proféticos enquanto anunciam a Boa Nova do Reino de Deus como sinais do perdão, da esperança e da comunhão que Jesus veio propor ao mundo. Eles também denunciam a persistência no pecado, além de serem agentes de transformação da vida pessoal e comunitária.

Os sacramentos atualizam a proclamação da Palavra por meio de sinais visíveis. A comunidade que celebra os sacramentos torna-se a presença permanente da Palavra e dos atos de Jesus²³⁵. Assim, uma Igreja que busca retornar às suas fontes é chamada a assumir para si os atos de Cristo como atos eclesiais. Por isso, toda Igreja deve buscar constantemente a sua própria conversão. Como somos

²³⁴ Cf. SC 10.

²³⁵ Sobre a primazia da Palavra de Deus na celebração dos sacramentos conferir em MALDONADO, L. “Como se celebra. Elementos e dinamismo da celebração”. In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. I. São Paulo: Loyola, p. 188-235; VAGAGGINI, C. *O sentido espiritual da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 393-433.

julgados pelas obras que realizamos, nosso testemunho deve ser inspirado na vida dos profetas de Israel, que souberam responder fielmente ao chamado de Deus, e nas ações proféticas de Cristo. Com isso, a Igreja deve refletir nos seu agir as ações de Jesus.

Os sacramentos, como sinais visíveis da ação da Igreja, devem expressar a sua realidade profética. Nesse sentido, já não cabe uma celebração que não reproduza o agir de Cristo. A liturgia é o local privilegiado onde encontramos as ações de proféticas de Jesus e o prolongamos no mundo por meio do testemunho e compromisso cristão²³⁶.

Diante disso, P. Rosato divide os sacramentos em dois grupos²³⁷. O primeiro grupo reúne os sacramentos que incorporam os cristãos às ações de justiça de Cristo: batismo, confirmação, reconciliação e unção. E o segundo conjunto refere-se aos sacramentos que une os fiéis à missão de auto-doação de Jesus: Eucaristia, ordem e matrimônio²³⁸. P. Rosato identifica a origem dos sacramentos não nas palavras, mas sim nos atos proféticos de Cristo²³⁹. Desse modo, o teólogo deseja superar uma compreensão superficial dos atos sacramentais, de que eles não se referem à vida ética do cristão. Para isso, ele expõe a liturgia sacramental como o envolvimento contínuo dos cristãos nas ações de Jesus, de modo que cada sacramento passa a ser vivido como um acontecimento na história de cada fiel.

O batismo é mais do que um rito de iniciação à vida cristã; é um ato profético que reúne os cristãos em torno da justiça divina²⁴⁰. Através do sinal (*'ot*) do batismo, Jesus fez conhecer a justiça de Deus (cf. Lc 7,29). A vida nova recebida pelos batizados na celebração litúrgica é marcada pela justiça divina. O gesto simbólico do batismo do Senhor se destina à conversão dos pecadores. Cristo não é batizado para ser purificado, mas para unir-se aos injustos; esse é um ato de solidariedade e de justiça para curar os que foram feridos pelo pecado. Assim, a justiça de Deus é

²³⁶ Cf. FLORISTÁN, C. "Pastoral litúrgica". In: BOROBIO, D. (org.). *op. cit.* p. 453.

²³⁷ O Catecismo da Igreja Católica no parágrafo 1211 divide os sacramentos em três grupos: os sacramentos de iniciação (batismo, confirmação e Eucaristia), os sacramentos de cura (reconciliação e unção dos enfermos) e os sacramentos de serviço (ordem e matrimônio).

²³⁸ Cf. ROSATO, P. *op. cit.* p. 51. Para a abordagem desta temática que propomos, nos baseamos na teologia sacramental de P. Rosato.

²³⁹ Convém ressaltar a teologia dos sacramentos no Catecismo da Igreja em que afirma que "os sacramentos são 'forças que saem' do corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante; são ações do Espírito Santo operante no corpo de Cristo, que é a Igreja; são "as obras-primas de Deus" na Nova e Eterna Aliança" (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1116).

²⁴⁰ Voltamos a lembrar, como tratamos no item 2.3 de nossa pesquisa, que o batismo está relacionado ao ato da justiça de Deus. Jesus se une aos injustos para torná-los justos.

realizada no mundo por meio do sacramento do batismo. A evangelização e a celebração dos sacramentos justificam os homens pela atualização dos atos de Cristo.

O *'ot* do batismo no Jordão torna real a experiência da justiça divina para os que sofrem com a injustiça promovida pelo pecado. Jesus, unindo-se aos injustos, convida-os a serem solidários com ele por meio da prática da justiça que manifesta o Reino de Deus. A ação profética da Igreja prolonga no mundo este gesto de justiça. Portanto, o sacramento do batismo deve gerar no batizado a compreensão de que não deve ser conivente com nenhuma situação de injustiça. A libertação do pecado original resulta no fiel a renúncia a toda iniquidade em relação ao próximo e em relação ao Pai, em conformidade com a proposta radical de Jesus. A vida cristã está fundamentada na justiça de Deus que oferece ao homem a salvação. Esse, por sua vez, deve responder à graça sacramental estabelecendo com o próximo relações promotoras da justiça de Cristo que lhe foi alcançada²⁴¹.

Da mesma forma que os atos proféticos de Cristo foram sinais sacramentais da justiça divina, os atos proféticos da Igreja serão gestos realizadores da justiça do Pai no mundo. A Igreja, fiel ao ensinamento do Salvador, exercerá no mundo sinais promotores da justiça e da fraternidade, à maneira dos profetas de Israel e das primeiras comunidades cristãs. Para P. Rosato, o desdobramento da justiça de Deus realizada pelo sacramento do batismo dá-se nos sacramentos da crisma, da reconciliação e da unção dos enfermos²⁴². Por eles a graça do batismo é aprofundada e solidificada na vida dos cristãos.

Esses sacramentos são próprios ao estilo da vida de Jesus e, conseqüentemente da vida do justo. Os atos de Cristo eram sinais reveladores do Reino. Dessa maneira, a profecia messiânica de Isaías (cf. Is 61,1ss) cumpre-se no *'ot* de Nazaré, no qual Jesus retrata como será o seu ministério e, por conseguinte, o objetivo de seus atos: a evangelização dos pobres, a libertação dos presos, a cura dos cegos e a libertação dos oprimidos. Dessa maneira, a profecia da sinagoga de Nazaré indica a ação da Igreja no mundo.

²⁴¹ Cf. ROSATO, P. *op. cit.* p. 59.

²⁴² Em relação aos sacramentos que estende a justiça de Deus no mundo, P. Rosato expõe que “o modo como Jesus manifestou a justiça divina em forma humana depois de seu batismo era uma resposta à visão distorcida que pessoas desesperadas, culpadas e sofredoras estão propensas a adotar em relação ao ser e às promessas do Pai. O ministério batismal de Jesus foi realmente dirigido para combater um conceito e uma falsa atualização da justiça substituindo um e outra por uma visão escatológica baseada na esperança, no perdão e na compaixão” (Idem, p. 61).

A unção crismal nasce da unção de Cristo em Nazaré. Jesus se apresenta como o ungido do Senhor e nas suas palavras renova a esperança messiânica destinada aos pobres, aos prisioneiros, aos cegos e aos oprimidos. Da mesma forma, a Igreja participa da missão de Cristo de levar a esperança onde não existe. Os fiéis crismados, ungidos pelo Espírito Santo, assumem o mandato de anunciar a esperança do cumprimento da justiça de Deus.

Jesus anuncia a boa nova do Reino aos pobres e pecadores. Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a nossos povos que Deus no ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Como cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras²⁴³.

A Igreja, que prolonga no mundo os atos proféticos de Cristo, faz uma opção preferencial por todos os que sofrem e são oprimidos pelo pecado. Ela assume sua missão de ser a presença do próprio Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Diante dos pecadores, Jesus age com a justiça de Deus e os reconcilia com o Pai. Ele os justifica pelo perdão e pela misericórdia de Deus, oferecendo aos pecadores a condição de se arrepender e se converter²⁴⁴.

A conversão é a atitude daquele que acolhe na sua vida a misericórdia de Deus. O chamado à conversão não deve realizar-se de forma abstrata, mas da maneira mais concreta possível. A Palavra de Deus ilumina o mais íntimo do coração do homem e as situações nas quais atua, a fim de que lhe mostre o pecado e, confiando na misericórdia divina, abrace uma vida de conversão²⁴⁵. Jesus manifesta o seu perdão por meio de palavras e também com atos de acolhimento aos pecadores: as refeições que fazia junto aos que estavam afastados de Deus eram sinais de misericórdia e de acolhida (cf. Mc 2,16; Lc 14,1-6). Nos atos simbólicos de perdão e reconciliação, Jesus “preanunciou e iniciou na história uma nova

²⁴³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2011, n. 30.

²⁴⁴ Cf. FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em 15 de novembro de 2016.

²⁴⁵ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. “Penitência”. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *As instruções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 79.

realidade salvífica”²⁴⁶. Este novo tempo, refere-se ao chamado que Cristo faz aos pecadores para participarem do banquete messiânico.

O ato profético da reconciliação foi comunicado aos apóstolos por Cristo, que os capacitou a perdoar os pecados (cf. Jo 20,22s). Por esse gesto, os atos misericordiosos de Cristo são prolongados no mundo e alcança aos homens a justiça e a esperança divina. Além disso, a reconciliação promove uma conversão social a favor do perdão e da paz entre os homens. Ser perdoado por Deus implica em também assumir o compromisso de buscar uma vida de comunhão com os irmãos. Para ser uma comunidade profética, a Igreja deve estar empenhada na obra da reconciliação do mundo, isto é, deve ser sinal de concórdia tanto para os que pertencem à comunidade eclesial, quanto para os não-crentes. Uma Igreja reconciliada busca de todos os modos repetir os gestos conciliadores de Cristo²⁴⁷.

Outra atitude fundamental de Jesus, que também pertence a própria natureza da Igreja, é a compaixão para os que sofrem. Cristo é o sinal da misericórdia de Deus para com o mundo, “revela-se a cada um de nós no mais profundo da nossa miséria”²⁴⁸. O ato profético de compaixão surge da convicção da dignidade de cada pessoa, representa o amor de Jesus junto daqueles que sofrem e aguardam o Reino dos Céus. Entre os gestos simbólicos de Jesus, sem dúvida, os que mais impressionavam eram as curas físicas, que manifestavam o poder redentor de Deus perante os males humanos.

Diante da dor do próximo não é possível permanecer indiferente. O ato profético de compaixão é a expressão do amor de Deus por aqueles que sofrem. Já na comunidade primitiva, a unção dos enfermos com o óleo demonstrava a continuidade do cuidado de Jesus com os doentes. A certeza da comunidade de que “a oração da fé” é capaz de salvar o doente e o “colocar de pé” (cf. Tg 5,15)

²⁴⁶ ROSATO, P. *op. cit.* p. 65.

²⁴⁷ Papa Francisco questiona sobre o testemunho de perdão que toda Igreja dever dar: “Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai. Por isso me dói muito comprovar como nalgumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias ideias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos? ” (FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 100. Na conclusão de nosso trabalho citaremos este documento pela sigla EG).

²⁴⁸ CORBON, J. *op. cit.* p. 188.

impulsionava os discípulos a não abandonarem os que sofriam, mas a permanecerem com eles em meio as dores.

A Igreja não pode ser insensível diante do sofrimento humano. “A unção dos enfermos é um sacramento que representa a compaixão histórica de Jesus e prefigura a compaixão final que aguarda toda pessoa no Reino de Deus”²⁴⁹. Como ato profético da Igreja, este sacramento manifesta a misericórdia de Deus diante da doença e da dor, alimentando, assim no fiel, a fé e a esperança; é o prolongamento da compaixão de Jesus pelo homem que nunca deve ser abandonado pela Igreja²⁵⁰.

P. Rosato apresenta o segundo grupo de sacramentos como atos de autoadoção: Eucaristia, ordem e matrimônio. Eles expressam que da mesma forma que o Salvador viveu sem reserva a favor de todos os homens, os batizados também se tornam sinais desta entrega ao próximo²⁵¹.

A Eucaristia é o sinal profético do sacrifício de Cristo para a salvação da humanidade. Na última ceia encontramos a prefiguração da entrega do Salvador no Calvário, o pão e o vinho por ele abençoados foram entregues para nós como o seu corpo e sangue. Assim, esse é o sacramento da doação que Cristo faz de si mesmo para cada homem²⁵².

Na celebração eucarística cada participante se torna outro Cristo. Por isso, os cristãos são chamados a prolongar no mundo os atos de doação de Jesus, da mesma forma que o Salvador se doa aos homens, os cristãos devem transformar a própria vida em um dom para o próximo. Com isso, a entrega de Cristo a favor dos homens permanece visível no mundo por meio de cada fiel. Os membros da Igreja dos primeiros séculos tinham clareza do valor da Eucaristia para a própria vida e, por

²⁴⁹ ROSATO, P. *op. cit.* p. 68.

²⁵⁰ Cf. FRANCISCO. *Audiência Geral na Praça de São Pedro no dia 26 de fevereiro de 2014*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140226_udienza-generale.html. Acesso em 15 de novembro de 2016.

²⁵¹ ROSATO, P. *op. cit.* p. 71.

²⁵² No Cenáculo, Jesus institui três novos “mandamentos”: “Ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34), “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19) e “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Para F-X. Durrwell, estes três mandamentos são como que três liturgias inseparáveis (cf. DURRWELL, F-X. *Eucaristia ed evangelizzazione*. Magnano: Qiqajon, 2000, p. 12-14). As palavras e os atos de Cristo realizados no Cenáculo não foram esquecidos pela comunidade cristã. Os discípulos compreenderam o que Jesus lhes pedia, que seus atos fossem prolongados na vida de cada um deles. E assim também todas as ações de Jesus Cristo que revelam o Reino de Deus no mundo.

isso, eles corriam todo o perigo para celebrar o mistério sagrado, doavam-se totalmente a Deus e ao próximo.

Um gesto que se destaca na celebração eucarística é a fração do pão, um sinal de partilha que recorda os fiéis o dever de compartilhar os dons distribuídos por Deus²⁵³. Ademais, o Papa Francisco encontra neste sacramento a fonte da caridade e da solidariedade da Igreja que se nutre do Pão de Cristo. Diante deste manancial é natural que o cristão se comprometa e ajude aqueles que não têm o pão de cada dia²⁵⁴. O pontífice segue a intuição do Concílio Vaticano II de que a Igreja deve seguir o caminho de pobreza do Senhor e reconhecer nos pobres e sofredores a pessoa do próprio Cristo²⁵⁵.

É na liturgia que os batizados assumem um compromisso de caridade e de conversão. Cada cristão é convidado a gerar na sua vida os mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Perante a pobreza, toda Igreja deve estar direcionada às obras de caridade e à ação missionária, de modo que contribua com o desenvolvimento e promoção humana²⁵⁶. O Reino anunciado por Cristo é incompatível com as diversas situações que agridem o homem.

Desse modo, em cada Eucaristia, o fiel renova o compromisso de se doar em favor do próximo. A realização desta doação se compreende nos sacramentos de “serviço”: ordem e matrimônio. Assim como a Eucaristia, eles estão relacionados aos atos de autodoação de Jesus. Neles, cada discípulo toma a consciência de que é membro vivo do Corpo de Cristo e, por isso também participa dos atos proféticos

²⁵³ Cf. BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014, p. 164.

²⁵⁴ Nos discursos e documentos publicados pelo Papa Francisco é visível a teologia pós-conciliar desenvolvida nas Conferências do Episcopado Latino-Americano. No *Angelus* do dia 7 de junho de 2017, Papa Francisco declarou que “Jesus ensinou aos seus discípulos a ter a sua mesma predileção pelos doentes e pelos sofredores e transmitiu-lhes a capacidade e a tarefa de continuar a conceder no seu nome e segundo o seu coração alívio e paz, através da graça especial deste Sacramento. (...) Quem está presente no Sacramento é o próprio Senhor Jesus, que nos guia pela mão, nos acaricia como fazia com os doentes e nos recorda que já lhe pertencemos e que nada — nem sequer o mal nem a morte — jamais nos poderá separar d’Ele” (FRANCISCO. “*Angelus na Praça de São Pedro no dia 7 de junho de 2015*”. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus_20150607.html. Acesso em 18 de novembro de 2016).

²⁵⁵ A Igreja latino-americana, diante da miséria e da pobreza de seu continente, aprofundou teologicamente a relação entre os atos da Igreja e a solidariedade com os pobres. Os documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida à luz das Sagradas Escrituras e das ações de Cristo orientam como devem agir diante dos que sofrem. Toda Igreja deve se conscientizar do dever de solidariedade para com os pobres, diante de seus problemas e lutas, na denúncia da injustiça e opressão (cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Medellín”, n. 10).

²⁵⁶ Cf. Idem, n. 9.

de Jesus. Cada um em sua vocação específica é chamado a colocar-se a serviço da comunidade e doar-se pelo próximo.

O sacramento da ordem possui um vínculo intrínseco com a Eucaristia; destina o homem ao serviço de todo o povo de Deus. Este sacramento fundamenta-se nos gestos de humildade e serviço do Cristo-servo que dá a vida por seu rebanho. No ato profético de serviço, o batizado por meio da imposição das mãos do bispo assume o dever de “pregar a palavra de Cristo, prolongar seus atos proféticos, promover sua justiça e sua caridade mediante a direção pastoral, bem como inaugurar seu Reino por meio de todas essas atividades”²⁵⁷. A escolha dos doze aparece no ministério de Jesus como a antecipação do novo Israel, um ato criador de comunidade que estará a serviço do novo povo de Deus, edificado sobre a humildade e o serviço de Cristo.

O ministro ordenado anuncia o Reino de Deus como sinal do Cristo presente no mundo. A tradição sacramental nos ensina que ele é *alter Christus*, o sacerdote é a presença sacramental do Cristo na comunidade em que está inserido²⁵⁸. Assim sendo, os ordenados são sinais vivos da mensagem que anunciam. Exercem a sua missão profética “na medida em que tenha feito a experiência do Deus vivo. Só esta experiência o fará portador duma palavra poderosa para transformar a vida pessoal e social dos homens, de conformidade com o desígnio do Pai”²⁵⁹.

O sacramento do matrimônio, por sua vez, reproduz o ato profético da fidelidade de Cristo. A união entre os esposos expressa a entrega mútua entre Jesus, o esposo e a Igreja, sua esposa. Esse sacramento representa o amor do Senhor que se entrega solidariamente por nós até o fim (cf. Jo 13,1; 15,9). O ponto culminante deste amor é a cruz, que é prolongada na mútua doação de vida entre os cônjuges.

Na união de vida do homem e da mulher por um recíproco consentimento, o marido e a esposa, em Cristo, constituem uma nova comunidade de vida e de amor. Eles se tornam sinal da fidelidade e da doação de Cristo aos homens. Assim, o ato profético da fidelidade revelado no sacramento do matrimônio é o gesto concreto

²⁵⁷ ROSATO, P. *op. cit.* p. 85.

²⁵⁸ O fato de o Ministério ser um sacramento da Igreja quer dizer que ele comunica não somente uma função, mas também uma graça específica àqueles que o recebem, destinados assim a participar da santidade do corpo místico de Cristo. O exercício autêntico da missão específica dos ordenados é, pois, um estímulo para caminhar para a maturidade cristã como compromisso de todos (cf. ROSATO, P. *op. cit.* p. 86-87).

²⁵⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Puebla”, n. 692.

do amor humano que encontra sua plenitude ao participar do amor divino. “O amor conjugal é a doação recíproca entre um homem e uma mulher, os esposos: é fiel e exclusivo até à morte e fecundo, aberto à vida e à educação dos filhos, assemelhando-se ao amor fecundo da Santíssima Trindade”²⁶⁰.

Ainda dentro deste nosso item, gostaríamos de abordar o tema da misericórdia como um dos mais importantes, essenciais e urgentes atos proféticos da Igreja. Na celebração dos cinquenta anos de conclusão do Concílio Vaticano II, o Papa Francisco convocou o ano santo extraordinário da misericórdia²⁶¹. O Santo Padre deseja que toda Igreja olhe intensamente a misericórdia de Deus para se tornar um sinal eficaz do agir do Pai²⁶². A Igreja é, portanto, o sacramento da misericórdia, a responsável por tornar visível no mundo de hoje o amor misericordioso de Deus. Por isso, uma Igreja profética no início do século XXI é uma Igreja que norteia os seus atos na misericórdia de Deus.

É Jesus quem ensina a ser misericordioso como o Pai (cf. Lc 6,36). Nas suas ações e nas suas palavras, toda a sua pessoa, revelava os atos de Deus. Na medida em que Jesus manifestava esse amor, ele convida a outras pessoas a acompanhá-lo. Este novo “povo eleito” reunido por Cristo para segui-lo tinha um único destino: a cruz. O caminho do discípulo não é outro diferente de seu Mestre. É na cruz que Deus mostra o seu amor misericordioso por toda a humanidade.

Sobre a missão da Igreja W. Kasper afirma que:

A primeira tarefa da Igreja consiste em anunciar a mensagem da misericórdia. Justamente na situação atual, em que muitos vivem como se Deus não existisse, não se pode deixar que esta mensagem seja posta de lado e desviada para cenários secundários. A Igreja tem de avançar até ao centro da mensagem evangélica, colocando no primeiro plano a mensagem do Deus misericordioso²⁶³.

A Igreja deve anunciar para o mundo a atualidade da misericórdia divina nos seus atos e palavras. Desse modo, repercute para todo o mundo o testemunho do amor de Deus. Esta mensagem tem implicações em todas as suas atividades, não apenas para Igreja como instituição, mas também para a vida de todos os seus

²⁶⁰ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, n. 117.

²⁶¹ O próprio Papa Francisco na bula de proclamação do Ano Santo associa a celebração de conclusão do Concílio com a proclamação do Jubileu da misericórdia se referindo as palavras do Beato Paulo VI na conclusão do Concílio.

²⁶² FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*.

²⁶³ KASPER, W. *A misericórdia. Condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 196.

membros. Os cristãos precisam ter uma vida de solidariedade, justiça e misericórdia.

Cada batizado é chamado a viver da misericórdia de Deus. Tendo feito esta experiência do amor divino, o perdão das ofensas será a expressão mais evidente deste amor. Além disso, as obras de misericórdia espirituais e corporais são o modo prático pelo qual agimos com misericórdia²⁶⁴. À luz do Evangelho, a nossa consciência nos acusa se estamos sendo autênticos discípulos de Cristo. João Paulo II escreve: “A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora”²⁶⁵.

Os atos proféticos da Igreja são, portanto, atos de misericórdia que anunciam a verdade sobre Deus e sobre os homens. Estas ações revelam que Deus é amor e se entrega por completo à humanidade a fim de salvá-la. Todos os atos que a Igreja realiza devem ser sinais visíveis dessa entrega, a única capaz de tornar presente no mundo a misericórdia de Deus. A Igreja, sacramento de misericórdia do Pai, presença eficaz de Cristo no mundo, profetiza à humanidade a vontade de Deus, que quer salvar e conduzir todos os homens à plenitude do Reino de Deus.

No Concílio Vaticano II, os padres conciliares desejaram uma Igreja que fosse capaz de comunicar o anúncio da salvação no mundo contemporâneo. Do mesmo modo, a teologia pós-conciliar continua a refletir sobre essa missão da Igreja. Certamente, a missão de evangelizar não é uma tarefa exclusiva da hierarquia da Igreja; é também uma missão de todos os cristãos. A percepção dos atos de Jesus como ações simbólicas – que se prolongam na Igreja na forma dos sacramentos – permite a todo cristão a consciência de que, pelo batismo, ele assume o compromisso profético de anunciar a Palavra de Deus com seus gestos e palavras; com a própria vida.

²⁶⁴ As obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar, os presos, enterrar os mortos. E as obras de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos.

²⁶⁵ JOÃO PAULO II. *Dives in misericordiae*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html. Acesso em 10 de novembro de 2016.

Por obras e gestos, o batizado deve se tornar sacramento de Cristo no mundo; encarnação da Palavra de Deus nas situações concretas da vida. Assim, na família, no trabalho, nas relações pessoais e no cuidado com aqueles que sofrem, o cristão é chamado a prolongar os atos de Jesus. Dessa forma, Cristo permanece no mundo por meio de sua Palavra, dos sacramentos e do autêntico testemunho dos membros de seu corpo.

5 Conclusão

Sendo o nosso campo de pesquisa a teologia sistemático-pastoral, objetivo de nossa Dissertação foi oferecer uma contribuição à teologia sacramental de nosso tempo a partir de um diálogo entre a teologia bíblica, a teologia patrística e a teologia dogmática.

A partir da ótica da exegese contemporânea, os sacramentos podem ser lidos e compreendidos como a continuação das ações proféticas realizadas por Jesus de Nazaré. Os seus atos, com efeito, levam a pleno cumprimento as ações simbólicas realizadas pelos profetas de Israel, e, ao mesmo tempo, são prolongados na Igreja por meio da ação do Espírito Santo.

A revelação bíblica – vétero e neotestamentária – bem como o testemunho dos primeiros cristãos e da Igreja dos primeiros séculos nos dão a conhecer a riqueza e importância do ministério profético de Jesus para a comunidade cristã de todos os tempos, mormente para o exercício do ministério profético da Igreja hoje.

Os profetas do Antigo Testamento anunciaram o projeto salvífico de Deus e o seu juízo amoroso para com Israel e todos os homens. Segundo o próprio testemunho desses homens de Deus, esse anúncio sempre esteve intimamente vinculado as suas vidas; a missão que lhes fora confiada tinha como preço a oferta, a entrega da própria existência. Por esse radicalismo é que os homens reconheciam o autêntico profeta e a força exercida pela Palavra do Senhor em suas vidas; esta mesma Palavra que eles deviam anunciar. Por essa razão, a mensagem de Deus corria o risco de perder a força e credibilidade caso o profeta não testemunhasse com sua própria vida aquilo que anunciava. Para comunicar essa Palavra, os profetas, em geral, se utilizavam de sinais capazes de atrair a atenção de seus ouvintes: são as “ações simbólicas” ou “*’ôt* proféticos”. Na profecia bíblica vê-se claramente a unidade que se forma entre a mensagem que se quer anunciar e o sinal profético que a acompanha e lhe confere credibilidade.

Em Jesus de Nazaré se cumprem todas as profecias do antigo Israel; nele se realiza em plenitude tudo o que fora anunciado pelos profetas. Na qualidade de Palavra eterna que se encarnou na história para realizar o desígnio salvífico de seu Pai, Jesus se revela como o profeta de Deus por excelência. Por meio de suas obras e palavras, Jesus anunciou o Reino dos Céus e se revelou como o *’ôt* privilegiado

do Pai. Na qualidade de “imagem do Deus invisível”, ele se mostra como o sinal sacramental do agir de Deus no mundo para justificar os homens. Por essa razão, todo o ministério de Jesus se cumpre em atos proféticos que anunciam e concretizam a salvação dos homens. Seu batismo no Jordão, as curas e os exorcismos que realiza, as refeições que faz com os pecadores, o chamado dos doze apóstolos, a multiplicação dos pães, sua transfiguração no Tabor, a purificação que opera no templo de Jerusalém, o lava-pés e a Ceia no cenáculo são enfáticos e importantes exemplos de atos proféticos anunciadores da presença do Reino de Deus entre os homens. Todos eles culminam no *’ôt* da cruz e desembocam na ressurreição, isto é, no sacramento pascal que reconciliou definitivamente os homens com Deus.

As obras e palavras de Cristo se prolongaram na vida da Igreja dos primeiros séculos, em cada um de seus membros. A comunidade primitiva percebeu claramente a importância de rememorar as ações proféticas de Cristo. Isso se verifica, sobretudo, na celebração memorial dos gestos de Jesus. Em atos sacramentais como o batismo e a Eucaristia, isso se evidencia em toda a sua pujança. O que era celebrado nos *ôt* cúltricos se transportava para a vida, a tal ponto de se pensar na existência daqueles cristãos como atos reveladores do Reino de Deus, como um eloquente anúncio de uma mensagem profética. Por meio de sinais sacramentais, os primeiros cristãos faziam memória das ações proféticas de Cristo e uniam esses atos à força operante da Palavra de Deus. Em outros termos, o que se verificou na missão dos profetas de Israel e, particularmente, na existência de Jesus, se reproduz também nos gestos rituais que a comunidade cristã celebrava. Naqueles gestos eles faziam a experiência da salvação outrora prometida e plenamente cumprida no mistério pascal de Jesus. Desse modo, os atos proféticos de Cristo, realizadores do evento da salvação, se prolongavam no mundo e na história, na força do ministério profético da comunidade cristã.

Através do *’ôt* profético do batismo celebrado pela Igreja, o homem é inserido no mistério pascal de Jesus e se torna participante de sua morte e ressurreição. Além disso, o batizado é integrado ao povo messiânico e passa a tomar parte da missão profética, régia e sacerdotal do Ressuscitado. Desse modo, o cristão é chamado a prolongar em sua própria vida as ações proféticas de Cristo.

A Igreja dos primeiros séculos tinha viva consciência de que, na qualidade de povo de Deus e corpo de Cristo, tomava parte na missão profética de seu Senhor.

Essa Igreja se percebia como comunidade profética em virtude de nela estar em contínua ação o Espírito Santo. Da mesma forma como Jesus havia declarado ter recebido o Espírito Santo para cumprir a sua missão de anunciar profeticamente o Evangelho – “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos, e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19)” – assim também os cristãos da primeira hora testemunham, através do culto e da vida, que receberam o Espírito Santo no batismo a fim de serem capazes de proclamar a Boa Nova da salvação, com gestos e palavra, ao mundo inteiro.

Nos primeiros tempos da Igreja, o testemunho profético dos cristãos foi fortemente marcado pelo martírio. Os mártires dos primórdios do cristianismo se revelam como autênticos profetas. Durante o tempo de perseguição e sofrimento por causa do testemunho do Evangelho, eles viveram a fidelidade ao Senhor e perseveraram até o fim. Como os profetas de Israel, os mártires cristãos anunciavam a mensagem de salvação com gestos e palavras, mas sobretudo com a entrega da própria vida. Ao transmitir ao mundo uma mensagem de fé e esperança, mesmo em meio às contradições e à dor, eles prolongavam na história o *’ôt* da cruz de Jesus e se tornavam uma viva expressão do mistério que celebravam na Eucaristia, sacramento de ação de graças e doação ao Senhor.

Na documentação dos relatos dos mártires – registros do III e IV séculos –, encontramos o forte vínculo que existia entre a celebração da Eucaristia e o testemunho dessa celebração na vida cotidiana. As ações litúrgicas não se reduziam absolutamente a atos religiosos que pouco ou nada tinham a ver com a existência humana e cristã. Os mártires, pelo contrário, demonstram com palavras e atos a sintonia existente entre liturgia e vida. O testemunho das “Atas do Martírio” nos relata como os atos sacramentais plasmavam a vida concreta do cristão e como era luminosa a certeza de que, por estes atos, o cristão se conformava ao mistério de Deus e ao Cristo-mistério.

Após o período de perseguição dos cristãos, os Padres da Igreja se empenharam em elaborar uma catequese de cunho bíblico e mistagógico a fim de que a consciência do valor da celebração e do testemunho do mistério pascal de Cristo não se perdesse, mas estivesse vivamente presente naqueles que desejavam abraçar a fé. Por meio da catequese mistagógica, os Padres conduziam os

catecúmenos à vivência integral do Evangelho, tanto a nível pessoal como comunitário. À luz das Sagradas Escrituras, eles passavam a compreender os ritos litúrgicos como uma continuidade dos atos de Cristo na Igreja, os quais orientavam e iluminavam a vida cristã. Os Padres da Igreja, ao forjarem um itinerário catecumenal que visava o seguimento a Cristo na obediência do Evangelho, se mostram como autênticos profetas, homens de gestos e palavras. Por meio do modelo de formação cristã que propunham tornava-se possível a experiência de uma autêntica vida cristã, ou seja, uma vida que procurava prolongar, em palavras e atos, as ações de Cristo.

O Concílio Vaticano II, ao tratar do ser e da missão da Igreja, buscou no “retorno às fontes” da Sagrada Escritura e da teologia dos Padres uma inspiração para tratar da presença e do testemunho da Igreja no mundo contemporâneo. Dessa forma, os padres conciliares resgatam dos escombros a noção bíblica e teológica de “povo de Deus”, de “sacerdócio comum dos batizados” e de corresponsabilidade dos fiéis leigos na missão evangelizadora. Somente assim, segundo o pensamento do Concílio, seria possível promover na Igreja e nos cristãos uma profunda consciência de sua identidade e missão. De fato, a teologia conciliar deixa claro que a responsabilidade missionária não é um privilégio das instâncias hierárquicas da Igreja, mas diz respeito a todos os cristãos. A Igreja é o “novo povo de Deus”, onde todos os batizados estão unidos a Deus, por Cristo, no Espírito. Pelo sacramento do batismo, os fiéis participam do sacerdócio universal de Cristo e de sua missão régia e profética.

Eis porque cada batizado é chamado a anunciar a Palavra de Deus com palavras, gestos e a própria vida. Todo batizado é um profeta, uma vez que a vocação profética é uma realidade inerente ao *’ôt* batismal. O anúncio do Evangelho acontece no cotidiano do cristão, que tem como missão propagar o Reino de Deus no mundo. O paradigma da missão batismal encontra-se nas ações proféticas de Jesus, que são prolongadas no mundo por meio dos sacramentos e pelo testemunho dos batizados. Daí serem os cristãos chamados a exercerem na história o *múnus* profético e a assumirem na própria carne os mistérios da vida de Cristo.

A teologia sacramental maturada nos anos do pós-Concílio tem se apresentado com uma tônica bíblica, eclesial e profética. Os sacramentos da Igreja, segundo essa teologia, passam a ser compreendidos no dinamismo do ministério profético de Cristo e de suas ações salvíficas. Eles não se limitam a ser apenas sinais

externos que comunicam a graça de forma abstrata e estática, mas são entendidos como atos proféticos que agem de forma concreta e dinâmica na vida e na história do nosso tempo. Sem dúvida alguma, a teologia sacramental contemporânea, ao enfatizar a natureza profética dos sacramentos, se encontra muito próxima à concepção bíblica e patrística de *mysterion-sacramentum*.

Os sacramentos, como sinais reveladores do Reino, inserem o cristão na dinâmica da justiça de Deus. Por meios de seus atos proféticos – atos de perdão, esperança, compaixão e doação –, Cristo anunciava a Boa Nova aos pobres, injustiçados, oprimidos, pecadores e enfermos. Por essas ações, Jesus também denunciava o pecado e a injustiça e transformava a realidade de cada homem em sinal do Reino. A Igreja, por sua vez, como transmissora do Evangelho, prolonga no mundo a presença e a ação de Cristo. Ela cumpre sua vocação evangelizadora proclamando aos homens a pessoa e a mensagem de Jesus. Além disso, o povo de Deus vive a fidelidade de sua missão seguindo os passos do Senhor. Do mesmo modo que o Messias anunciava a Boa Nova do Reino, os cristãos, discípulos de Jesus Cristo, devem proclamar o Evangelho a toda criatura.

Estamos cientes de que a nossa pesquisa é apenas uma abordagem inicial do vasto e profundo tema dos sacramentos como sinais das ações de Cristo prolongados na Igreja. Ele reclama por ser continuado e aprofundado em futuros trabalhos. Após o trajeto até aqui percorrido, podemos afirmar que a teologia sacramentária tem ainda seu caminho de investigação, a fim de que se aprofunde a renovação que nela foi iniciada a partir da segunda metade do século.

Foi encantador e empolgante perceber, passo a passo em que desenvolvíamos a pesquisa, como é prenhe de riquezas a teologia dos sacramentos à luz da revelação bíblica, da tradição dos Padres e do pensamento atual da Igreja. Nosso desejo é que as contribuições oferecidas em nossa Dissertação despertem em nosso tempo um renovado interesse pelos atos sacramentais celebrados na Igreja. Isso fará com que cada cristão assuma sua missão profética e concretize no mundo o Reino de Deus. “Seja como for, todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a sua proximidade, a sua Palavra, a sua força, e dá sentido à nossa vida” (EG 121).

6

Referências bibliográficas

AGOSTINHO DE HIPONA. “Comentário aos Salmos”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 879-913.

ALDAZÁBAL, J. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, A. *Lumen Gentium. A transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

ALONSO SCHÖKEL, L. – SICRE DIAZ, J. L. *Profetas*. v. I. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. *Profetas*. v. II. São Paulo: Paulinas, 1991.

ALVAREZ GOMEZ, J. *Historia de la Iglesia. Edad Antigua*. Madri: BAC, 2001.

AMBRÓSIO DE MILÃO. “Os Sacramentos”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 604-613.

AMSLER, S. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

ARENAS, O. *Jesus, epifania do amor do Pai*. São Paulo: Loyola, 2001.

AUGÉ, M. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BALAGUER, R. *Catequesis y liturgia em los Padres. Interpelación a la catequesis de nuestros días*. Salamanca: Sígueme, 1988.

BALLARINI, T. – BRESSAN, G. *O profetismo Bíblico*. Uma interpretação ao profetismo e profetas em geral. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARBAGLIO, G. “O evangelho de Mateus”. In: BARBAGLIO, G. – FABRIS, R. – MAGGIONI, B. (orgs.). *Os Evangelhos*. v. I. São Paulo: Loyola, 2002, p. 33-420.

BERGAMINI, A. “Ano litúrgico”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 58-63.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas – Atos –*. São Paulo: Paulinas, 1996.

- BOGGIO, G. *Jeremias, o testemunho de um mártir*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BONNEAU, G. *Profetismo e instituição no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BOROBIO, D. “Da celebração à teologia. Que é um sacramento?” In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 283- 424.
- BOSELLI, G. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- BOUYER, L. – DATTRINO, L. *La spiritualità dei Padri*. Bologna: Edizioni dehoniane, 1998.
- BUYST, I. – SILVA, J. *O Mistério celebrado: memória e compromisso*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CANTALAMESSA, R. *O canto do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CASALEGNO, A. *Ler os atos dos Apóstolos. Estudo da teologia lucana da missão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- CASPANI, P. *Renascer da água e do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CASTELLANO, J. “Oração e Liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 815-825.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.
- CIBIEN, C. “Gestos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 502-512.
- CIRILO DE JERUSALÉM. “Catequeses mistagógicas”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 552-564.
- CLEMENTE DE ALEXANDRIA. “Stromata VII”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 194-195.
- COLLINS, J. “Isaías”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *Comentário bíblico*. v. II. São Paulo: Loyola, 2008, p. 11-44.
- COMBLIN, J. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. In: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39-120.

_____. “Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia”. In: KLOPPENBURG, B. *Compêndio do Vaticano II. Constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 259-308.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. “Penitência”. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *As instruções gerais dos livros litúrgicos*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 67-89.

_____. “Ritual do Batismo”. In: CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Sacramentário*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 7-33.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Medellín”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM. Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 71-224.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Puebla”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM. Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, p. 225-584.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. “Santo Domingo”. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM. Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, p. 585-782.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CONGAR, Y. *A palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. “La Chiesa come popolo di Dio”. In: *Concilium* 1 (1965), p. 19-43.

CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS. “Livro II”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 473-475.

CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 2014.

CRAVEN, T. “Ezequiel”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *Comentário bíblico*. v. II. São Paulo: Loyola, 2008, p. 67-87.

DANIEL-ROPS, H. *A Igreja dos apóstolos e dos mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

DIDASCÁLIA DOS APÓSTOLOS. “Livro II”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 262-266.

DIDAQUÉ. “Instrução do Senhor aos gentios”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 100-107.

DUPONT, J. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974.

DUQUOC, C. *Cristologia. Ensaio Dogmático*. v. I. São Paulo: Loyola, 1977.

DURRWELL, F-X. *Eucaristia ed evangelizzazione*. Magnano: Qiqajon, 2000.

ELLIS, P. “Jeremias”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs.). *Comentário bíblico*. v. II. São Paulo: Loyola, 2008, p. 45-66.

ESPINEL, J. *La cena del Señor. Acción profética*. Madri: PPC Edicabi, 1976.

FABRIS, R. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. “O evangelho de Marcos”. In: BARBAGLIO, G. – FABRIS, R. – MAGGIONI, B. (orgs.). *Os Evangelhos*. v. I. São Paulo: Loyola, 2002, p. 421-621.

FERNÁNDEZ CONDE, M. *La misión profética de los laicos del Concilio Vaticano II a nuestros días*. Roma: Editrice Pontificio Università Gregoriana, 2001.

FIGUEIDEDO, F. *Curso de teologia patrística*. v. II. Petrópolis: Vozes, 1984.

FLORISTÁN, C. “Pastoral litúrgica”. In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. I. São Paulo: Loyola, 1990, p. 425-461.

FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus na história. Ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Igreja. Ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO. *Angelus na Praça de São Pedro no dia 7 de junho de 2015*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_angelus_20150607.html. Acesso em 18 de novembro de 2016

_____. *Audiência Geral na Praça de São Pedro no dia 26 de fevereiro de 2014*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2014/documents/papa-francesco_20140226_udienza-generale.html. Acesso em 15 de novembro de 2016.

_____. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Misericordiae Vultus*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em 15 de novembro de 2016.

FRANQUEZA, A. “O testemunho litúrgico nas Atas dos Mártires”. In: *Liturgia e Vida* 197 (1986), p. 5-18.

GIBLET, J. – GRELOT, P. “Aliança”. In: LÉON-DUFOUR, X. (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 26-33.

GRINGS, D. *Dialética da Política: História Dialética do Cristianismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

GUIMARÃES, P. B. *Os sacramentos como atos eclesiais e proféticos. Um contributo ao conceito dogmático de sacramento à luz da exegese contemporânea*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1998.

HIPÓLITO DE ROMA. “Tradição apostólica”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 244-257.

HOLSTEIN, H. *A experiência do evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1977.

JAVIER FLORES, J. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

JERÔNIMO. “Comentário ao profeta Isaías”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 774-775.

JOÃO CRISÓSTOMO. “Homilia sobre São Mateus”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 737-741.

JOÃO PAULO II. *Dives in misericordiae*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html. Acesso em 10 de novembro de 2016.

_____. *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. *Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2013.

JUSTINO. “Apologia I”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 145-149.

KASPER, W. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

_____. *A misericórdia. Condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo, Loyola, 2015.

KURTZ, W. “Atos dos Apóstolos”. In: BERGANT, D. – KARRIS, R. (orgs). *Comentário bíblico*. v. III. São Paulo: Loyola, 2008, p. 143-174.

LEÃO MAGNO. Sermões para a Ascensão. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 1206-1207.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Divino Afflante Spiritu*. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_3009_1943_divino-afflante-spiritu.html. Acesso em 20 de outubro de 2016.

LIMA, M. L. C. *Mensageiros de Deus. Os profetas e profecias no antigo Israel*. Rio de Janeiro: Puc-Rio : São Paulo: Reflexão, 2012.

MALDONADO, L. “Como se celebra. Elementos e dinamismo da celebração”. In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja. Liturgia e sacramentologia fundamental*. v. I. São Paulo: Loyola, p. 188-235.

MARSILI, S. “A liturgia, momento histórico da salvação”. In: MARSILI, S. (org.). *A liturgia, momento histórico da salvação*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 37-190.

_____. *Sinais do mistério de Cristo. Teologia litúrgica dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. “Teologia da celebração da eucaristia”. In: MARSILI, S. (org.). *A Eucaristia. Teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 7-202.

MARTÍN, J. *A Liturgia da Igreja. Teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MATEOS, J. *O evangelho de São João. Análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulus, 1999.

MAZZA, E. *La Mistagogia una Teologia della Liturgia in epoca patristica*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988.

MELLO, A. *La passione dei profeti*. Magnano: Qiqajon, 2000.

MOLINERO, A. *Las otras liturgias occidentales*. Bilbao: EGA, 1992.

MOTTU, H. *Il gesto e la parola*. Magnano: Qiqajon, 2007.

NEUNHEUSER, B. “Espiritualidade litúrgica”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 370-388.

_____. *História da liturgia através das épocas culturais*. São Paulo: Loyola, 2007.

NOCENT, A. “Os três sacramentos de iniciação cristã”. In: NOCENT, A. et al. (orgs.). *Os sacramentos. Teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, p. 7-141.

PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002.

PIO XII. *Carta Encíclica Mediator Dei*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20111947_mediator-dei.html. Acesso em 22 de outubro de 2016.

PISTOIA, A. “Compromisso e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 196-208.

_____. “História da salvação”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 544-554.

RAHNER, K. “Profetismo”. In: *Sacramentum Mundi*. v. V. Barcelona: Herder, 1985, p. 570-575.

RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré. Do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. São Paulo: Planeta, 2011.

_____. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

RENGSTORF, K. “Semeion”. In: KITTEL, G. – FRIEDRICH, G. (orgs.). *Grande lessico del Nuevo Testamento*. v. XII. Brescia: Paideia, 1979, p. 18-192.

ROCCHETTA, C. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.

ROSATO, P. *Introdução à teologia dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2006.

- RUIZ BUENO, D. (org.). *Actas de los mártires*. Madrid: BAC, 2003.
- SARTORE, D. “Sinal-símbolo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 1142-1151.
- SAXER, V. “Martírio”. In: BERARDINO, A. (org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 895-901.
- SCHILLEBEECKX, E. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- _____. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo, Paulus, 2008.
- SCOTT, R. *Os profetas de Israel. Nossos contemporâneos*. São Paulo: ASTE, 1968.
- SICRE DIAZ, J. L. *Profetismo em Israel. O profeta, os profetas, a mensagem*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- STOCKMEIER, P. – BAUER, J. *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2009.
- SUSINI, M. *Il martírio Cristiano esperienza di encontro com Cristo. Testimonianze dei primi ter secoli*. Bologna: Edizione dehoniane, 2002.
- TARRUEL, J. G. “Salmos”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 1095-1109.
- TEODORO DE MOPSUÉSTIA. “Homilias catequéticas”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 790-811.
- TERTULIANO. “A oração”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 217-220.
- _____. “Apologético”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 203-208.
- _____. “Contra Marciano”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 231-232.

_____. “O Baptismo”. In: CORDEIRO, J. L. (org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 211-217.

TIHON, P. “A Igreja”. In: SESBOÜÉ, B. (org.). *Os sinais da salvação. Séculos XII – XX*. v. III. São Paulo: Loyola, 2005, p. 285-463.

THEISSEN, G. – MERZ, A. *O Jesus histórico*. São Paulo: Loyola, 2004.

TRACCA, A. M. “Bíblia e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 135-151.

_____. “Espírito Santo”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 359-370.

_____. “Tempo e liturgia”. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. M. (orgs.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 1163-1173.

VAGAGGINI, C. *O sentido espiritual da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VIRGULIN, S. “Elías-Eliseo”. In: ROSSANO, P. et al. (orgs.). *Nuevo Dicionario de Teologia Biblica*. Madri: Paulinas, 1990, p. 490-496.

VITALI, D. “Il popolo di Dio”. In: NOCETI, S. – REPOLE, R. *Commentario al documenti del Vaticano II. Lumen gentium*. v. II. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2015, p. 143-208.

VON RAD, G. *Teologia do Antigo Testamento*. v. II. São Paulo: ASTE: 1974.